The background of the cover features a stylized illustration of three figures in traditional, possibly historical or folkloric, clothing. The figures are rendered in a light, sketchy style against a dark, textured background. The figure on the left is a woman in a long, flowing dress with a high collar and long sleeves. The central figure is a man in a long, draped robe and a tall, pointed hat, holding a long staff or cane. The figure on the right is another man in a long, flowing robe and a wide-brimmed hat. The overall aesthetic is that of a historical or cultural study.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)

CENTRO DE HUMANIDADES (CH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOABE BARBOSA AGUIAR

**UMA FESTA PARA A RAINHA DA BORBOREMA: O
CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1960 - 1964)**

CAMPINA GRANDE – PB

MAIO DE 2014.

JOABE BARBOSA AGUIAR

**UMA FESTA PARA A RAINHA DA BORBOREMA: O
CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1960 - 1964)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de concentração em Cultura, Poder e Identidades em Campina Grande, 2014.

Orientador: Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A282f

Aguiar, Joabe Barbosa.

Uma festa para a rainha da borborema: o centenário de Campina Grande (1960-1964) / Joabe Barbosa Aguiar. – Campina Grande, 2014. 191 f. il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires".

Referências.

1. História – Cultura – Campina Grande (PB). 2. Centenário. 3. Teatrocracia I. Aires, José Luciano de Queiroz. II. Título.

CDU 930.85(813.3)(043)

JOABE BARBOSA AGUIAR

**UMA FESTA PARA A RAINHA DA BORBOREMA: O
CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1960 - 1964)**

Dissertação Avaliada em ___/___/___

Conceito: _____

Dr. José Luciano Queiroz Aires
Orientador

Dr. Gervácio Batista Aranha
Examinador Interno

Dr. Élio Chaves Flores
Examinador Externo

Dra. Marinalva Vilar de Lima
Suplente Interno

Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto
Suplente Externo

Campina Grande

Maio de 2014.

Dedicatória

À minha mãe (in memoriam) e ao meu pai por ter acreditado e incentivado os meus estudos e a minha esposa, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante de nossas vidas, olhamos para trás e percebemos que nesta longa caminhada nunca estivemos sozinhos, sempre contamos com o apoio, com o carinho e a atenção daqueles que nos amam, por isso não poderia deixar de agradecer e enaltecer todas as pessoas que em grau diferente, contribuíram para a conclusão deste curso.

Chegamos ao final de mais uma jornada de nossa vida e neste momento a sensação é de vitória. Nas primícias dos meus agradecimentos, não poderia de ressaltar a busca e a importância de Deus nesta caminhada; foi no Seu infinito amor que encontrei consolo nos momentos de angústia, por isso a Ele eu rendo a minha vida em forma de gratidão.

Aos meus pais; Nivaldo Barbosa Aguiar e Magna Seli Barbosa (in memoriam), que apesar das dificuldades e obstáculos cotidianos sempre se propuseram a ajudar das mais variadas formas. A minha mãe dedico com todo amor e carinho este trabalho, pois, mesmo sem sua presença neste momento, sua lembrança permeia cada passo e cada letra grafada nestas páginas. Em meio às lágrimas e ao suor de cada batalha posso afirmar que nosso sonho foi realizado, mãe!

Aos meus irmãos, Geraílton e Jailton, por todos os momentos que passamos juntos e pelas palavras e gestos de carinho e força que me ajudaram a suportar esta caminhada. A minha avó, que sempre foi fonte de inspiração e luta; ao meu avô que com suas histórias sobre a guerra, foi o primeiro a despertar meu desejo de ouvir e contar para a histórias. Aos meus sobrinhos, Maxsuel e Gabriel, que me proporcionaram momentos incríveis, onde a brincadeira e a descontração foram o centro do encontro. E, Marinalva, minha (boa) drasta, pelo seu carinho e amor, hoje se tornou parte integrante de minha vida.

Aos colegas que compartilharam suas experiências durante a caminhada do mestrado, aos mestres, que auxiliaram e incentivaram com palavras ou pelo exemplo que a caminhada valia muito a pena.

Aos amigos de jornada na Escola Manoel Estevam de Miranda, no sítio Floresta, de Barra de São Miguel – PB, pelos momentos de conversa, de descontração e de enorme aprendizado. Gleydson, Gilmara, Heliane, Érika, Neto... Enfim, a todos.

As diversas instituições e funcionários que abriram seus arquivos e contribuíram de tal maneira para este trabalho, bem como, o sr. João Jerônimo da Costa por ter-me concedido uma entrevista, Sérgio Ricardo, por ter aberto seus arquivos para pesquisa.

Aos professores Gervácio Aranha e Élio Flores pelas grandes contribuições na qualificação e nesta defesa, que muito ajudaram no amadurecimento da pesquisa e do pesquisador.

E ao meu orientador, obrigado. Pelos anos de dedicação e auxílio, nos encontrando nas salas de aula, e agora neste infundável e tortuoso projeto. José Luciano de Queiroz Aires é um espelho de competência, respeito e exemplo de mestre e pessoa.

Ao meu amor, minha esposa, que as palavras se tornam escassas para demonstrar todo o carinho, respeito, e gratidão que tenho por ti. Roseane, o ano de 2014 foi uma prova de fogo para o nosso amor, resistiu a esta dissertação! E, posso dizer fortalecido. Muito obrigado.

RESUMO

Como leitores ávidos por novos horizontes e paisagens do passado, convido-lhes para esta trajetória em busca de novos significados sobre o centenário de Campina Grande (1964). Trata-se de uma investigação *acerca* da teatralização do poder, tendo como suporte a construção simbólica e imagética. Conduzimos teoricamente nossa pesquisa a partir do debate com a *Nova História Política*, nessa fundamentação, diálogo com os autores do campo da *teatrocracia*, como Balandier e Geertz. Adotamos como fonte de pesquisa o jornal *Diário da Borborema* que circulava no período em análise, além dos livros de Ata da Câmara dos Vereadores de Campina Grande, músicas produzidas para o centenário, álbum de figurinhas e fotografias sobre o evento festivo. Metodologicamente nos pautamos pela análise das falas, impressões e observações produzidas do contato com nossas fontes, com a preocupação de irmos além do meramente escrito, no sentido de compreender seus discursos como resultantes das relações de poder. Neste cenário, pretendemos decodificar as festas, os ritos e os cerimoniais como as letras de um alfabeto.

PALAVRAS-CHAVE: CENTENÁRIO. TEATRO DO PODER. HISTÓRIA POLÍTICA.

ABSTRACT

As readers eager for new horizons and landscapes of the past, invite them to this path in search of new meanings about the centenary of Campina Grande (1964). This is an investigation about the theatricality of power, supported the construction and symbolic imagery. We conduct our research theoretically from the debate with the New Political History, in this reasoning, dialogue with the authors in the field of teatrocracia as Balandier and Geertz. We adopt as a research newspaper *Diário da Borborema* that circulated in the period, and the books of the Minutes of the City Council of Campina Grande, songs produced for the centenary, sticker album and photographs about the festive event. Methodologically we have guided the analysis of discourse, impressions and observations produced contact with our sources, with the worry of going beyond the purely written, in order to understand their speech because of power relations. In this scenario, we want to decode the festivals, rites and ceremonies like the letters of an alphabet.

KEYWORDS: CENTENNIAL - THEATER POWER - POLITICAL HISTORY.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENÁRIO (COMCENT).....	38
QUADRO II - ASSESSORIA DA COMISSÃO DO CENTENÁRIO.....	39
QUADRO III - SUGESTÕES DO JORNALISTA NILO TAVARES A COMCENT..	41
QUADRO IV - CALENDÁRIO OFICIAL DO CENTENÁRIO – COMCENT.....	43
QUADRO V - RESULTADO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CAMPINA GRANDE (1963)	61
QUADRO VI - TORNEIO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE – 1964... 67 e 68	
QUADRO VII - GRUPO DE TRABALHO DO CENTENÁRIO.....	83
QUADRO VIII - GRUPOS, ESCOLAS E INSTITUTOS QUE DESFILARAM NO DIA 27 DE SETEMBRO.....	93 e 94
QUADRO IX - TEMAS DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)	99 e 100
QUADRO X - RESULTADO DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)	129 e 130
QUADRO XI - PROGRAMAÇÃO DA FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS PREFEITOS PARAIBANOS.....	174

LISTA DE ICONOGRAFIAS

IMAGEM I – “PASSEATA DA MULHER CAMPINENSE” NA CAMPANHA DE NEWTON RIQUE.....	54
IMAGEM II - “CAMPANHA DA LATA” – PASSEATA NA CAMPANHA DE LANGSTEIN DE ALMEIDA.....	58
IMAGEM III – CHARGE FEITA PELO PTB SOBRE A “CAMPANHA DA LATA”	60
IMAGEM IV – Iº SALÃO DE FOTOGRAFIA DE CAMPINA GRANDE – 1964....	66
IMAGEM V – OBRAS EXECUTADAS DURANTE A PRESIDÊNCIA DE VITAL DO RÊGO NA COMCENT.....	73
IMAGEM VI – COMISSÃO CULTURAL DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE.....	74
IMAGEM VII – MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE EM CAMPINA GRANDE.....	78
IMAGEM VIII – POSSE DE JOÃO JERÔNIMO COMO PREFEITO DE CAMPINA GRANDE.....	81
IMAGEM IX – CARTAZ PUBLICITÁRIO DA FESTA DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE.....	89
IMAGEM X – PROGRAMA DO FESTIVAL POPULAR DO CENTENÁRIO.....	90
IMAGEM XI – PROGRAMAÇÃO SOB O PATROCÍNIO DO GOVERNO DO ESTADO NO PARQUE DE DIVERSÃO COONEY ISLANDY.....	91
IMAGEM XII – DESFILE CÍVICO DO CENTENÁRIO (27 Out. 1964)	95
IMAGEM XIII – HORÁRIO DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)	97
IMAGEM XIV – CAPA DO ÁLBUM DAS FIGURINHAS DE CAMPINA GRANDE	107
IMAGEM XV – EDIFICAÇÕES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.....	110

IMAGEM XVI – TEODÓSIO DE OLIVEIRA LÊDO E O ALDEAMENTO DOS ARÚS.....	113
IMAGEM XVII - CRIAÇÃO DA VILA NOVA DA RAINHA.....	116
IMAGEM XVIII - ELEVAÇÃO DA VILA À CATEGORIA DE CIDADE.....	117
IMAGEM XIX - A CHEGADA DO TREM EM CAMPINA GRANDE (1907)	118
IMAGEM XX - PERSONALIDADES CAMPINENSES.....	121
IMAGEM XXI - FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.....	123
IMAGEM XXII - CAPA DA EDIÇÃO ESPECIAL DO DIÁRIO DA BORBOREMA (11 Out. 1964)	127
IMAGEM XXIII - DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)	128
IMAGEM XXIV - FOTOS DE CAMPINA GRANDE NO DIA DO CENTENÁRIO.....	131
IMAGEM XXV - RUA DO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO INUNDADA PELA CHUVA.....	139
IMAGEM XXVI - ANIMAL NAS RUAS DE CAMPINA GRANDE.....	142
IMAGEM XXVII - CAPA DO COMPACTO DISCO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE.....	144
IMAGEM XXVIII - CONTRACAPA DO COMPACTO DISCO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE.....	146
IMAGEM XXIX - COMBOGÓS COMEMORATIVOS AO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1964)	158
IMAGEM XXX - MONUMENTO AO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE.....	165
IMAGEM XXXI - BANDEIRA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (1964)	171
IMAGEM XXXII - PLANTIO DA ÁRVORE DA CONFRATERNIZAÇÃO.....	175

SUMÁRIO

1. COSTURANDO UM TEMA	14
1. 1 - INTRODUZINDO A CENA FESTIVA.....	14
1. 2 - A METODOLOGIA E AS FONTES: JORNAIS, ICONOGRAFIAS e MÚSICAS.....	23
1. 2.1 - HISTÓRIA E FONTES ESCRITAS.....	24
1. 2. 2 - HISTÓRIA E ICONOGRAFIA.....	27
1. 2.3 - HISTÓRIA E MÚSICA.....	29
2. OS PREPARATIVOS DA FESTA DA RAINHA: A ORGANIZAÇÃO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1960-1964)	32
2. 1 - A CÂMARA CENTENÁRIA: A ATUAÇÃO DA CÂMARA DOS VEREADORES DE CAMPINA GRANDE NOS PREPARATIVOS DO CENTENÁRIO.....	33
2. 2 - “O SALVADOR DO CENTENÁRIO”: PEDRO GONDIM E A COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENÁRIO (COMCENT).....	36
2. 3 - O PREFEITO CENTENÁRIO: AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1963.....	47
2. 3. 1 - A “CAMPANHA DA ESPERANÇA” vs A “CAMPANHA DA LATA” - NEWTON RIQUE vs LANGSTEIN DE ALMEIDA.....	53
2. 4 - A COMCENT: DO PRÉ AO CENTENÁRIO – OS AJUSTES PARA A FESTA.....	62
2. 5 - A COMISSÃO CULTURAL DO CENTENÁRIO: O OLHAR INTELLECTUAL DA CIDADE.....	74
2. 6 - “CASSAR E CAÇAR”: RESQUÍCIOS DO GOLPE MILITAR DE 1964 EM CAMPINA GRANDE.....	76

2. 7 - O GRUPO DE TRABALHO DO CENTENÁRIO: A PREFEITURA MUNICIPAL PROTAGONIZA A CENA.....	82
3. CLIO VAI À FESTA: AS APROPRIAÇÕES DO PASSADO EM RITOS E IMAGENS CÍVICAS.....	87
3. 1 - UMA MEMÓRIA-HISTÓRICA DE CAMPINA GRANDE VAI ÀS RUAS: O DESFILE CÍVICO PARA A RAINHA CENTENÁRIA.....	92
3. 2 - CAMPINA GRANDE QUADRO À QUADRO: O ÁLBUM DE FIGURINHAS DA RAINHA CENTENÁRIA.....	105
3. 3 - QUERO O PAPEL PRINCIPAL: CAMPINA GRANDE COMO PROTAGONISTA NO CENÁRIO NORDESTINO.....	125
4. LUGARES DE MEMÓRIAS PARA A RAINHA CENTENÁRIA: CAMPINA GRANDE MUSICALIZADA E MONUMENTALIZADA.....	134
4. 1 - SEDUZINDO OS OUVIDOS: CANTANDO A RAINHA CENTENÁRIA.....	135
4. 2 - O TOQUE DO PODER: OS SÍMBOLOS PRODUZIDOS DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA RAINHA.....	155
4. 3 - “ECOS DA MARSELHESA”: O RITUAL DE PLANTIO DA ÁRVORE DA CONFRATERNIZAÇÃO NO CENTENÁRIO DA RAINHA.....	173
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
BIBLIOGRAFIA.....	182
FONTES.....	190

1. COSTURANDO UM TEMA

Pensar que a cidade de prédios altos, casarões antigos e casas singelas, que nos acompanham durante o nosso caminhar, foi inscrito em estátuas e monumentos, foi cantada e recitada por músicos e poetas, foi rabiscada por autores e pintores, foi captada em seus diversos ângulos e paisagens por fotógrafos durante o centenário de sua emancipação política, leva-nos a problematizar, a decodificar e a entender os símbolos que a circundam. Desde então, durante o caminhar por ruas, avenidas e praças de Campina Grande, nosso olhar busca captar os gestos, os bailados, o entretenimento, as tramas políticas e sociais, enfim, o enredo que formava esta cena festiva e política.

No ano de 2014 nos deparamos com uma série de discursos, oriundos da oficialidade, a exemplo do executivo e legislativo municipal, dos intelectuais e de certos barristas, que buscam a efetivação de um programa festivo para a celebração dos 150 anos da urbe. Neste sentido, salientamos a relevância e contemporaneidade do tema que estamos aqui a tecer, cujo fabrico será a Dissertação de Mestrado *Uma festa para a Rainha da Borborema: o centenário de Campina Grande (1960 – 1964)*.

1.1 - INTRODUZINDO A CENA FESTIVA

Este trabalho versa sobre as produções simbólicas e teatrais durante a festa do centenário de Campina Grande ocorrida em 1964, tendo como objetivo investigar as comemorações, os ritos, os meandros da teatralização do poder, a sua simbologia, bem como, os atores envolvidos nesta trama.

Esse estudo tem como recorte inicial o ano de 1960, período em que iniciaram os discursos e ações visando a realização das festividades dos cem anos de Campina Grande, principalmente na Câmara Municipal. O ponto final deste trabalho acompanha a culminância das celebrações, no ano de 1964, momento do ápice comemorativo.

A partir deste cenário, pretendemos tinturar nas páginas deste trabalho, recorrendo ao universo de Clio, novas paisagens e cenários sobre o centenário de Campina Grande.

Da união de Zeus e Mnemósine nasceram nove musas, personificando as artes e as ciências. Clio é uma delas, a musa grega da História. Representada por uma jovem com uma coroa de louros e um pergaminho nas mãos, ela é frequentemente acompanhada por um baú de livros.

Evocada por seus “discípulos” no mundo terreno - os historiadores - Clio, ao longo do tempo, vestiu-se e transvestiu-se, foi adornada “metodicamente” para narrar os fatos do Estado; viveu nos acampamentos militares descrevendo as guerras, os feitos dos grandes homens; desceu ao oceano dos seus domínios para enxergar as “profundezas” do fato e não apenas as *espumas das coisas*; tinturaram em seu nome formas esqueléticas e paisagens enegrecidas (Aranha, 1998/99, p. 49 e 50); rejuvenesceu com os ares da França, ganhando o status de *La nouvelle histoire* (BURKE, 1997).

Enfim, continuamos nós, historiadores, rabiscando e/ou digitando, de uma maneira poética as vestimentas, os adornos, as linhas que formam a imagem de nossa musa, a História. Entre os campos e domínios de Clio, a dimensão do político nos atraiu. O encantamento dos palcos, a espetacularização, as resistências à sedução do poder, o teatro político e suas teias de significados, construindo uma gramática de práticas e sentimentos. Vista por esse ângulo, a nossa caça humana, para falar com Marc Bloch, nesta dissertação de mestrado, são as tramas do poder, que envolveram homens e mulheres, durante a festa do centenário em Campina Grande (1964).

Ao analisar parte da historiografia campinense nos deparamos com os trabalhos de Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2002 e 2010). O primeiro é a sua tese de doutoramento na UFPE, sob o título *Lazeres permitidos, prazeres proibidos*. Embora descreva algumas linhas sobre a temática em tela, tem como objetivo analisar como as pessoas das diversas classes sociais da cidade de Campina Grande se divertiam no período compreendido entre 1945 e 1965.

O autor apresentou os usos e práticas desenvolvidas que fundamentaram o processo de sociabilidade dos campinenses naquelas décadas, apresentando, as tentativas de exclusão de determinadas pessoas e grupos nos mesmos locais. Contudo, não há um aprofundamento sobre a temática do centenário, até porque não se configurava como o eixo problematizador de sua pesquisa.

No segundo trabalho, que enfoca o tema do centenário, um artigo de dezesseis páginas oriundo de sua tese, intitulado *O dia em que a cidade (Quase) pertenceu a todos* (2010) Souza descreve, em linhas breves, a participação da sociedade campinense nos diversos divertimentos que acompanharam o dia do centenário.

No decorrer da pesquisa e análise das fontes, o nosso olhar foi diferenciando da sua abordagem, nos interessamos por certas práticas simbólicas e imagéticas que foram sendo incorporadas a festa do centenário, por isso, passamos a pensar a festa como um espetáculo político²⁸, social e celebrativo – produtora de uma discursividade hegemônica e dotada de rituais e encenações dignas de um teatro.

Para essa problematização, nosso diálogo teórico, que nos ajudará a ver e interpretar fenômenos e eventos (Kelnner, 2001) será direcionado pelas leituras sobre a *Nova História Política*, entendida neste trabalho, a partir de uma nova prática histórica que incorpora a ampliação das fontes, dos temas e dos diálogos postos atualmente para o campo do conhecimento histórico. Pretendemos enxergar a festa e os ritos que nela se desenvolveram como as letras de um alfabeto, que podem ser pacientemente decifrados, lidos e decodificados.

A história política, dita tradicional, foi à modalidade mais significativa da historiografia do século XIX²⁹, nesta “seus distintos autores supunham que uma perfeita descrição dos fenômenos do Estado e de seus agentes corresponderia ao próprio processo histórico, sendo esta a base de sua matriz interpretativa” (Mendonça e Fontes, 2012, p.56). Devemos, porém, contextualizar esse tipo de historiografia na efervescência do cientificismo vigente no oitocentos, bem como, das disputas e conflitos entre alguns países europeus, caso da Prússia e da França. Filha de seu tempo, as discussões políticas como eram feitas não eram inocentes, mas tinham em si

²⁸ O conceito de espetacularização foi retirado da obra de Guy Debord, onde o mesmo aponta que as imagens passam a ter lugar privilegiado no âmbito das representações, sendo “o espetáculo não um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14).

²⁹ Burke (1997, p. 20 e 21) chama atenção para o fato de que é incorreto pensar que os historiadores profissionais desse período, mesmo os metódicos, estivessem exclusivamente envolvidos com a narrativa dos acontecimentos políticos. Cabe destacar as presenças de Burckhardt, que “interpretava a história como um campo que interagem três forças – o Estado, a Religião e a Cultura”; de Michelet, “que defendia o que poderíamos descrever como uma história romântica na perspectiva dos excluídos”. Ainda neste esboço, não podemos esquecer dos trabalhos de Fustel de Coulanges, *A cidade Antiga*, que enfocava a história sobre o prisma da religião, da moral e da família e Karl Marx, que mesmo sem ser historiador, oferecia uma visão sobre a qual “as mudanças históricas deveriam ser encontradas nas tensões existentes no interior das estruturas socioeconômicas”.

objetivos e estavam intrinsecamente ligadas as questões europeias daquela época: os nacionalismos.

A história política tradicional, segundo Julliard (1988, p.181), por seu caráter descritivo, factual e elitista, que valorizava apenas os eventos políticos e militares, pereceu e tem má reputação, principalmente entre a historiografia francesa no início do século XX. Segundo alguns autores, a história política estava relegada ao ostracismo, chegando a ser considerada em vias de extinção.

Considerando o cenário francês, mais precisamente as contribuições da *Escola dos Annales*, há uma crítica ao grupo liderado por Marc Bloch e Lucien Febvre por negligenciarem a política, mas, dialogando com Burke (1997, p. 100) “é necessário torna-la mais precisa”: pois, não parece procedente criticar o grupo com base em uma suposta homogeneidade que não existia. *Os Reis Taumaturgos*, de Marc Bloch, é um livro de história política renovada³⁰.

A preocupação dos *Annales* ao propor a elaboração de uma história-problema era claramente antagônica com a narrativa da história política tradicional e a sua ênfase na estrutura. O historiador francês Rene Rémond (1996) acrescenta fatores como a democracia política, o crescimento do movimento operário, a primeira guerra e a crise de 1929 como contribuintes para o declínio da história política tradicional³¹. Estes fatores históricos abriram espaço para debates em torno da economia e do social, renovando os discursos na área das ciências humanas

A renovação³² da história política não deve ser creditada, exclusivamente, aos *Annales*, nem é um produto absolutamente francês. Na Inglaterra, os trabalhos de Thompson e Christopher Hill discutem o poder numa interface com uma história social da cultura, do simbólico, dos rituais, do imaginário e em aproximação com a antropologia. Na França, os historiadores institucionalmente ligados à universidade de *Paris X-Nanterre*, ao *Instituto Nacional de Ciências Políticas* e à *Fundação Nacional*

³⁰ Segundo Barros 2005, p. 138-9) Um exemplo pioneiro de conexão entre a História Política e a História do Imaginário, que remonta à terceira década do século XX, é a famosa obra em que Marc Bloch estuda *Os reis taumaturgos*. O que Bloch está examinando neste caso é a persistência de um determinado imaginário régio, de uma determinada crença popular em um aspecto muito específico e delineado que seria a capacidade dos reis franceses e ingleses de duas dinastias medievais curarem com um simples toque as “escrófulas” (sintomas visíveis de doenças pouco conhecidas na época).

³¹ Importante destacar, que o suposto declínio da história política não é homogêneo e universal, ou seja, em vários países ocidentais (inclusive o Brasil) a história Política permaneceu forte e com bastante espaço nas produções.

³² Segundo Rémond (1994, p. 04) o uso da expressão retorno ao político, como alguns intelectuais utilizam, faz “pensar que se trata de uma volta atrás ou de uma restauração, quando, na verdade, trata-se de algo completamente diferente, de uma outra história, que se beneficiou do enriquecimento de todas as gerações anteriores e trouxe, não resta dúvida, o político para a frente do palco”.

de Estudos Políticos se destacaram de modo especial no processo de revalorização da história política, falando de territórios externos aos *Annales*.

Portanto, a história política, renovada, vai se delineando na sua interface com a história social e cultural. Deu sua *virada da sorte*, para falar com Rémond (1994), a partir da emergência de novos campos e abordagens além do contato multidisciplinar com outras ciências como o direito, a ciência política, a sociologia, a psicologia social, a linguística e a psicanálise. Para Julliard, tanto “o político, como o econômico, o social, o cultural, o religioso, acomoda-se aos métodos os mais diversos, inclusive os mais modernos, e, nesse caso, é tempo de aplica-los ao político” (Julliard, 1998, p. 75).

A própria noção de poder político – matéria prima da história política – passou a sofrer deslocamentos de interpretação. As novas leituras sobre o poder, bem como sobre o espaço a ele delimitado, passaram a ser pensadas não mais nos limites das esferas institucionais, focados nos atos dos “grandes homens” ou na leitura da ótica do Estado, mas, ao contrário, passaram a ser vistas como resultado de um descentramento a partir da *Microfísica do Poder* (1979), de Michel Foucault. Cabe lembrar o filósofo francês quando ele diz que “o poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de estado” (Foucault apud Gouvêa, 1998, p. 33). Seria mais uma contribuição para a chamada Nova História Política, na medida em que o político - o Estado e suas instituições - passam a ser estudados sob uma perspectiva mais ampla, alargando o conceito e a aplicabilidade da noção de poder.

Algumas incursões foram feitas pelos historiadores do político nos domínios de Clio, passando a construir novas paisagens a partir da interlocução com a *história cultural*³³, sendo incorporados os conceitos de *representação e de imaginário, as mitologias, os discursos e a cultura histórica*. No diálogo com a antropologia, alguns temas foram apropriados, tais como o *teatro do poder e a cultura política*, delineando novas leituras de velhos objetos.

Nessa dissertação, nosso aporte teórico será com os autores que discutem a *teatralização do poder, as festas, a cultura histórica, a memória e os símbolos do poder*. Por isso, será preciso explorar, ainda que de modo breve, o pensamento de alguns teóricos para essa configuração narrativa.

O conceito de *teatro do poder* utilizado neste estudo parte das leituras dos antropólogos Clifford Geertz (1998) e George Balandier (1982) levando-nos a entendê-

³³ Para Chartier (1990, p. 16 e 17) a história cultural “tem por objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

lo como a montagem recorrente feita nos processos políticos, ou no desenrolar dos governos, monárquicos, republicanos ou autoritários, nos quais verdadeiras peças de teatro são montadas, nestas o representante estatal, o regime ou um grupo político encena acerca dos valores, dos sentimentos, do imaginário político da sociedade, buscando se aproximar de seus eleitores ou de seus súditos com o objetivo de garantir a legitimação de seu poder.

Utilizamos a definição de teatralização do poder proposta pelo antropólogo George Balandier, para quem “o poder é concebido por um jogo dramático”. Seguindo o conceito de “teatrocracia”, apropriado pelo autor do russo Nicolau Evreinov, para quem a arte do palco e a arte de governar estão interligadas, no qual “todo o sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos nomeadamente àquele que se comparam às ilusões criadas pela maquinaria do teatro” (Balandier, 1982, p, 06), e é neste jogo que o imaginário e a ideologia se unem e tornam as ilusões palpáveis: “o grande ator político comanda o real pelo imaginário” (Idem).

A *teatrocracia* se encontra por trás de toda a sociedade e regula o dia-a-dia do homem, sendo um regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos revogáveis e sucessivos.

A festa do centenário de Campina Grande foi um palco propício para a encenação e para o recurso teatral. Como um bom exemplo da crença na eficácia do uso do conceito de *teatralização do poder*, tomamos a exposição de Aranha (2006, p. 25):

(...) estou convencido de que a hipótese do Estado espetáculo ou da teatralização política é válida porque pode ser testada em inúmeras experiências sociais pelo mundo afora, servindo como referência para a caracterização da vida política em diferentes sociedades, mesmo distantes no tempo e no espaço, inclusive atuais. Entretanto, na condição de historiador, não poderia deixar de chamar a atenção para o fato de que essa hipótese só tem alguma validade se foram respeitadas as devidas condições da cultura, tempo e lugar, sem dúvida o mandamento número um dos profissionais da história

Durante os festejos do centenário de Campina Grande, os governantes primaram pela produção e representação de imagens, bem como, pela manipulação de símbolos. Fazendo uso da retórica da persuasão e da espetacularização política como mecanismos necessários ao convencimento e a legitimação da ordem instituída.

Para Geertz, mesmo com todo arsenal discursivo sedimentando na contemporaneidade, baseado no uso da racionalidade, na defesa de paradigmas

modernos que operam segundo os preceitos da razão, o poder, tal qual nas monarquias, possui aspectos teatrais e míticos que são movidos por rituais, levando-nos a pensar que “o extraordinário não deixou a política moderna, por mais que a banalidade nela tenha entrado; o poder ainda inebria” (Geertz, 1998, p. 215).

No sentido de compreendermos o significado do processo de teatralização e sua ligação ao poder recorreremos à afirmativa de Balandier (1982, p. 07 e 08):

Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial (...). Ele mobiliza e recebe sua aplicação mais espetacular na festa que põe a nação inteira em situação cerimonial. Durante um curto período, uma sociedade imaginária, e, conforme a ideologia dominante, pode ver e viver.

Estes momentos têm o objetivo de perenizar certas concepções sociais e introjectar no imaginário social uma ideia de cidade. O centenário representou a celebração vitoriosa de uma cidade, que “se fez” grande e desenvolvida, que olha para o passado e encontra as “raízes do progresso”. O uso de símbolos e ritos para comemorar este sucesso culminou na comemoração dos cem anos da urbe.

As festas são parte essencial neste processo de teatralização do poder, ela é suporte indispensável de uma comunidade, segundo Pélassy *apud* Capelato (2009, p. 68) a festa

É um signo e faz parte de um ritual: não há sociedade sem ritual e não há ritual sem festa. Normas, regras e doutrinas não são suficientes para fundamentar o consenso social. Aí faltam o calor da emoção, a força mágica do mito que floresce em todas as ideologias, o movimento de símbolos e de gestos que subentende toda organização social

As festas são recursos teatrais, são projeções “inebriantes” de uma vida desejada, são mecanismos que buscam explorar os sentimentos e emoções de um determinado público. Os diretores da cena festiva elaboram um roteiro que objetiva a sedução, o conagraçamento homogeneizante em torno de um ideal, de um passado, de um mito, enfim, de um projeto político e social que tenta gerir e submeter a ordem social ao desejo dos governantes.

A festa além de expressão teatral, é também um fato político, religioso e simbólico. Para poder captar qual o sentido e a função da festa é preciso investigar as

fontes, inquiri-las em seu contexto de criação, indo nos rastros de seus registros, pois, de acordo com Del Priore (2000, p. 17), “o olhar que registra é domesticado, um olhar que representa uma festa desejada, ou idealizada, por um dos segmentos da sociedade”. Por isso, temos que buscar ouvir os silêncios e perceber o que não quiseram registrar.

A construção discursiva sobre o centenário fez seguidas excursões ao passado e a memória-histórica da cidade. De acordo com Ozulf (1989, p. 217) certas tipologias festivas, como o centenário, impõem uma dupla abertura, uma para o passado e outra para o futuro.

Não existe festa sem reminiscência (...) a festa traz consigo uma memória que é tentador considerar como tal. Prenuncio do futuro, a festa fornece, por outro lado, como que uma aproximação deste. Suscita uma simulação do futuro que o historiador tem a boa fortuna de poder comparar com o futuro real

Devemos pensar, na leitura da comemoração do centenário, qual passado fora evocado na festa? Qual era o futuro prometido? E, se a própria festa é uma representação deste futuro? Os fatos do passado são, segundo Lippi (1989, p.182) revisitados e reconstruídos a partir do jogo de interesses do presente.

O conceito de cultura histórica³⁴ permitirá pensar a relação que uma sociedade estabelece com seu passado histórico, através deste contato, é levada a elaborar suas representações, suas identidades, suas formas de se compreender e se situar em relação ao seu próprio passado, bem como ao tempo presente. A cultura histórica pode ser resultado de uma memória coletiva, através de narrativas do passado de um grupo: “a esse propósito, as comemorações oferecem exemplos pertinentes, uma vez que são objetos de interesses em jogo (políticos, ideológicos, éticos, etc.)” (SILVA, 2002, p. 432). É preciso entender e criticar uma memória coletiva oficial que é ideológica e está a serviço dos grupos vencedores³⁵.

A cultura histórica pode ainda ser fruto de uma escrita historiográfica. Por meio desse artifício teórico, mas também social, os historiadores, de ofício ou não, constroem uma determinada versão sobre os acontecimentos passados e presentes. Tais versões

³⁴ FLORES, 2007; GOMES, 2007. Nosso foco de análise neste trabalho são os sentidos do termo que se volta para os significados que a sociedade atribui ao seu passado.

³⁵ Ver o conceito de Justa Memória (RICOEUR, 2007).

podem atingir um grau tão elevado de legitimidade que acabam por contribuir para a formação de identidades e representações coletivas.

No sobrevoos feito ao passado pelos atores políticos que produziram a festa, através das escolas que seguiam em cortejo, foi proposto representar durante o desfile cívico alegorias e temáticas alusivas à história de Campina Grande: “os indígenas campinenses”, “o bravo Teodósio de Oliveira Ledo”, “entradas e Bandeiras” ... O que estava posto na Avenida Floriano Peixoto, local do desfile, era um passado escolhido, que demarca escolhas, esquecimentos e exclusões. Para Silva (2002, p. 432), ao comentar as comemorações dos 500 anos de Brasil:

Apagam-se da lembrança as situações constrangedoras (por exemplo, nos “500 anos do Brasil”, os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais (...) Consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa “rememoração” de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente.

O que denota a citação é um *enquadramento da memória*, para falar com Pollak. Esta memória tem a função de definir e/ou reforçar sentimentos de pertencimento, tendo como referência um passado. Neste processo, personagens e suas subjetividades são lembrados e cultuados no presente como ideais de civilidade, de coragem e desprendimento pessoal em proveito da cidade, a exemplo do prefeito de Campina Grande, Christiano Lauritzen³⁶, responsável, segundo as versões postas no centenário, pelo “progresso” de Campina Grande, no chamado ciclo algodoeiro. Outras memórias são esquecidas, por trazerem para o presente fatos desagradáveis e constrangedores como a chacina da Praça da Bandeira, em 1950.

A sua evocação objetiva manter a coesão do grupo social. O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história e dele constrói um discurso e/ou símbolos que a reforce.

Os discursos dos atores políticos tentavam impor uma nova áurea, tanto para a cidade, quanto para os campinenses, contribuindo para fazê-los viver outra vida instaurada pelo cortejo festivo. O discurso também se verbaliza através de imagens e de

³⁶ Sobre a mitificação do prefeito Christiano Lauritzen ver Aranha (2006).

símbolos que se projetam a partir de um contexto social favorável, possibilitando um forte mecanismo de persuasão social.

Nas análises dos fenômenos políticos, dos quais a festa é parte integrante, o vocabulário narrativo ganhou novas expressões e verbalizações, neste limiar, os historiadores têm demonstrado um interesse particular para o não dito, para as insígnias do poder, vistos como liturgias e através destas as autoridades representam sua legitimidade.

Nesta dissertação, propomos que a cidade foi *vestida* para a aceitação de um discurso político, para a construção de uma identidade, que foram traduzidos na encenação do poder, na ritualística simbólica e cerimonial incorporada ao evento.

1. 2 - A METODOLOGIA E AS FONTES: JORNAIS, ICONOGRAFIAS e MÚSICAS.

Consciente de que a metodologia da pesquisa historiográfica vai depender do lugar teórico de onde fala o historiador, no caso em tela, iremos focar, sugestões metodológicas advindas da renovação do campo histórico e das contribuições propostas a partir das leituras sobre a *Nova História Política*.

Combatendo a história tradicional, a Escola dos *Annales* propôs uma abertura na pesquisa histórica, de forma a incorporar novas temáticas ao campo de trabalho do historiador. Ao renovarem os objetos e fazerem novas perguntas, os historiadores precisaram lançar mão de outras fontes, alterando o seu significado e aumentando a sua diversidade. Segundo Febvre *apud* Cabral (2009, p. 19)

a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos... Contudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas...

A proposta, em meados dos anos 30, era inovadora e revolucionava o trabalho do historiador. Nas entrelinhas da citação, Febvre condiciona o documento ao problema, ou seja, toda investigação histórica, desde os seus primeiros passos, será guiada pelas interrogações produzidas pelo historiador, levando-o a direções e fontes que possibilitem a “fabricação do seu mel”.

Seguindo este norte metodológico, o presente estudo foi construído a partir do cruzamento das fontes em suportes escritos e imagéticos, sem hierarquiza-las, nem cultua-las como fontes inoculadas e por si só verdadeiras. Trataremos as fontes como vestígios e vozes, interrogadas nas mãos dos artífices de Clio, para servirem de ferramentas que iluminem as zonas obscuras do passado, a fim de que possamos perseguir e farejar a carne humana, parafraseando Bloch (1997, p. 28).

Na investigação sobre as tramas políticas, os ritos e símbolos do poder que permearam a cena festiva do centenário de Campina Grande, nos enveredamos em uma incursão as fontes escritas, imagéticas, orais e audiovisuais. Enfim, um conjunto de fontes, que nas mãos dos artífices de Clio constituem a matéria-prima da historiografia. Contribuem para o desafio de transformar as experiências, os sons, os cheiros, as impressões e os sentimentos em palavras. Por isso, partilhamos da premissa levantada por Pesavento (2003, p. 96 e 97), de que para a operação historiográfica é fundamental “(...) Uma ideia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo de arquivos diante dos olhos e das mãos”. E ainda um método capaz de operar os documentos.

Nas festas cívicas destaca-se a mobilização social que essas celebrações provocam, atestada pela massa de relatórios, discursos, projetos e propostas que lhes são dedicados. Uma vasta documentação, praticamente inexplorada e especialmente representada por jornais, álbuns, músicas e memórias indicam um grau de mobilização dos organizadores, bem como, a apropriação do tema para fins mercadológicos.

1. 2.1 – HISTÓRIA E FONTES ESCRITAS

Utilizamos como documentação escrita os livros de Atas e de Projetos de Leis, arquivados na Câmara Municipal de Campina Grande; o Semanário Oficial de Campina

Grande; a Revista Brasileira de Geografia n° 04 de 1963 e os Jornais Diário da Borborema e Correio da Paraíba.

A imprensa também é entendida dentro das novas possibilidades de fontes históricas, abertas pelas recentes discussões historiográficas como um excelente veículo para analisar as tramas políticas de um determinado contexto. Nesse sentido, Tânia Regina De Luca (2005, p.128) afirma que “as renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”.

O uso da imprensa, assim como o de qualquer outra fonte histórica, deve ter como premissa a existência de interesses de enunciação, que correspondam as implicações dos órgãos de comunicação no jogo dos poderes estabelecidos, estando explícitas ou implícitas tais posturas. Diante disto, Capelato e Prado *apud* De Luca (2005, p. 118) afirmam que

(...) a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intenções de vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere

Nos primeiros passos da pesquisa recorreremos ao jornal *Diário da Borborema*, por ser o primeiro jornal diário instalado em Campina Grande no dia 2 de outubro de 1957, pertencente à cadeia dos *Diários e Rádios Associados*³⁷. O jornal tinha forte ligação com os empresários que atuavam na cidade em meados dos anos 1950, 60 e 70 do século XX. Nesta trama, o jogo político condicionava o perfil e determinava os tipos de discursos que seriam publicados no periódico.

O *Diário da Borborema*, um ano antes da comemoração, abriu espaço em suas páginas para que a Comissão Executiva do Estado (COMCENT) divulgasse os projetos, ações e construções que visavam a comemoração do centenário. Além disso, fez toda a cobertura do evento, da programação à culminância no dia 11 de Outubro.

³⁷ A primeira publicação contou com sete cadernos com 56 páginas. Além de notícias locais e regionais, o DB publicava também notícias nacionais e até mesmo internacionais, além de artigos e crônicas de vários escritores. O primeiro exemplar do jornal saiu com sete cadernos e 56 páginas, sendo vendido a três cruzeiros. Desde que começou a circular, o jornal foi testemunha dos principais fatos que hoje compõem a história de Campina Grande e acompanhou os principais desdobramentos da política e daqueles que ajudaram a cidade a se desenvolver.

Nos interessava perceber quais elementos discursivos, simbólicos e culturais foram elencados por este jornal, em meio a cena comemorativa, pois o mesmo se reportava como a voz do povo campinense. Neste sentido, a escolha por trabalhar com fontes impressas parte também da ideia de que a imprensa, ao manipular os discursos sobre os acontecimentos cotidianos, acaba se estabelecendo como tutora das informações e se autoconferindo um *status* de autoridade (BRIGGS E BURKE, 2004, p.197).

O jornal *Correio da Paraíba*³⁸, do Sistema Correio da Comunicação, está em funcionamento há 59 anos com publicações diárias. Foi lançado oficialmente em 1953, pelo então deputado Teotônio Neto. No período em tela, o jornal circulava nas principais cidades da Paraíba trazendo em suas páginas notícias nacionais e internacionais, com enfoque especial para os acontecimentos das duas maiores urbes do Estado: Campina Grande e João Pessoa.

O *Correio da Paraíba*, em suas matérias políticas, não poupava o governador do Estado de críticas e denúncias. Uma dessas acusações estava ligada a festa do centenário de Campina Grande, como veremos adiante. No nosso trabalho, o referido jornal, por focar as notícias oriundas da capital, representa um outro campo de análise, indo além dos discursos, por vezes, ufanistas do *Diário da Borborema*.

As atas da Câmara Municipal de Vereadores de Campina Grande permitiu analisar os discursos e ações direcionadas para as comemorações do centenário. Temporalmente foram analisados estes arquivos de 1960 à 1964. Tivemos acesso as Atas das Sessões, Telegramas Expedidos e Recebidos, Projetos de Lei, Sansões as Propostas do Executivo, discursos e símbolos que foram produzidos e pronunciados nos salões da casa de Félix Araújo e que hoje nos serve de matéria-prima no fabrico da narrativa sobre a festa e suas tramas.

No trabalho com as fontes escritas (jornais e documentos oficiais do poder municipal) buscamos extrair os discursos velados, indo além do que está posto, como um inquisidor junto ao interrogado, com perguntas perspicazes, atentas e precisas, sedimentado na capacidade de entrecruzar informações (Ginzburg, 1991, p. 101).

³⁸ Segundo Soares (2009) o jornal *Correio da Paraíba* passou às mãos de Roberto Cavalcanti, atual dono e seu irmão, Paulo Brandão, em 1982. A compra do jornal pelos irmãos foi estimulada pelo então governador da Paraíba, Tarcísio Burity. Como contrapartida, o grupo antecipou pagamentos do ICMS ao governo, e o governador se tornou sócio de 40% do jornal.

1. 2. 2 – HISTÓRIA E ICONOGRAFIA.

Certas zonas escuras sobre o centenário de Campina Grande foram iluminadas pelo *clic* da máquina fotográfica, que nos proporcionou enxergar este fragmento da história da cidade. No lastro da proposta do *Annales* de alargamento das fontes e de seus significados, notamos que a efetivação desta proposta ocorreu com a chamada *Terceira Geração dos Annales*³⁹.

Segundo Aires (2013, p. 235) “os historiadores metódicos não levaram tão a sério o que saía da câmara escura”. Duas razões, segundo o autor, explicam esta marginalização da fotografia: nos primeiros anos do seu aparecimento, foram enfocadas nas lentes dos fotógrafos cenas do cotidiano, algo que destoava do interesse historiográfico dos metódicos, que privilegiavam os eventos militares e/ou ligados ao Estado. A segunda razão, refere-se ao recorte temporal delimitado pelos metódicos: os eventos mais afastados do sujeito. Desta forma, “as fotografias realizadas no tempo presente não poderiam ser fontes históricas” (Idem, p. 236).

Mesmo após a revolução historiográfica incitada pelos *Annales*, com a adoção de *Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos* (Le Goff e Nora, 1988), existia um certo preconceito entre os artífices de Clio em mergulhar no mundo imagético, segundo Kossoy (2001), causado por nossa cultura livresca, que permeia nossa vida e nossas pesquisas e pelo bloqueio em analisar a fotografia enquanto uma fonte tal qual um documento escrito.

Utilizamos uma série de documentos imagéticos sobre a cidade de Campina Grande, principalmente, sobre a festa do centenário. O *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, produzido pela *Organização Meneses de Publicidade*; as fotografias do acervo pessoal de João Jerônimo da Costa, além das fotos retiradas dos jornais *Diário da Borborema* e *Correio da Paraíba*.

A imagem, seja ela fotográfica ou pictórica, é um resíduo do passado composta por uma técnica, pelo material empregado e pelo objeto, neste sentido, uma análise

³⁹ Salientamos a renovação trazida pela historiografia inglesa, principalmente os trabalhos de Thompson e Hill. Em a *Formação da Classe Operária Inglesa I – A árvore da liberdade*, obra de 1963, Thompson utiliza charges, músicas e outras fontes na narrativa histórica.

historiográfica que tome este objeto como fonte tem que realizar este trajeto operacional. Indo um pouco além deste procedimento, nos propomos a realizar uma leitura das imagens baseado no método iconológico de Erwin Panofsky.

O método iconológico inicia-se com um estudo iconográfico voltado para o significado convencional do objeto. Implica um método de proceder puramente descritivo. A iconografia consiste na descrição e classificação das imagens: é um estudo limitado que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados e por quais motivos específicos. “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma” (Panofsky, 2004, p. 47).

O historiador francês Peter Burke (2004, p. 45), ao analisar a etapa iconográfica de Panofsky, aponta que é um artifício de descrição da imagem, como a capacidade de “reconhecer uma ceia como a Última Ceia ou uma batalha como a Batalha de Waterloo”. Neste sentido, seria uma forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema, que consiste em vê-lo, descrevê-lo e constatá-lo.

A iconologia estaria em outro nível. É o momento de uma incursão mais profunda na cena representada, que só será possível a partir um nível de intimidade e de interiorização com a imagem. Pensando neste nível de abordagem, podemos exemplificar a análise da obra a Última Ceia de Leonardo da Vinci, tentando compreendê-la com expressão de sua personalidade ou do contexto de sua produção, como a renascença italiana ou de uma atitude religiosa, estamos pisando em um outro território. De acordo com Panofsky (2004, p. 53)

A descoberta e interpretação desses valores "simbólicos" (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por "iconologia”

Neste processo, a leitura vai além do visto, precisa-se de um conhecimento histórico da cena retratada, por isso, torna-se indispensável o cruzamento de fontes e uma relação com o contexto socioeconômico, político e ideológico do objeto desenhado e/ou fotografado.

Um dos perigos da análise iconológica é o da superinterpretação. Os perigos de impressões especulares, graças ao seu caráter polissêmico, que muitas vezes são armadilhas para leituras fictícias, anacrônicas e/ou incompatíveis com um determinado contexto social e temporal.

1. 2. 3 – HISTÓRIA E MÚSICA.

Ao historiador, especialmente da história política, cabe desvendar mitos, ritos, símbolos e cerimoniais que a política põe em ação, mas, como trazer à luz da crítica histórica zonas escuras do ofício do historiador? Segundo Ginzburg (2007, p. 153), “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Na tentativa de suprir as realidades opacas e/ou responder a algumas indagações pendentes, procuramos ampliar nossas possibilidades de interpretação a partir da leitura e análise das fontes musicais.

Os historiadores pareciam padecer de uma *surdez* tradicional⁴⁰ que os deixavam indiferentes diante do fenômeno musical. Durante muito tempo, a música, em especial a música popular, não despertou a curiosidade desses pesquisadores, ficando restrita à análise de praticantes de outros ofícios como músicos, musicólogos, sociólogos, antropólogos e literatos.

Talvez, o caráter estético e polissêmico tenha afastado os discípulos de Clío desta forma de expressão artística, social, política e cultural, cujos significados seriam produto de uma dose de interpretação. Mas, não busquemos encontrar objetividade e/ou neutralidade em um documento histórico, pois se o mesmo não visava a análise futura dos historiadores, como provavelmente não ocorria, foi forjado a partir das subjetividades de sua época.

Os estudos sobre a música popular como objeto ou fonte, conforme analisa Napolitano (2002, p. 05), recaem em determinados vícios, retratados no simplismo acadêmico de analisar a “*letra* separada da *música*, *contexto* separado da *obra*, *autor*

⁴⁰ Segundo Napolitano (2002, p. 05) a música popular se tomou um tema presente nos programas de pós-graduação, sistematicamente, só a partir do final dos anos 70, sendo que o boom de pesquisas, no Brasil, ocorreu a partir do final dos anos 80.

separado da *sociedade*, *estética* separada da *ideologia*”. A ênfase dada ao componente linguístico, na análise histórica da música, silencia outros aspectos importantes como o ritmo, as tramas melódicas e a interpretação do artista, apresentando-se como um desafio ao historiador.

Napolitano (2010, p. 271) assinala a importância entre letra-música na produção de sentido nas canções, por isso, privilegia uma abordagem que enfoque

o sociocultural, ideológico e, portanto, histórico, intrínseco de uma canção é produto de um conjunto indissociável que reúne: palavra (letra); música (harmonia, melodia, ritmo); performance vocal e instrumental (intensidade, tessitura, efeitos, timbres predominantes); veículo técnico (fonograma, apresentação ao vivo, videoclipe)

O grande desafio de todo pesquisador em música popular é mapear as camadas de sentido embutidas em ma obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história, evitando, ao mesmo tempo, as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica (que possui vários sentidos) e complexa de qualquer documento de natureza estética.

Esse tipo de abordagem histórica só se torna possível na medida em que esta operação é conjugada pelo pesquisador: a construção de ferramentas teórico-metodológicas claras e coerentes de análise desta fonte.

Com este aporte metodológico analisamos o CD (*Compacto Disco*) e o LP (*Long Playng*) produzidos, respectivamente, pela *RCA Victor* e pela *Organização Meneses de Publicidade* para o centenário de Campina Grande. Recortamos algumas canções: *Campina Grande Centenária* e *Tropeiros da Borborema*, presentes no Compacto Disco e o texto *Radiografia Sentimental de Campina Grande*, do Long Playng, para costurar neste trabalho os significados desta produção artística e ideológica.

Seguindo rastros desses eventos, testemunhos do acontecido, tecemos uma narrativa que será apresentada em quatro capítulos, além da presente Introdução, que, conforme regras da ABNT, se constitui como sendo o primeiro capítulo.

No segundo capítulo *Os Preparativos da Festa da Rainha: a organização das comemorações de centenário de Campina Grande (1960 – 1964)*, discorreremos sobre os

primeiros discursos e ações na organização da cena festiva. Com destaque para a atuação dos organismos de poder: a Câmara Municipal de Campina Grande e as comissões formadas para organizar a festa (Comissão Executiva do Centenário – COMCENT, criada pelo governo do Estado; a Comissão Cultural do Centenário e o Grupo de Trabalho criado pelo poder Municipal). Neste contexto, inserimos um debate sobre a conjuntura política da cidade, marcada pela eleição municipal de 1963 e o golpe militar de 1964, por enxergar sua interferência nos planos e programações nas comemorações do centenário.

O propósito do terceiro capítulo, *Clio vai à festa: as apropriações do passado em ritos e imagens cívicas*, é analisar, através de fontes escritas e iconográficas, o desfile cívico e o *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*. Apresentamos como o passado da cidade foi representado nas comemorações do centenário, procurando investigar os aspectos ideológicos, as lembranças e os silêncios que compunha esta trama. Enfocando as apropriações do passado pelo presente, os seus usos políticos e sociais.

O quarto capítulo, *Lugares de memórias para a Rainha Centenária: Campina Grande musicalizada e monumentalizada*, vem abordar a produção discursiva e simbólica durante a festa do centenário de Campina Grande. Sob à luz da teatrocracia buscamos investigar a produção de imagens, de discursos e a manipulação de símbolos em um quadro cerimonial.

As Considerações Finais, nosso último capítulo, analisa algumas conclusões a que chegamos após a realização dessa pesquisa, ao mesmo tempo em que ressaltamos os questionamentos para os quais ainda não obtivemos respostas e que estão abertos a futuros trabalhos.

2. OS PREPARATIVOS DA FESTA DA RAINHA: A ORGANIZAÇÃO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1960 – 1964).

A artilharia havia sido deslocada, provavelmente durante a madrugada, enquanto todos dormiam. Os canhões estavam devidamente armados e, daquele ponto estratégico, foram disparados 21 tiros de obus (*Diário da Borborema*, 25 set. 1964, p. 02). A cidade acorda naquele domingo, bombardeada pelas encostas do planalto da Borborema: era o sinal... Que naquele 11 de Outubro de 1964, várias explosões de entusiasmo, de euforia, tomariam conta das ruas, avenidas e praças de Campina Grande. Era o dia de comemorar o centenário da *Rainha da Borborema*.

Um despertar diferente para um dia único nas vidas dos campinenses e visitantes, pois, não se comemora um centenário todo dia. Campina Grande exalava jovialidade, visto que, cem anos, representam a puberdade na vida de uma cidade. A urbe estava trajada e pronta para ser cantada, admirada e cortejada, afinal, é ela a protagonista deste evento.

A cidade abre suas artérias para o desfile de *cocotes e mauricinhos, ladies and gentlemen*, nativos e forasteiros, que engalados e engomados tomam conta das ruas da cidade, transformada em palco para o espetáculo celebrativo.

A festa corresponde ao centenário de emancipação política de Campina Grande, quando passou ao *status* de cidade em 1864, sendo, de acordo com Câmara (2006, p. 83), a quinta vila do interior da Paraíba a ser elevada a esta categoria.

A festa do centenário insere-se no contexto das *tradições inventadas*⁴¹ de caráter celebrativo, a partir da criação, por decreto municipal do “DIA DA CIDADE que será comemorado, anualmente, no dia 11 de Outubro, data comemorativa da fundação da cidade de Campina Grande” (Projeto de lei 21/61). Assim, uma das primeiras ações para o centenário foi reservar este dia como feriado municipal.

A legitimação de uma data cívica, geralmente criada por meio de uma lei, decreto e/ou imposição do Estado, precisa da aceitação e afirmação do *corpus social* para se

⁴¹ Por *tradição inventada* entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p. 9)

inserir no bojo das celebrações de uma Nação, Estado ou Município. Neste processo, ocorrem certos condicionamentos culturais e sociais que tendem a legitimar ou não certa data cívica. Ocorre uma troca, uma negociação entre os atores sociais que partindo do contexto vigente tendem a validar ou não o processo de *invenção da tradição*.

2. 1 – A CÂMARA CENTENÁRIA: A ATUAÇÃO DA CÂMARA DOS VEREADORES DE CAMPINA GRANDE NOS PREPARATIVOS DO CENTENÁRIO.

Diferindo dos trabalhos de Souza (2002 e 2010), que apontam a primazia dos discursos comemorativos para o centenário a partir do programa de rádio Campina Centenária, foram observados, a partir da pesquisa, que a Câmara Municipal, ainda em 1960, promovia uma série de discursos, projetos e promoções visando a efeméride.

Nos porões da Câmara Municipal... Foi neste ambiente, envolto aos ácaros e de vez em quando acompanhado por alguns ratos, que iniciamos a pesquisa na Casa de Félix Araújo: livros de atas, projetos de lei, emendas, discursos em plenário e telegramas expedidos e recebidos foram alguns dos documentos que tivemos a possibilidade de inquirir.

No primeiro momento, entre as prateleiras de ferro do arquivo da Câmara, a busca era pelos documentos relativos aos anos de 1963/64, pois imaginávamos que os preparativos, os discursos e ações para a elaboração das festividades do centenário teriam iniciado neste biênio. Mas, entre a leitura de um projeto e outro, objetivando sanar algumas lacunas, optamos em recuar um pouco mais, indo ao início dos anos 60. Neste período, a Casa de Félix Araújo se mobilizara a partir de um conjunto de discursos e práticas para elaborar, junto com outros órgãos, o centenário de Campina Grande. Hoje, estas ações nos servem na elaboração desta dissertação, assim como, a outros pesquisadores que se debruçam sobre este período.

A pesquisa irá englobar duas legislaturas (1959/1963 – 1963/1967), por isso, neste momento, o foco será na relação que a Câmara Municipal manteve com o centenário. Destacaremos à elaboração de prêmios, de concursos, a fabricação de estátuas e demais práticas dos vereadores que tenham uma correlação com o centenário.

Nessa nova paisagem que se apresentava, próxima ao centenário de Campina Grande, os vereadores sentiam-se na missão de preparar a festa e despertar o sentimento de amor à cidade. Para isso, o órgão programou um conjunto de ações a fim de institucionalizar uma imensa gama de comemorações.

Neste primeiro ato, a Câmara mobilizou-se na promoção e instituição de alguns prêmios relativos ao centenário. Destacam-se os prêmios: *Dobrado do Centenário*, *Centenário de Campina Grande*, *Campinense Centenário* e *Mães do Centenário*.

O prêmio *Dobrado do Centenário* foi oriundo de um projeto de lei do vereador Fernando Lelis, em 1960. O dobrado é o estilo musical que desde o seu surgimento até os dias atuais mais identifica as bandas musicais brasileiras. Pode-se dizer que as origens do dobrado encontram-se nas incursões militares da antiguidade, mais especificamente nas cadências utilizadas pela infantaria e marcadas por tambores e instrumentos de sopro rudimentares que, com o passar do tempo, foram sendo desenvolvidos e aperfeiçoados até formarem as bandas militares⁴².

O concurso era aberto aos músicos e compositores brasileiros e/ou estrangeiros que residissem no país a mais de 20 anos (Projeto de Lei nº 208/60). O prêmio era de 50 mil cruzeiros para o primeiro colocado.

O tema dos dobrados deveria ser a cidade de Campina Grande: suas paisagens, sua história e os *grandes homens públicos* da cidade. O dobrado vencedor deveria ser executado ao início da festa do centenário. Infelizmente, pelas fontes consultadas, não encontramos qualquer referência sobre a realização do concurso.

O concurso *Centenário de Campina Grande* deveria versar sobre a construção de uma obra sobre a história de Campina Grande. As obras escritas anteriormente à instituição do prêmio estariam excluídas e toda a despesa com a publicação do livro deveria sair dos cofres do executivo municipal, conforme Projeto de Lei nº 138/60.

O concurso *Campinense Centenário* deveria premiar todo cidadão, residente em Campina Grande, que assim como a cidade, completasse 100 anos de idade no ano de 1964. Para a comprovação da idade o candidato deveria ter em mãos algum documento, de preferência o registro de nascimento. O prêmio pago seria no valor de 50 mil cruzeiros a cada cidadão centenário.

⁴²http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AAGS7YQHJB/renato_dobrados_joao_cavalcante_final.pdf?sequence=2.

O prêmio *Mães do Centenário* seria dado “às cinco primeiras mães que derem a luz entre zero e 24 horas do dia 11 de Outubro de 1964 nos hospitais da cidade” (Projeto de Lei nº 268/64). O valor recebido seria de 300 mil cruzeiros. Não seria pago o prêmio para as mães que tiverem os filhos em casa e não pudessem comprovar com laudo médico⁴³.

A Câmara Municipal, como uma das instituições construtoras da festa, produziu sua marca através da pedra, cal, cimento e cerâmica, ao propor e/ou aprovar a construção de várias estátuas na cidade. Dentre as personalidades homenageadas estão: *Argemiro de Figueiredo, Afonso Campos, Hortêncio de Sousa Ribeiro, governador Pedro Gondim* e uma em homenagem aos tropeiros⁴⁴.

Uma questão a ser analisada é sobre os personagens que seriam imortalizados. Quem é esta figura? A que grupo político ele pertence? Que mensagem pode transmitir para as gerações futuras? Este projeto, encabeçado pelas elites políticas da cidade, pertencentes ao Argemirismo, liderado por Newton Rique ou ao Gondinismo, liderados em Campina Grande por Vital do Rêgo, de valorização de vultos importantes, pretendia perpetuar não apenas os homens, mas suas posições político-sociais. Pedro Gondim, governador do Estado, Argemiro de Figueiredo, senador, Hortêncio Ribeiro, advogado e alinhado com as lideranças da cidade e Afonso Campos, deputado federal e advogado. Além dos nomes, estes homens representam: alas das classes dirigentes da cidade e do Estado.

No ano do centenário, a Câmara dos Vereadores não ficou marcada pela realização de algum evento ou festividade em homenagem ao centenário de Campina Grande, mas por ser palco de disputas e conchavos que marcaram a história política de Campina Grande, estando grafadas nas próximas páginas deste trabalho.

⁴³ Segundo o *Correio da Paraíba* (13, out. 1964, p. 05) “o primeiro campinense a nascer no dia do centenário foi a menina Gleide, que veio ao mundo, às 1h10min, do dia 11 de outubro. É filha do casal Geraldo Carneiro e Da. Zumira Costa Carneiro. Gleide nasceu na Maternidade Municipal e, sua mãe foi assistida pelo Dr. Deocleciano”.

⁴⁴ A estátua de Argemiro de Figueiredo deveria ser erguida na Praça Clementino Procópio, de corpo inteiro; a de Afonso Campos, na margem direita da Praça da Bandeira; A do governador Pedro Gondim, na margem esquerda da Praça Clementino Procópio; A de Hortêncio Ribeiro, na Praça Rotary, as margens do Açude Velho; A dos Tropeiros deveria ser erguida no Parque Centenário, as margens do Açude Velho.

2.2 – “O SALVADOR DO CENTENÁRIO”: PEDRO GONDIM E A COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENÁRIO (COMCENT).

Sempre aos domingos, às 19h00min, chegava aos ouvidos dos campinenses pela Rádio Borborema, o programa *Campina Centenária*, de apresentação do jornalista Noaldo Dantas: ao melhor estilo *talk show*, o apresentador trazia figuras de destaque da sociedade campinense⁴⁵. Provavelmente, em 1961, estimulado pelo *Campina Centenária* e pelas ações da Câmara Municipal que a promoção da festa do centenário tenha ganhado os ouvidos e as rodas de conversa no calçadão da cidade, assim como, no largo da sorveteria Flórida, um dos lugares de sociabilidade do campinense, na esquina da Venâncio Neiva com a Cardoso Vieira.

Ainda em 1961, o prefeito Severino Cabral adotou a primeira medida do executivo visando às comemorações do centenário: delegou poderes para a *Comissão do Centenário* criada por ele, para organizar eventos, obras e solenidades alusivas à comemoração cívica. Mas, segundo Souza (2010, p.110), o mesmo “esqueceu” de disponibilizar verbas para estas ações.

A comissão municipal andava a passos lentos, ou melhor, estava parada. Até 1962, a comissão municipal permaneceu inerte e morreu sem nenhuma medida concreta para as festas do centenário.

O calendário avançava e a data magna da cidade se aproximava, com isso insurgiam cobranças que se multiplicavam nas páginas do *Diário da Borborema*. Posições sérias, concretas e urgentes eram exigidas por alguns dos colunistas do jornal, tais como Stênio Lopes, Eptácio Soares e Nilo Tavares.

Ninguém em Campina Grande – suas autoridades, suas entidades, seus líderes (?), seu prefeito – quis arrear uma palha sequer no sentido de que Campina Grande possa ter uma festa do seu centenário capaz de situa-la no destacado lugar que merece (*Diário da Borborema*, 21 abr. 1963, p. 03).

⁴⁵ Inúmeros políticos e empresários, entre eles o prefeito Severino Cabral, o governador Pedro Gondim, os deputados opositores Raimundo Asfora e Vital do Rêgo, bem como o chefe de polícia, Coronel Luiz de Barros foram entrevistados, para dar sua opinião sobre a cidade e como deveriam ser as comemorações do centenário (Souza, 2010, p. 110 e 111).

As celebrações deveriam ser condizentes com a magnitude de Campina Grande, assim como, serem capazes de representar o espaço conquistado pela cidade no cenário regional e nacional, além de focalizar a modernidade e o progresso da urbe nestes cem anos de história; tarefa difícil, pois segundo Agra do Ó (2006, p. 56), Campina Grande era descrita pelos seus “letrados como uma cidade que se tornava cada dia mais importante e próspera. (...) A grandeza desta cidade, pensavam os bairristas daqueles anos, não estava inscrita até mesmo no nome do município?”

A fala de Stênio Lopes é emblemática em outro aspecto. A interrogação acrescida posteriormente à palavra *líderes*, poderia simbolicamente acenar para uma ausência de poder. Mas, ao mesmo tempo, vem ironicamente afirmar a ineficácia dos líderes que estão no poder. Denota que o povo está carente de líderes.

O colunista fazia parte da ala oposicionista ao governo municipal, de Severino Cabral, sendo partidário de Newton Rique, derrotado nas últimas eleições para prefeito e um nome provável no próximo pleito. O banqueiro preparava o terreno para sua chegada.

Mas, neste momento, o jornalista estaria indicando a existência de outro homem, outro líder: “*Quem é o homem? - o homem é Pedro!*”⁴⁶. Nas páginas do *Diário da Borborema* surge um homem para salvar a data magna de Campina Grande do esquecimento. Tal qual um *forasteiro* que vindo de vários recantos da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, trouxe o dinamismo e o progresso para esta cidade, seja nos lombos dos burros ou nos trilhos do trem, “Gondim trouxe a esperança para os festejos do centenário” (*Diário da Borborema*, 19 abr. 1963, p. 01).

A escolha de Pedro Gondim para líder da cidade no ano do centenário pode ser traduzida e compreendida pela homologação do decreto n.º. 3.218/63, que “institui a Comissão Executiva para elaborar a programação, estabelecer prioridades e coordenar medidas administrativas visando à realização do 1º centenário de Campina Grande” (*Diário da Borborema*, 19 abr. 1963, p. 01).

A lei dava a Comissão Executiva do Estado ampla margem de poder para a efetivação das festividades do centenário. Além dos já citados na lei, cabia à comissão

⁴⁶ Esta passagem “*Quem é o homem? - o homem é Pedro!*”, fazia parte do seu slogan de campanha, segundo (SYLVESTRE, 1988) contagiou o eleitorado de todos os quadrantes do Estado, o gondinismo virou uma verdadeira “doença”.

sugerir abertura de crédito, acompanhar e fiscalizar os recursos, ou seja, a comissão tinha plena liberdade no uso do recurso público. Além disso, poderia “entrar em contato com as autoridades locais de Campina Grande, assim como, entidades operárias e patronais em nome do governador” (*Diário da Borborema*, 19 abr. 1963, p. 01). A Comissão Executiva do Centenário (COMCENT) passou a ser a voz do governador em Campina Grande. Seis membros foram escolhidos pelo governador para compor a COMCENT.

QUADRO I
COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENÁRIO (COMCENT)

MEMBRO	ÁREA DE ATUAÇÃO
Severino Bezerra de Cabral	Prefeito de Campina Grande
Noaldo Dantas	Jornalista
Edvaldo do Ó	Economista
Sinval Ferreira	Diretor da Recebedoria
José Lopez de Andrade	Escritor
Vital do Rêgo	Deputado Federal

Fonte: *Diário da Borborema*, 19 abr. 1963, p. 01.

Dentre os escolhidos pelo governador para compor a COMCENT deve-se destacar as presenças de Severino Cabral, Noaldo Dantas e a de Vital do Rêgo. O primeiro era prefeito de Campina Grande e aliado político de Pedro Gondim, no *esquema de 60*⁴⁷ que o levou a cadeira do executivo paraibano: por essas credenciais, Cabral, tinha respaldo suficiente para compor a comissão: no ato de criação da COMCENT Severino Cabral foi eleito como o primeiro presidente⁴⁸.

⁴⁷ Sobre este fato abordaremos mais adiante.

⁴⁸ O presidente da COMCENT seria escolhido pelos demais membros do órgão, segundo regimento interno, obedecendo a um revezamento na cadeira, podendo cada membro passar um mês em sua presidência.

A surpresa recai sobre o nome de Noaldo Dantas, uma escolha improvável, pois era adversário político do então governador. Mas, em seu favor pesava a opinião pública campinense que o via com bons olhos a frente do programa *Campina Centenária*. Com este ato, o governador pretendia demonstrar que a realização da festa estaria acima de partidarismos e de politicagem, era uma excelente jogada de marketing.

Palco político desde a sua idealização, o centenário serviu de palanque eleitoral para diversas figuras. Com a nova comissão para organizar o evento, um dos seus líderes era Vital do Rêgo, genro do governador e *virtual* candidato a prefeito nas próximas eleições municipais. O objetivo era, através da COMCENT, trazer algumas obras para a cidade e apresentar o protagonismo de Vital do Rêgo na sua arregimentação, fato que o projetaria para o futuro pleito.

A COMCENT dispunha de seis assessorias que dariam suporte na organização, programação e execução do centenário de Campina Grande.

QUADRO II
ASSESSORIA DA COMISSÃO DO CENTENÁRIO

ASSESSORIA	CHEFE DA PASTA
Assessoria de Assuntos Econômicos	José Paulino Costa Filho
Assessoria de Assuntos Jurídicos	José Gaudêncio de Brito
Assessoria de Assuntos Culturais	Raimundo Asfora
Assessoria de Assuntos Sociais	Evaldo Cruz
Assessoria de Imprensa	Epitácio Soares
Assessoria de Relações Públicas	José Stênio Lopes

Fonte: *Diário da Borborema*, 20 abr. 1963, p. 02.

O burburinho tomou conta das ruas da cidade. A criação da COMCENT era a concretização, para muitos campinenses, do desejo de alavancar as comemorações do centenário.

A COMCENT, em seus primeiros passos, abriu um “canal de diálogo” com a população campinense através do *Diário da Borborema*, por meio de avisos, prestações de conta, programações, execução de obras, assinaturas de contratos etc. Sugerindo que a população trouxesse propostas para o evento ao escritório da COMCENT, apontando que as “portas da sala 101, no 1º andar do edifício Assú, na Rua Marques do Herval, estão abertas para o povo campinense” (*Diário da Borborema*, 15 maio, 1963 p. 05).

A instalação do escritório da COMCENT, em Campina Grande, foi um espetáculo à parte. Através dos altos falantes das Rádios Borborema e Caturité a população foi convidada a acompanhar, ao som de foguetões e retretas, a sua inauguração. De acordo com *Diário da Borborema*, com transporte de graça saindo dos bairros e com a presença dos colégios da cidade, muitas pessoas se aglomeraram para assistir as bênçãos de D. Manuel Pereira, assim como a “entrega da faixa de presidente de honra do centenário ao governador do Estado” (Ibidem). O sagrado “doando” ao profano a legitimidade necessária ao exercício do poder.

Um grupo minoritário de indivíduos se apropria do título de representantes da população (neste caso a COMCENT) e, em seu nome, dirige, roteiriza e escolhe os papéis dos atores presentes na cena: protagonistas no primeiro plano, neste caso o bispo, os membros da comissão e o ator principal, o governador. Pelo *script*, cabe ao povo o papel de “figurantes”, com o “dever” de aplaudir e assistir ao espetáculo político⁴⁹.

As fontes levam-nos a analisar e problematizar algumas sugestões feitas por meio do *Diário da Borborema*, nele, colunistas, personalidades campinenses e intelectuais expõem nas páginas do periódico suas opiniões e visões. Um dos mais empolgados era o jornalista Nilo Tavares, por meio de sua coluna *Diário dos Municípios*. O jornalista via-se “imbuído do dever de participar da programação do centenário” (Ibidem, 16 maio. 1963, p. 03). Nilo Tavares enumerou dez sugestões para as celebrações centenárias:

⁴⁹ Salientando que não é objeto deste trabalho analisar as resistências, as práticas e o contrateatro produzidos pelos populares neste cenário teatral.

QUADRO III
SUGESTÕES DO JORNALISTA NILO TAVARES A COMCENT

I – Encontro de Jornalistas do Interior Nordestino;
II - Concurso Fotográfico sobre Campina Grande;
III – Realização de um “Jâmbore” escoteiro;
IV – Programação das solenidades de Outubro de 1963;
V – Programação de uma feira de livros;
VI – Torneio Regional de Cantadores e Repentistas;
VII – Criação de uma Biblioteca Infantil;
VIII – Organização do Salão de Poesia;
IX – Publicação das Obras de Felix Araújo e;
X – Publicação da “Folhinha do Centenário”

Fonte: *Diário da Borborema*, 16 maio, 1963, p. 03

Suas sugestões, até meados de 1963, não apareciam na programação elaborada pela COMCENT⁵⁰, mesmo assim, Nilo Tavares afirma que este fato não o entristecera, nem o desapontara, apesar de ser irônico, ao chamar os membros da COMCENT de *cultos e doutos*. No fim, deixa o seguinte recado: “Se fôr preciso voltaremos” ...

A ideia mais exótica foi à realização de um *Jâmbore*. Segundo o jornalista, o *Jâmbore* é uma reunião de escoteiros em torno de uma fogueira para a discussão de problemas, para o reconhecimento de méritos e para a entrega de prêmios. A proposta não caiu no gosto da comissão, talvez, pela *estranheza do evento*.

A fala do jornalista expressa um desejo de construir uma ideia de diversão distanciada das práticas festivas dos populares. O desejo era trazer um mundo letrado e civilizado para a urbe (a feira de livros, o encontro de jornalistas, a biblioteca, as poesias etc.). Qual a origem destas sugestões? Analisando as produções discursivas sobre a

⁵⁰ Até a culminância das festividades no dia 11 de Outubro de 1964, apenas algumas sugestões de Nilo Tavares fizeram parte da programação do Centenário, como o concurso fotográfico sobre Campina Grande e a publicação das obras de Felix Araújo.

cidade nota-se a ebulição do projeto de modernização e o desejo de seduzir-se pelos signos do moderno, de imputar na cidade interiorana *o mundo civilizado*.

As sugestões do professor José Elias Borges, outro a se pronunciar no *Diário da Borborema* buscavam vincular as festividades do centenário com a história de Campina Grande, ao propor a “reprodução de quadros que retratem os vultos ilustres, a paisagem local, dos primórdios ao decorrer da evolução da cidade” (*Diário da Borborema*, 21 maio 1963, p. 04). Recorrendo as comparações com São Paulo e Brasília, onde foram criados museus da cidade, o professor sugere que Campina siga este exemplo, pois, “os visitantes e gerações vindouras poderiam ter uma visão da nossa gigantesca metrópole plantada em pleno sertão nordestino” (Ibidem).

Um deleite para a intelectualidade. É dessa maneira que enxergamos as sugestões do professor José Elias Borges, visto que o público que consome este tipo de produção artística são, em grande maioria, homens e mulheres das camadas mais elitizadas da sociedade.

O professor expõe quais faces da cidade que deveriam ser enquadradas nas telas pelas mãos dos artistas, bem como, as paisagens e elementos que deveriam ser expostos em comportas de vidro no museu para o deleite do público: a face moderna, maquiada e bela da urbe centenária. Uma paisagem selecionada, reescrita, reelaborada, repensada e adornada seria retirada das ruas para o espaço enquadrado de um museu ou de uma obra de arte.

Ele avisou que voltaria... O retorno de Nilo Tavares. Outra sugestão para a COMCENT é premiar os pais de crianças nascidas no ano do centenário e que atribuíssem aos seus filhos nomes de batismo dos ilustres homens de Campina Grande. O objetivo do colunista era homenagear a história da cidade. Segundo o jornalista, em pouco tempo teríamos “Teodósio de Oliveira Ledo, Cristiano Lauritzen, Monsenhor Sales, Irineu Joffily, Clementino Procópio, Felix Araújo” (*Diário da Borborema*, 30 out.1963, p. 05), caminhando lado a lado com Jões, Marias, Severinos etc.

Em meio às expectativas, sugestões e sonhos, a COMCENT traçou um calendário oficial, com a programação festiva do centenário.

QUADRO IV
CALENDÁRIO OFICIAL DO CENTENÁRIO - COMCENT

<p>Janeiro Dia 1- Abertura do “Ano do centenário” no Parque do Centenário Dia 2- 1º Feira Nacional da Indústria e Comércio-FENAIC Dia 11- Grande Baile Municipal com a Orquestra de Nelson Ferreira De 25 a 31- II Encontro das Escolas de Serviço Social do Nordeste</p>	<p>Julho De 1 a 5- Congresso do Magistério Primário do Estado De 2 a 27- Festival de Música de Campina Grande</p>
<p>Fevereiro De 1 a 7- Semana Pré-Carnavalesca De 8 a 11- Carnaval do Centenário De 24 a 29- Salão de Fotografia De 24 a 29- Seminário de Estudos Nordestinos</p>	<p>Agosto De 1 a 15- Festival do Desporto Amador Dia 9- Circuito Ciclístico de Campina Grande Dia 11- Chamada Geral do Nordeste-Conteste de Labreamos De 13 a 16- Congresso dos Municípios da Paraíba De 15 a 16- Vaquejada Dia 23 - Ginkana Automobilística Dia 30- Corrida de Lambrêtas (Circuito João Pessoa- Campina Grande)</p>
<p>Março De 8 a 15- Torneio “Centenário” de Futebol Dia 25- Auto da Paixão de Cristo Dia 29- Festa da Confraternização</p>	<p>Setembro De 1 a 7- Semana da Pátria De 1 a 7- Exposição de Animais De 1 a 7- Campeonato Nacional de Tiro ao Prato De 16 a 30- VI Conferência Nacional de Jornalistas De 8 a 15- Campeonato Brasileiro de Paraquedismo De 16 a 30 - Copa Centenária De 16 a 30- Jornada Médica Nacional</p>
<p>Abril De 1 a 15- Encontro do Teatro Brasileiro De 23 a 25- Encontro dos Escritores do Nordeste</p>	<p>Outubro De 1 a 31- Concurso de Vitrines Dia 10- Ballet do Centenário Dia 11- DIA DO CENTENÁRIO Dia 24- Torneio da Cozinha Nordestina Dia 31- Noite das Personalidades</p>
<p>Maiο De 1 a 15- Reunião do Trabalhador Nordestino De 17 a 24- Semana do Cinema Brasileiro</p>	<p>Novembro Dia 8- Prova Automobilística Recife- Campina Grande Dia 15- Circuito “Centenário de Campina Grande” Dia 28 - Festa do Algodão</p>
<p>Junho De 1 a 31- Festival Folclórico Nordestino De 20 a 26- V Congresso dos Viajantes, Vendedores e Representantes Comerciais</p>	<p>Dezembro Dia 24- Noite de Natal De 1 a 23 - Natal do Centenário Dia 31- Reveillon de Encerramento do Centenário</p>

Fonte: *Diário da Borborema*, 14 set. 1963, p. 01.

O calendário oficial foi inventado para as comemorações do centenário com uma multiplicação de eventos que rasgavam os meses no ano de 1964. Um calendário festivo, que iniciava à zero hora do dia primeiro de Janeiro e finalizava no dia trinta e um de Dezembro, à meia-noite. Extrapolando assim, a data de comemoração do centenário: o dia onze de Outubro.

Alguns feriados foram incorporados do calendário oficial ao calendário festivo do centenário, a exemplo do dia 15 de Novembro, feriado nacional, o dia 26 Julho e 05 de Agosto a nível estadual. O calendário oficial foi reconfigurado para atender ao projeto comemoracionista, afinal, em 1964 a *Rainha Centenária* era a protagonista.

A elaboração do calendário do centenário foi feita pela COMCENT em parceria com a *M.S Propaganda*: uma empresa contratada pela comissão para divulgar e produzir as festividades. O calendário foi apresentado a um grupo seletivo de convidados, na Federação das Indústrias em Campina Grande, com a promessa de Vital do Rêgo de que a programação “não ficará apenas nas manchetes dos jornais” (*Diário da Borborema*, 15 maio, 1963, p. 01).

Para além das celebrações festivas, foi planejada uma série de obras para as comemorações do centenário: a construção do *Parque Permanente de Exposição de Animais*, nas imediações do “Aeroporto João Suassuna”, no distrito do Ligeiro, com um custo estimado em quarenta milhões de cruzeiros; foi iniciada a obra do *Edifício do Fórum*, assinada pelo arquiteto Hugo Henrique; a construção da *Casa do Trabalhador*, no bairro do José Pinheiro; a *Escola Regional de Auxiliares de Enfermagem* foi incluída nas obras centenárias, assim como, o pavilhão *Governador Pedro Gondim*⁵¹.

Outro montante do dinheiro fora destinado para a colaboração e reforma de alguns clubes da cidade, era o dinheiro público sobrevoando os terrenos da iniciativa privada: desde reformas, expansão, compra de mobiliário, construção de quadras, arquibancadas e até de um bar, foram feitas pela COMCENT, *em nome do lazer dos campinenses* (Ibidem, 05 jun. 1963, p. 05). Uma generalização infundada, pois os frequentadores destes clubes eram uma minoria da população campinense (SOUZA, 2002). Foi beneficiado o Clube Campestre, o Gresse, o Clube dos Caçadores, o Treze Futebol Clube, o Campinense Clube, o Paulistano Esporte Clube... Este último mudou o nome

⁵¹ O pavilhão em homenagem ao governador Pedro Gondim ficou apenas nos planos da COMCENT, não chegou a ser construído.

do seu estádio após receber as verbas da COMCENT, para “Governador Pedro Gondim, segundo o presidente do clube, em sinal dos altos méritos e dos superiores dotes moral do governador” (*Diário da Borborema*, 05 jun. 1963, p. 05)

O carro chefe das obras do centenário, talvez pelos números envoltos a construção, estimada em 170 milhões de cruzeiros, foi à edificação do *Parque do Centenário*. Desde a sua idealização, em 1963, gerou inflamados debates, picuinhas e uma quebra de braço entre as principais lideranças da cidade.

O *Parque do Centenário* era um conjunto de edificações que incluíam a construção de prédios destinados a sorveterias e restaurantes. Algo comparado ao parque do Ibirapuera, em São Paulo. O parque seria erguido às margens do Açude Velho, ou melhor, pela análise das fontes, o Açude Velho e as áreas próximas seriam transformados no *Parque do Centenário*.

Enquanto o prefeito Severino Cabral projetava construir um *Play-Ground*, um pavilhão de exposição em estrutura metálica com uma possível cúpula circular; a COMCENT, da qual, ironicamente, Cabral fazia parte, planejava edificar um restaurante flutuante, o museu do algodão e um pavilhão para exposições industriais.

Uma carta, assinada por Newton Rique, prefeito eleito de Campina Grande, em 1963, chegou às mãos dos membros da comissão e, “aconselhava-os que não construíssem outra coisa as margens do Açude Velho a não ser o monumento do centenário” (Ibidem, 18 set. 1963, p. 03). Estaria montada a luta de quebra de braço: Severino Cabral (prefeito da cidade, (1959 - 1963)) – Vital do Rêgo (presidente da COMCENT) – Newton Rique (prefeito eleito, em 1963), três forças, caminhando para direções distintas... Nesta peleja, além da disputa pelo protagonismo na cena política campinense, um objeto poderia ser o eixo motivador desta rinha política: segundo o *Diário da Borborema*, a placa comemorativa de inauguração. Quais os nomes que deveriam constar? A proposta era confeccionar uma imensa placa que deveria conter:

A urbanização do açude velho começou com Vergniaud Wanderley, foi continuada por Elpídio de Almeida, Plínio Lemos, novamente Elpídio de Almeida e concluída por Severino Cabral, em convênio com o governo de Estado, na gestão do Sr. Pedro Gondim, através da comissão do centenário, presidida pelo deputado Vital do Rêgo (Ibidem)

Esta disputa seria explicada pelo ego dos políticos citados? Pelas brigas políticas entre eles? Ou pelo capital político que a obra traria? Acrescenta-se a estas indagações a minúscula vontade administrativa destes gestores em concluir uma obra que foi arrastada ano após ano, de mandato em mandato e, ainda, continuava inconclusa.

Foi firmado um contrato com a empresa *Remarque* para o aterramento, terraplanagem e limpeza do açude, mas até as vésperas da data, a obra do *Parque do Centenário* não tinha sido concluída, ficou presa nas ideias, nos projetos, nas plantas e na lentidão das administrações.

As verbas para a execução do programa festivo, divulgado no calendário oficial e para a construção das obras citadas vieram dos cofres do governo do Estado. Foram liberados trezentos milhões de cruzeiros, segundo decreto de lei nº 2.690/62, pelo governo do Estado para aplicação em Campina Grande. Pela data do projeto percebe-se que Pedro Gondim estava esperando um momento propício para a liberação deste dinheiro: os preparativos para o centenário seria um bom momento, ainda mais, tendo seu genro e virtual candidato à prefeitura, Vital do Rêgo na gerência destes recursos. Deste montante, cento e trinta e sete milhões (137 milhões) foram reservados para as despesas acima citadas (programa festivo e obras). O restante da verba, cerca de cento e sessenta milhões, seria aplicado pela comissão em obras futuras e/ou na execução de novas celebrações.

Nas fontes consultadas encontramos alguns balancetes das receitas e despesas da comissão. Discriminam-se os contratos assinados, as empresas envolvidas, os produtos e serviços contratados e os valores das transações.

O montante de dinheiro liberado pelo governo do Estado para a COMCENT gerou discursos distintos: enquanto os partidários do governador rasgavam elogios a sua iniciativa, a oposição, formada pelo grupo Argemirista, a exemplo de Newton Rique, denunciava o estado de inoperância da COMCENT, mesmo com tanto dinheiro em mãos. Elpídio de Almeida chegou a afirmar, nas páginas do *Diário da Borborema*, que “a comissão executiva do centenário (COMCENT) estava nadando em dinheiro” (*Diário da Borborema*, 09 jun. 1963, p. 05).

Era com o dinheiro da comissão no bolso, com o capital político do governador e de Severino Cabral que a candidatura de Vital do Rêgo ganhava corpo. Por sua atuação, a COMCENT ganhou o *status* de 4º poder na cidade pré-centenária. Vital do Rêgo

passou a exercer o papel de administrador das coisas do Estado em Campina Grande, confundindo sua imagem com a de Pedro Gondim.

O poder da COMCENT era convidado a interferir em campos distintos de sua competência: “na falta de um órgão de tabelamento de preços [...] Resta-nos apelar para a comissão executiva do centenário” (*Diário da Borborema*, 19 set. 1963, p. 05). Enfim, um exemplo banal, mas cabível do 4º poder exercido pela comissão em Campina Grande.

2.3 - O PREFEITO CENTENÁRIO: AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1963.

Os preparativos para a festa do centenário passam a caminhar paralelamente com as passeatas e comícios que cortam a urbe pré-centenária na eleição de 1963. A eleição e os atores políticos permeiam o contexto da festa, se apropriam do tema, produz uma gramática de discursos e práticas que imbricam suas propostas, suas visões e ideais de cidade ao processo de construção da festa do centenário.

Nos idos de 1962 pairava na cena política campinense a ideia de pacificação. O objetivo era encontrar um nome de consenso entre as principais lideranças políticas da cidade afim de lançar uma candidatura única nas eleições municipais do ano seguinte.

Ao analisar o jogo de interesses de certos atores, enxergamos a figura de Severino Cabral, então prefeito de Campina Grande, exigindo a paternidade do movimento de conciliação, pois, como *pai e líder* desta campanha não correria o risco de ser derrotado nas eleições, bem como, mobilizaria este mesmo grupo a levantar sua bandeira para a futura candidatura ao governo do Estado, em 1965.

Durante dias, semanas e meses as especulações, boatos e afirmações tomaram conta das páginas do *Diário da Borborema* e das ruas da cidade. As lideranças políticas viviam em constante troca de informação. As coxias do espetáculo político estavam movimentadas.

Muitos nomes foram cogitados, a maioria deles não resistiram as pressões das ruas e/ou dos líderes que não demonstravam interesse em uma determinada candidatura.

Dois nomes sobressaem e sobrevivem por algum tempo: o de Antônio Almeida Barreto (Tota Barreto), que se apresentava como “candidato do povo e das classes produtoras” (*Diário da Borborema*, 30 mar. 1963, p. 08). O então presidente da *Associação Comercial* conseguiu angariar um grande número de simpatizantes a sua candidatura, principalmente, de alguns empresários da cidade.

Buscando legitimar a sua candidatura, com um discurso pacifista, *Tota Barreto* afirmava que “as competições municipais têm sido sempre motivos de lutas acirradas, nas quais não se respeita a honra dos candidatos” (Ibidem). Nota-se o apelo a um bem maior, assinalando que as “brigas de ego” nada contribuem para o sucesso da cidade, ou seja, devia-se caminhar para a pacificação, para o *bem estar* da *Rainha da Borborema*.

A festa do centenário era o apelo utilizado para sustentar tal argumento, pois para a realização do evento, “de caráter monumental, que chame a atenção do Brasil [...] será preciso que as forças políticas estejam unidas” (Ibidem). Apesar dos discursos e propagandas, a candidatura de “Tota Barreto” não se coadunava bem com a ideia de conciliação, segundo Sylvestre (1988, p. 397), pelas “estreitas vinculações que o ligavam ao prefeito, pois o mesmo era executivo do banco Auxiliar, do qual Severino Cabral era um dos proprietários”. Sendo que, um dos requisitos para a aclamação como prefeito pacificador era a possibilidade de transitar entre os diversos grupos políticos da cidade.

A outra candidatura pacifista era a de Fernando Cunha Lima, oriunda do desejo de alguns jovens empresários da cidade e do seio do Movimento Nacional Brasileiro (MNB), do qual, Fernando Cunha Lima fazia parte.

Com a mobilização e conjunção de forças do MNB com outras alas políticas da cidade, com elementos do extinto Partido Comunista e com os membros do Partido Socialista Brasileiro, foi criado a Frente Popular Campinense (FPC).

Mas, o movimento quando ganhou às ruas, levantou bandeira de luta contra a pacificação, chamada de “manobra política dos chefes partidários” Sylvestre (1988, p. 406). Deixando as alas da FPC, Fernando Cunha Lima lançou candidatura pelo Partido de Representação Popular (PRP) de origem integralista, por isso, ficou isolada, sem o apoio da FPC. A candidatura de Fernando Cunha Lima morria pela falta do elemento essencial, a conciliação, pois, mesmo antes do lançamento da campanha já gerava debate e briga entre alguns dos partidos políticos da cidade.

Nota-se que, além do prefeito Severino Cabral e de alguns dos seus partidários, a pacificação adquiria cada vez menos simpatizantes, pode-se dizer, que a pacificação encontrava dura resistência principalmente entre os principais pleiteantes ao cargo de prefeito: Newton Rique e Vital do Rêgo.

Rivais nas eleições municipais de 1959 (SANTOS, 2008) e nas eleições estaduais de 1960 (ARAÚJO, 2010), Newton Rique e Vital do Rêgo se digladiavam nos bastidores da política campinense. Segundo o *Diário da Borborema*, o apêndice da discórdia, ocorreu quando Vital do Rêgo negou-se a “chancelar” a candidatura de Fleury Soares a prefeitura, um nome de conciliação lançado por Newton Rique para frear o seu, que neste momento, estava na mesa de debate entre as lideranças da cidade. Diante do fato:

(Vital do Rêgo) Bradou aos céus, protestou contra o acordo, considerou Newton Rique de “desertou” e foi a esquina da “Flórida” entre os populares, mostrando decisão de candidatar-se (*Diário da Borborema*, 13 jun. 1963, p. 06)

Newton Rique estava com a resposta preparada, poucos dias depois, encheu as ruas da cidade de folhetos e caminhonetas que divulgavam a sua candidatura. Neste mesmo dia, à noite, foi aos microfones da Rádio Borborema e pronunciou abertamente ao povo de Campina Grande: “*sou candidato!*”. A cidade se prepara para o embate, entre Newton Rique e Vital do Rêgo, mas apenas um dos competidores registrou candidatura para o confronto eleitoral.

Segundo a coluna “*Nota Política*” (Ibidem, 26 maio, 1963, p. 03), o governador Pedro Gondim havia convocado o prefeito Severino Cabral a apoiar a candidatura de Vital do Rêgo para a prefeitura de Campina Grande, mas Cabral havia recusado a candidatura, argumentando que Vital do Rêgo perderia para Newton Rique e, “ele não desejava entrar na luta para perder” (Ibidem). Esta notícia, publicada às vésperas da eleição *dinamitou* a candidatura de Vital do Rêgo.

Boatos que ganhavam representatividade nas letras, palavras e frases da coluna. O *Diário da Borborema*, em outra matéria, publicou: “a candidatura de Vital do Rêgo não tinha penetração popular” (Ibidem, 13 jun.1963, p. 06). Percebamos que a palavra *tinha*

está no tempo verbal passado, ou seja, não estava mais vigente, já havia entrado em descrédito e em falência.

O *esquema de 60*⁵² precisava correr, pois o pleito municipal estava marcado para o mês de Agosto, e a dois meses da eleição, a busca era por um nome que fizesse frente a Newton Rique nas urnas de Campina Grande.

Plínio Lemos era deputado federal e já tinha sido prefeito da cidade foi escolhido para o embate. De acordo com o *Diário da Borborema* (26 maio, 1963, p. 03), Plínio teria afirmado que “só seria candidato para ajustar “umas velhas” com o Sr. Newton Rique”. As “*velhas*”, seria uma desavença entre os dois, pois na eleição para a Câmara Federal em 1960, Rique fez campanha em Ingá, reduto político de Plínio, para Arnaldo Lafaiete.

Após o lançamento, pelo *esquema de 60*, da candidatura de Plínio Lemos começaram a pipocar nos jornais e rádios da cidade as prévias eleitorais. Antes mesmo, do registro da candidatura de Plínio Lemos, os seus partidários, com destaque para Vital do Rêgo, lançaram um manifesto no *Diário da Borborema* intitulado *Mais uma Vitória*, tentando descredenciar certos boatos:

A propaganda do “outro”, que chegou do Rio dizendo que Plínio não seria candidato, já está totalmente desmascarada. Plínio é candidato e o “outro”, pode ir arrumando a viola no saco para ir cantar em outra freguesia (Ibidem, 23 jun. 1963, p. 01).

Nota-se o tom pejorativo e agressivo da citação, ao tratar o candidato Newton Rique como o *outro*, em alusão ao desconhecido, àquele que vem de fora, o estrangeiro. Sua família não era de Campina Grande, mas, o uso da expressão “outro” deve-se ao fato de Newton Rique, por ser banqueiro, ser tachado como um homem alheio às condições sociais do povo.

Neste período, foram realizadas algumas enquetes na cidade para diagnosticar a intenção de voto dos campinenses. Estas prévias eleitorais contavam como os nomes de Newton Rique e Plínio Lemos na disputa eleitoral. De acordo com a:

⁵² Esta era a designação para a aliança política que ajudou a eleger o governador Pedro Gondim nas eleições estaduais em 1960. Segundo o *Diário da Borborema* (29 maio, 1963, p. 01), o esquema estaria de volta para eleger o “prefeito centenário”. O “esquema” era formado por *Pedro Gondim, Severino Cabral, João Agripino, Vital do Rêgo e Plínio Lemos*.

“Rádio Caturité: Marques do Herval (rua): Newton (13 votos), Plínio (se fôr o caso) 2 votos” – Rádio Borborema: Bairro casa de Pedra: Newton (22 votos) Plínio (se fôr o caso) 3 votos – Bairro da Conceição: Newton (27 votos) Plínio (se fôr o caso) 2 votos (*Diário da Borborema*, 19 jun. 1963)

Neste momento não havia sido feita a homologação da candidatura de Plínio Lemos na Justiça Eleitoral. Deve-se a este fato, a frase que vem à frente de seu nome nas pesquisas (*se fôr o caso*)? Sim! Mas, era também uma maneira de descredenciar esta candidatura.

O tom da campanha recrudescera com acusações mútuas: Newton Rique não poupou críticas e insinuações de desvio de verba por parte do governador, a quem chamava de “homem elegante, de apurado bom gosto, o Sr. Pedro Gondim acaba de comprar um carro pela quantia de DOZE MILHÕES DE CRUZEIROS” (Ibidem). Note que o valor do carro está em caixa alto a fim de chamar a atenção do leitor do jornal para o valor pago pelo automóvel. No mesmo editorial, alerta que “o posto de saúde localizado as margens do Açude Velho fechou por falta de verbas” (Ibidem). Veja a vinculação entre o fechamento do posto e o valor pago pelo carro. Uma clara insinuação de que o governador está mais preocupado com o seu conforto do que com a saúde da população campinense.

Na contramão deste duelo verbal, a campanha de Plínio Lemos, articulada por Vital do Rêgo, afirmava que a política do outro é francamente na base do negócio. Além da compra de votos, ele explora o ramo da venda de votos... Numa modalidade nova de transação bancária. O foco era utilizar a profissão exercida por Newton Rique, diretor do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), para incutir no povo a ideia de um banqueiro ladrão e sem escrúpulos para obter lucro.

Quando aportou em Campina Grande, Plínio Lemos, não trazia consigo as armas para o embate eleitoral, mas erguia a bandeira branca da desistência e da rendição. Renunciou à sua candidatura alegando motivos pessoais mas, para os partidários de Newton Rique aquele ato simbolizou a constatação da derrota. A notícia foi comemorada entre os círculos Newtistas como um sinal de vitória, era um “presente de papai Noel” (Ibidem, 04 jul.1963, p. 04).

Diante do clima de vitória, a chacota e as zombarias corriam o largo da soverteria Flórida, segundo Hélio Zenaide, na Coluna “*Política e Administração*”, a população gargalhava com a ideia de que “se Plínio tivesse sido candidato, no próximo ano Campina Grande teria de comemorar dois centenários” (*Diário da Borborema*, 04 jul.1963, p. 04). Deboche que utilizava-se da idade avançada de Plínio Lemos. A campanha de Newton Rique buscava explorar a sua *figura jovem*, enfocando o seu *dinamismo e força* como qualidades necessárias para fazer Campina Grande crescer ainda mais. Na outra ponta, Plínio Lemos, era representado como o antigo, o arcaico, o velho, aspectos que deveriam ser combatidos e não ajudavam no progresso da cidade.

Eleição com um só candidato? Nos idos de Julho, a eleição de Campina Grande, caminhava para este fim, com Newton Rique assegurando sua vitória.

Enquanto o *esquema de 60* corria atrás de um nome... Newton Rique lança seu *Plano de Ação* para o período de 1963/1967, algo análogo a *Revolução da Prosperidade*, lançada por ele, no pleito de 1959. O *Plano de Ação* continha as prioridades de sua gestão, com a exposição dos problemas enfrentados pela população da cidade e, posteriormente, apontava os mecanismos que seriam utilizados para a elucidação dos mesmos.

Detalhando metas de ação para cada setor da administração pública: como a educação, a saúde, a agricultura, o abastecimento, as obras públicas, a assistência e a industrialização da cidade, o carro chefe de sua campanha, pois se até o final dos anos 50 o setor industrial não possuía papel expressivo, destinando-se, principalmente, a produção de couro, têxtil, bebida, sabão, alimentos e beneficiamento do algodão, que se encontrava em pleno declínio (LIMA, 2004), Newton Rique propunha investir pesado no setor, para isso, o banqueiro pretendia atrair algumas indústrias nacionais e internacionais para a cidade.

Ao fim do *Plano de Ação*, Newton Rique assinalava como prioridade, para os primeiros dias de mandato, a organização, promoção e empreendimento das festividades do Iº Centenário de Campina Grande. O candidato se apropria da festa em sua campanha. Nas linhas finais, alfineta seus adversários ao afirmar que “apesar de ter me oferecido espontaneamente, não pude ser aceito a participar dos trabalhos da Comissão do Centenário” (Ibidem, 28 jul. 1963, p. 02). O recado tinha endereço, os salões do governo do Estado e os ouvidos de Vital do Rêgo, contradizendo a posição defendida

pela CONCEMT, que convocava a população campinense a participar da organização dos festejos do centenário.

2. 3. 1 - A “CAMPANHA DA ESPERANÇA” vs A “CAMPANHA DA LATA” - NEWTON RIQUE vs LANGSTEIN DE ALMEIDA.

A candidatura de Newton Rique ganhava as ruas e angariava o apoio de alguns setores da sociedade campinense, como as mulheres, uma nova força nas campanhas eleitorais. A *passeata da Mulher Campinense* que ocorreu nas ruas do centro da cidade, com concentração e término na Praça da Bandeira, representou um dos momentos marcantes de sua campanha. O discurso pronunciado pela professora Lourdes Passos, em tom poético e apaixonante, buscou motivar as mulheres e a sociedade campinense a saírem as ruas e abraçarem a candidatura do banqueiro:

Feliz do candidato trabalhista que recebe o apoio dos destemidos trabalhadores! Feliz do candidato a prefeito de Campina Grande, que recebe o apoio da mulher campinense! [...] Com bravura foi que a mulher campinense veio à praça pública em 1947 e disse para a Paraíba, para o Brasil e para o mundo que o prefeito daquela época seria Elpídio de Almeida. Hoje, ela volta a praça pública para dizer a Paraíba, ao Brasil e ao mundo que, você, Newton, será o prefeito do centenário (*Diário da Borborema*, 31 jul. 1963, p. 01).

A citação apresenta a proeminência das bênçãos das mulheres para a eleição do prefeito de Campina Grande, pois afirma que em 1947 as mulheres estavam ao lado de Elpídio de Almeida garantindo-lhe a vitória. Em 1963 a vitória vai vir à Newton Rique, novamente, pelo apoio destas mulheres. Outro fator relevante é a ideia do *Prefeito Centenário*, um símbolo recorrente nesta campanha que será apropriado pelos candidatos.

IMAGEM I

“PASSEATA DA MULHER CAMPINENSE” NA CAMPANHA DE NEWTON RIQUE



Passeata da mulher campinense. Apoio para Newton e Williams.

Fonte: Sylvestre (1988, p. 451)

Nota-se, na leitura da imagem, a hegemonia feminina no apoio a candidatura de Newton Rique. O fotógrafo optou por captar a imagem do alto, em um local que lhe possibilitaria retratar um número maior de pessoas na fotografia.

A imagem captada nas lentes da câmara do fotógrafo traz um objetivo explícito, neste caso, retratar a campanha de Newton Rique bem como demonstrar, numa possível propaganda, a adesão das mulheres ao candidato. Vemos cartazes ao fundo da imagem e bandeiras sendo erguidas.

Possivelmente, este espaço, apesar de não podermos distingui-lo na fotografia, tenha sido nas proximidades da Praça da Bandeira, palco dos principais movimentos e comemorações políticas de Campina Grande. A partir de alguns indícios, percebemos que a multidão está em movimento, pois no lado superior esquerdo da fotografia, vemos algumas pessoas acenarem em direção à multidão, outras apenas observa a massa.

A faixa, localizada no centro da imagem, traz em destaque fotos de Newton Rique ao meio e de Williams Arruda seu vice, ao lado. A criadora da faixa deixou sua marca:

homenagem de Balbina. Podemos ler a partir do contexto analisado o significado desta frase, assim como, o objetivo do fotógrafo em focalizá-la: mais uma mulher homenageia Newton Rique, mais uma mulher vota em Newton Rique.

Através dos microfones da Rádio Borborema, Langstein de Almeida⁵³, punha fim a candidatura única de Newton Rique afirmando que iniciava sua campanha, sendo “candidato de luta e não de protesto” (*Diário da Borborema*, 14 jul. 1963, p. 04). O slogan pretendia angariar o apoio dos oposicionistas ao banqueiro. O termo é emblemático, renegando uma posição passiva, entendida a partir do termo *protesto* e, conclama que sua candidatura fará frente a Newton Rique através da disputa eleitoral, da luta.

A campanha de Langstein de Almeida ia às ruas, através dos comícios, o primeiro foi realizado um dia após o seu pronunciamento, no bairro de Monte Castelo; fluía nas palavras de Vital do Rêgo, que o apoiava, nas páginas do *Diário da Borborema*, convocando a população a aderir à *campanha dos humildes*. Qual o impacto do anúncio da candidatura de Langstein de Almeida? De acordo com Sylvestre (1988, p. 431), este fato provocou uma reversão imediata nas prévias⁵⁴:

No dia 9, a diferença entre o candidato do PTB (Newton Rique) e Langstaine foi de apenas dois votos favoráveis a Newton (16 a 14 na Rua 2 de Julho, em José Pinheiro) e no dia 12, pela primeira vez Langstaine vencia Newton (15 a 11) no bairro do Cruzeiro

A empolgação da campanha de Langstein de Almeida foi minorada: primeiro por conta do seu afastamento do Partido Socialista Brasileiro (PSB), em decorrência do apoio do partido à candidatura de Newton Rique, por isso, teve que procurar uma nova legenda para disputar as eleições. A alternativa foi integrar as fileiras do Partido Republicano Paraibano (PRP), ex-Partido Integralista Brasileiro; Segundo, pela reação dos membros do *staff* político Newtista nos microfones da *Rádio Borborema*; Por último, pelo “afastamento” de Severino Cabral de sua campanha.

⁵³ Formado em ciências jurídicas na Faculdade de Direito da Universidade de João Pessoa, atuou como advogado. Em 1959 foi eleito vereador em Campina Grande, pelo PSD, em 1962, foi o candidato a deputado estadual mais votado da cidade, excluídos os distritos que compunham o município de Campina Grande. Ver em <http://langsteinblog.wordpress.com/2012/01/29/mini-biografia-de-langstein-de-almeida-amorim/>.

⁵⁴ As prévias eram realizadas pelos meios de comunicação da cidade, principalmente as emissoras de rádio e os jornais: Rádio Caturité, Rádio Borborema e Diário da Borborema.

A estratégia usada pelos partidários de Newton Rique para neutralizar Cabral foi a nomeação do seu genro, Williams Arruda, como vice na chapa petebista. Williams foi a disputa em 63 e naquele momento, o grupo petebista entendeu que era necessária uma aliança tática para chegar ao poder. A “neutralidade” de Cabral, na campanha de 63, foi confirmada em seu discurso:

Meu voto pessoal para vice-prefeito será do candidato Williams Arruda, visto as minhas ligações de estima pessoal. Quanto a prefeito, não tenho compromisso com nenhum candidato, nem autorizei pessoa alguma a falar em meu nome, indo presidir o pleito como juiz (*Diário da Borborema*, 14 jul. 1963, p. 04).

Neste período, o *esquema de 60* estava rachado – Cabral deixava a luta, para muitos, o *Seu Cabral* teria mudado de lado⁵⁵. Mas, oficialmente, requeria o cargo de juiz do pleito, uma posição superior, que lhe dava condições de sair fortalecido após o embate.

As campanhas se acirravam nas ruas, cada uma a seu estilo e com objetivos bem traçados. Newton Rique, com um discurso moderado, ancorado pelas lideranças nacionalistas da cidade, como Argemiro de Figueiredo, buscou mobilizar as forças populares através da *Campanha da Esperança*: baseada em passeatas, que, em diferentes momentos, mobilizavam um público alvo, como a *Passeata das Mulheres Campinenses*, a *Marcha do Trabalhador*; em comícios que corriam a noite, com “farta iluminação e muita música, nas quais sobressaíam as clarinadas de Arlindo do pistom” (Sylvestre, 1988, p. 446). Além disso, havia as vigílias cívicas, a exemplo do dia 08 de Agosto de 1963, quando:

O povo se concentrou no Largo da Estação Velha e desfilou com entusiasmo até a praça da Bandeira que ficou literalmente ocupada, foi um dos maiores comícios de Campina Grande. Os oradores se sucederam na tribuna até as oito horas do dia 9, com algumas intercalações para a apresentação de cantores e conjuntos

⁵⁵ Segundo João Jerônimo da Costa (Vereador em Campina Grande entre 1963 e 1969), em entrevista ao autor, Cabral apoiou a candidatura de Newton Rique.

Os adjetivos, presentes na citação, devem provir do entusiasmo de um dos membros mais atuantes na *Campanha da Esperança*, o autor e, naquela época, estrategista político de Newton Rique: Josué Sylvestre. Novamente, tem-se a Praça da Bandeira como palco dos espetáculos políticos na cidade.

A *Campanha da Esperança* estava nas ruas e diariamente, ao meio dia e cinco minutos, através do programa *Diário da Vitória* – Aos domingos, as 7 horas, por meio do programa *Chegou a vez de Campina* – Na sexta-feira, as 9 horas, com o programa *Sentidos de uma Campanha* (*Diário da Borborema*, 16 jun. 1963, p. 05) corria aos ouvidos campinenses pelas ondas do rádio. A propaganda Newtista se convertia em ondas sonoras que objetivava atingir o cotidiano doméstico.

O apelo propagandístico utilizava uma retórica que presava pela segurança, pelo preparo do candidato e por sua capacidade de atender os anseios e desejos da população. Projetava-se a figura de Newton Rique com adjetivos análogos aos da cidade, vendendo sua imagem: “como um vencedor, um progressista a altura do desenvolvimento de Campina Grande, a ideia era... Progresso e trabalho⁵⁶”.

A mobilização popular feita por Langstein de Almeida tinha como símbolo uma lata. Um instrumento utilizado diariamente pelos populares na busca por água, às vezes, como vasilha para cozinhar a comida – Era um símbolo de identificação do candidato com a classe popular da cidade.

A *Campanha da Lata*, como ficou conhecida, mobilizava para os comícios uma multidão carregando latas vazias de todos os tamanhos e formas.

⁵⁶ Entrevista de João Jerônimo da Costa ao autor. 26 Jun. 2013.

IMAGEM II

“CAMPANHA DA LATA” – PASSEATA NA CAMPANHA DE LANGSTEIN DE ALMEIDA



Passeata da “campanha da lata” passando pela Rua Vidal de Negreiros, exatamente em frente à residência do empresário João Rique Ferreira, pai do candidato Newton Rique.



Concentração da “campanha da lata” no Largo do Açude Velho.

Fonte: Sylvestre, (1988, p. 441 e 442).

Nas imagens, focadas a partir de um ponto elevado, o fotógrafo retratou a multidão em movimento pelas ruas da cidade, auxiliada por caminhões paus-de-arara, frequentes nestas campanhas, bem como um carro de som que distribuía para o povo os discursos inflamados dos políticos. Nota-se a presença de alguns cartazes e imagens de Langstein de Almeida, ao centro da fotografia. Imaginemos o barulho provocado pelo atrito de paus, pedras e galhos de árvores batendo em latas vazias de toda espécie.

O local da primeira imagem é emblemático, a residência do empresário João Rique, pai do candidato Newton Rique. O objetivo dos estrategistas da campanha de Langstein era opor o esplendor, a riqueza, *o berço de ouro* e o palácio onde Newton Rique viveu, com a dureza e a vida difícil da população, representado pelas latas. O rico e o pobre focado na mesma cena.

Na segunda imagem, pode-se refletir sobre o público destas manifestações, parafraseando Sylvestre (p. 440), opositor de Langstein de Almeida, compunha a cena uma enorme quantidade de menores de indisfarçável miséria estampada nas roupas velhas e remendadas e nos pés descalços ou protegidos por sandálias.

Pode-se conjecturar ainda, que grande parte da massa que compunha estas passeatas não eram eleitores, pois de acordo com a Constituição de 1946, vigente em 1963, o direito ao voto era permitido a todos os brasileiros com mais de dezoito anos de ambos os sexos, mas os analfabetos eram proibidos de votar. Sendo assim, essas pessoas, que carregavam a miséria *estampada nas roupas velhas e remendadas*, possivelmente não faziam parte do baixíssimo número de alfabetizados no município de Campina Grande, somando apenas, 69.961 alfabetizados, para um número de 207.445 habitantes⁵⁷.

Os números podem nos guiar a uma generalização infundada: pois, para votar, não precisava ser um *douto* mas, apenas escrever seu nome na lista dos eleitores e marcar um *x* no candidato escolhido.

Assim, aquelas pessoas que compunham a *Campanha da Lata* ou parte dela, não se fazia presente nas urnas, não se refletiriam em voto. Mas, causariam muitos transtornos e dores de cabeça para seus adversários.

O humor fez parte da campanha eleitoral de 1963. Para alertar os eleitores de Newton Rique de possíveis boatos, declarações falsas e da propaganda enganosa da *turminha da lata*, os correligionários do banqueiro recorreram ao uso de charges:

⁵⁷ Fonte: Recenseamento Geral do Brasil, 1960.

IMAGEM III

CHARGE FEITA PELO PTB SOBRE A “CAMPANHA DA LATA”



Fonte: *Diário da Borborema*, 11 ago. 1963, p. 03.

A charge, segundo o *Diário da Borborema*, foi de autoria de membros do PTB. O homem que segura a lata tem a fisionomia semelhante à do candidato da oposição, Langstein de Almeida. A denúncia, segundo editorial do *Diário da Borborema*, era da existência de uma caminhoneta “que se encontrava na residência do deputado Vital do Rêgo, que às 17 horas, chegara de João Pessoa, mandada pelo governo do Estado, com material de propaganda e que deverá circular hoje em toda a cidade” (Ibidem). Às vésperas da eleição, este tipo de prática era recorrente: vale lembrar sobre a operação *fura-pneus*⁵⁸, na eleição de 1959.

A charge convocava os membros do grupo Newtista a se protegerem da atuação dos partidários de Langstein de Almeida, identificados na imagem, pelo objeto que o homem segura na mão, uma lata, em analogia a *Campanha da Lata* feita pelo candidato.

O slogan que caracterizou a eleição de 1963 foi criado pelos partidários de Langstein de Almeida: *O tostão contra o bilhão*. Este mote pretendia colocar na arena política duas propostas antagônicas – o tostão, que significa, qualquer soma pequena em dinheiro, ou seja, o dinheiro que as classes mais pobres, os trabalhadores, às vezes,

⁵⁸ Sobre este fato ver Sylvestre (1988, p. 263-264).

tinham no bolso. O candidato Langstein de Almeida, ao assumir este personagem político, buscava se colocar como candidato das camadas mais pobres.

O bilhão, como aparece nas páginas do *Diário da Borborema* e, na obra de Josué Sylvestre, ou Milhão como retrata a historiadora Martha Lúcia Ribeiro, era a designação imposta ao candidato Newton Rique: por ser banqueiro, milionário, industrial, então ligado as classes ricas da cidade. Segundo João Jerônimo

Langstein também era rico, talvez mais do que Newton, com propriedades de heranças, que eles são descendentes diretos de Teodósio de Oliveira Ledo, são grandes proprietários no distrito... no distrito, hoje município de Boa Vista.

A campanha municipal enchia as ruas, fazia parte das rodas de conversa, frequentava os noticiários enfim, a cidade respirava os ares da eleição. No dia do pleito, marcado para o dia 11 de agosto de 1963, a população campinense foi escolher o *Prefeito Centenário*: entre o *tostão e o bilhão*... A apuração durou cinco dias, mas desde a divulgação dos resultados das primeiras urnas, ocorria o esperado, Newton Rique largava na frente para a vitória. Sylvestre relata que o debate e as apostas giravam em torno da diferença de votos entre os dois candidatos.

QUADRO V

RESULTADO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CAMPINA GRANDE (1963)

Candidato	Partido/ Coligação	Votação	% Válidos	Situação
Newton Rique	PTB/PSD	20.383	70,68 %	Eleito
Langstein Almeida	PRP	8.455	29,32 %	Não Eleito
Votos Nulos		845		
Votos Brancos		1.028		
Total apurado		30.711		
Eleitorado		45.672		
Abstenção		14.961	32,76 %	

Fonte: <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>.

Uma vitória que custou caro! Ao relatar sobre os altos investimentos na campanha, feitos principalmente por João Rique, Sylvestre (1988, p. 476) ressalta que o objetivo inicial era vencer com uma grande margem de votos, pois caso contrário seria uma vitória para Vital de Rêgo; contava-se ainda com a ambição do grupo Newtista em estabelecer uma liderança a nível estadual.

Williams Arruda, vice de Newton Rique, também foi eleito⁵⁹, com uma grande margem de diferença: Williams Arruda somou 19.162 votos, contra 7.115 de Newton Lelis, vice de Langstein de Almeida.

No embalo das festividades pelos cem anos da cidade os vereadores eleitos⁶⁰ para aquela magistratura tinturaram na placa comemorativa que se encontra atualmente no *hall das placas* na Câmara Municipal, com o título de *Câmara Centenária*, apresentando mais uma apropriação da cena festiva.

Ainda em 1963, no dia 30 de novembro, Newton Rique tomou posse como prefeito da cidade. A festa foi promovida com o apoio dos *Diários Associados* e realizada entre o Largo da Prefeitura e a Rua Maciel Pinheiro. A festa contou com a presença do G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro.

2. 4. A COMCENT: DO PRÉ AO CENTENÁRIO – OS AJUSTES PARA A FESTA.

Os meses avançam... Campina está próxima de completar seus 99 anos e, após o período eleitoral, em que se digladiaram na arena política as principais lideranças da cidade, os olhos da população e do *Diário da Borborema* se voltam para as festividades do centenário, ou melhor, os olhos se voltam para a COMCENT, encarregada de organizar e promover o evento.

⁵⁹ Neste período, seguindo a constituição de 1946, havia eleições distintas para os diferentes cargos do executivo.

⁶⁰ Antonio Cabral Sobrinho, Anézio Leão (PSP); Raimundo Montenegro (PRP); Everaldo Agra, João Jerônimo e Argemiro Filho (PTB); Pedro Cordeiro, Antonio Pimentel e Noilton Dantas (PSD); Edvan Leite, Augusto Ramos e Severino José de Souza (PR) e Manoel Barbosa, João Nogueira de Arruda e Génesio Soares (PSB). Cf. Sylvestre, 1988, 457.

Neste momento, a COMCENT tem que debater com os novos representantes da cidade - prefeito, vice e vereadores eleitos - sobre o encaminhamento da programação, com isso, colocar-se-ia, frente a frente, dois inimigos declarados: Vital do Rêgo, presidente da COMCENT e Newton Rique, prefeito eleito.

Para além do brio pessoal, Vital do Rêgo teria que contornar os desentendimentos internos da comissão: Raymundo Asfora havia pedido demissão da Assessoria de Assuntos Culturais dando como justificativa uma frase resumida, mas esclarecedora: “fiz tudo como assessor, e ninguém cumpriu nada” (*Diário da Borborema*, 27 set. 1963, p. 03). Contabilize a este fato, os desentendimentos políticos.

Para agravar a situação do órgão, o próprio Vital do Rêgo havia apresentado renúncia da presidência e posterior afastamento da COMCENT, “em decorrência da atitude do secretário estadual de finanças que trancou verbas daquele colegiado” (Ibidem). Mas, operando entre provas e possibilidades, enxergamos que não havia motivo para o secretário cortar uma verba que já havia sido liberada, como apontamos anteriormente, além disso, essa acusação colocaria em xeque o capital político ganho pelo governador, seu sogro, em Campina Grande com a criação da comissão. Pode-se conjecturar que a presidência da comissão não o interessava mais, uma vez que não seria mais prefeito, seu projeto pessoal havia ruído, pois a eleição já estava decidida.

O que Vital do Rêgo ganhou com este boato? O pedido, nas páginas do *Diário da Borborema*, para que o mesmo continuasse a frente da COMCENT, com isso mobilizaria a opinião pública a seu favor naquele momento e em futuros embates.

A comissão se mobiliza para os preparativos da festa do pré-centenário de Campina Grande, momento em que a cidade soprará as velinhas de 99 anos. Neste momento o discurso se transforma e a COMCENT passa a ser retratada, nas páginas do *Diário da Borborema*, como dinâmica e merecedora de aplausos do povo campinense.

A programação dos 99 anos da cidade foi marcada para o dia 20 de Outubro (isso mesmo, a festa não foi realizada no dia 11, tendo como justificativa o curto prazo para sua organização) começando com o raiar do sol, no cimo da verde Serra da Borborema, às 05:00hs de domingo, com uma girândola para alvorada; às 08h30hs teria a entrega pelo governador ao corpo de bombeiros de duas unidades extintoras de incêndio; às 08:45hs o desfile às margens do Açude Velho; ao meio dia, uma salva de 21 tiros em homenagem a cidade; às 15:00hs, a população estava convidada a ir ao Estádio

Presidente Vargas, para o jogo entre Treze e Campinense, com portões abertos; às 19:30hs haveria a assinatura das obras do Açude Velho e a assinatura do projeto de lei, pelo governador Pedro Gondim, transformando o dia 11 de Outubro em feriado estadual; às 20:30hs, finalizando as comemorações, teria a apresentação no auditório do Convento de São Francisco, *do Balett do Centenário*, com entrada gratuita.

A festa do pré-centenário foi reproduzida pelo canal 4, *TV Borborema* e pelo canal 6, de Recife e por meio da *Rádio Borborema*. No dia 20 de Outubro de 1963, a *TV Borborema* estava no ar em caráter experimental e pela primeira vez uma partida de futebol foi televisionada na cidade, o clássico entre Treze e Campinense, que fazia parte das comemorações centenárias e que teve um placar final de 1X1.

O ponto alto do evento foi o desfile cívico às margens do Açude Velho⁶¹. Ali, das nove horas da manhã até à uma hora da tarde passaram as bandas, as fanfarras, os estudantes das escolas da cidade e a polícia militar. Em matéria publicada no dia 21 de outubro de 1963, no *Diário da Borborema*, estima-se um número de cinco mil pessoas, de todos os recantos da cidade e de fora dela, tenham acompanhado o desfile às margens do Açude Velho⁶².

O desfile cívico teve ampla participação popular, até porque a presença de alguns setores era obrigatória (como as escolas públicas e particulares, o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar, alguns sindicatos, o exército etc.) garantindo um número elevado de participantes. A população participava e usufruía das comemorações: os ambulantes em torno do desfile vendendo pinga, bolos, balas e pipocas para os *guris*; as mocinhas fardadas e/ou com o traje especial para aquele domingo saíam perfumadas, talvez nem tanto ao final do desfile, em busca de novas paqueras e/ou de antigos chamegos; assim como os *playboys* da cidade; sem contar com os *beiras de palanque* que rodeavam as autoridades em busca de um trocado e/ou de um favor.

⁶¹ O desfile foi transmitido pela TV Borborema no dia 30 Jun. 1963. Infelizmente não tive acesso a este material: segundo os representantes dos Diários Associados, todas as filmagens antigas foram levadas a Brasília e possivelmente incineradas.

⁶² Desfilaram no próximo domingo pela ordem: Destacamento da Polícia Militar da Paraíba, Batalhão de Infantaria e do Corpo de Bombeiros, Clube de Ciclista de Campina Grande, Mocidade Evangélica, Clube de Paraquedista, Instituto Jerônimo Gueiros, Externato São José, Círculo Operário de José Pinheiro, Escola Normal Estadual, Colégio Comercial Municipal, Colégio das Lourdinhas, Colégio Diocesano Pio XI, Colégio Alfredo Dantas, Colégio das Damas, Colégio Estadual, Ginásio Colégio Lisboa de Areia, Instituto de Educação de João Pessoa, Colégio Lins Vasconcelos de João Pessoa, Colégio N. S. de Lourdes de João Pessoa, Exército Brasileiro (*Diário da Borborema*, 21 out. 1963, p. 01).

O jornal, a COMCENT, alguns intelectuais, entre outros, buscaram através de uma forte propaganda aflorar o sentimento bairrista da população. A argumentação política centrava-se na “obrigação” da sociedade em prestigiar e construir uma Campina cada vez maior. Esse foi um momento em que se processou a centralização de normas e discursos, visando à construção da identidade social em torno de um ideário campinense, na tentativa de formar homens “civilizados” e dispostos a trabalhar pela cidade.

Nos meses que se seguiram, novembro e dezembro de 1963, multiplicam-se nas páginas do *Diário da Borborema* as manchetes envolvendo as obras promovidas para o centenário: Edifício do Fórum, Escola de Enfermagem, Parque Centenário, Parque de Exposição de Animais, além das realizações nos clubes da cidade... Estas obras já haviam sido divulgadas anteriormente, esta repetição, possivelmente, se deve a tentativa de construir a imagem da cidade transformada em um canteiro de obras. Isto simbolizava a tentativa de projeção da ideia de (re) construção, seja da política, da sociedade, da economia, da própria cidade, através das mãos do criador – leia-se o governador, Pedro Gondim e Vital do Rêgo, presidente da CONCENT.

Na busca de visibilidade, a COMCENT buscou divulgar as festividades do centenário através das páginas da Revista *O Cruzeiro*, pertencente aos Diários Associados de Assis Chateaubriand. O evento foi marcado para o dia 18, mas veio a ocorrer apenas no dia 21 de novembro de 1963 mediante o pagamento de metade dos custos pelo evento, no Rio de Janeiro.

Mas, a população de Campina Grande, nos idos de fevereiro, estava mais interessada nas festas carnavalescas. O Carnaval de 1964 faria parte do Calendário do Centenário da Cidade. Inúmeras escolas de samba e blocos de Pernambuco foram chamadas pela COMCENT: a Escola de Samba *Almirantes do Samba*, o *Maracatu Indiano*, os *Caboclinhos Tabajaras*, o *Clube das Pás*, o *Bloco dos Inocentes* do Rosarinho, todos do Recife vieram se apresentar no *Carnaval Centenário* (*Diário da Borborema*, 04 fev. 1964, p. 05).

Ainda em fevereiro, foi aberto o concurso fotográfico para amadores, versando sobre os temas: o Nordeste e Campina Grande. As fotos seriam expostas no Iº Seminário de Estudos Nordestinos, mais uma realização da COMCENT.

IMAGEM IV

Iº SALÃO DE FOTOGRAFIA DE CAMPINA GRANDE - 1964



Fonte: *Diário da Borborema*, 28 fev. 1964, p. 03 e 03 mar. 1964, p. 03.

Na primeira imagem, um cartaz para divulgar e promover o evento, nota-se o estereótipo do fotógrafo nos anos 60: um homem (pelas fontes e trabalhos consultados não há registro de mulheres atuando como fotógrafas nesta década em Campina Grande) trajado para mais um dia de trabalho, carregando o terno nos ombros e a câmera na mão.

A segunda imagem foi captada no Cine Capitólio, no centro da cidade, local onde ocorreu o salão de fotografia para amadores e a exposição dos trabalhos de alguns profissionais da cidade.

A divulgação do resultado foi feita pela COMCENT no mês de agosto: primeiro lugar, José Clementino, com a exposição *Tristeza*; Segundo lugar, Robert Shatowinski, com *Sorte Milesimal* e o terceiro lugar ficou com Fernando Fernandez, com a exposição *Figuras a contraluz*. O primeiro colocado é de Campina Grande e os outros dois

premiados do Recife, participantes do Grupo Câmera. Quanto à premiação, não temos evidências da data em que tenham acontecido.

Em março de 1964, a COMCENT realizava o *Torneio de Futebol do Centenário*. Participaram do torneio, além de Treze e Campinense, o Botafogo de João Pessoa (que entrou na vaga do ABC, do Rio Grande do Norte), o Confiança de Aracaju, o CSA de Maceió, o Fortaleza do Ceará, o Náutico e o Olaria do Rio de Janeiro. Os jogos foram realizados nos dias 08, 10, 13 e 15 de março, no Estádio Plínio Lemos (local da abertura) e no Estádio Presidente Vargas.

A COMCENT ficou responsável pela criação do regulamento, das datas dos jogos, da premiação e com os custos do evento estimado, segundo o *Diário da Borborema*, em oito milhões de Cruzeiros. Abaixo, conforme o *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, a tabela com os resultados do torneio:

QUADRO VI
TORNEIO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE - 1964

TABELA DO TORNEIO
08.03.1964 - TREZE 3 x 0 BOTAFOGO
08.03.1964 - FORTALEZA 5 x 1 CRB
10.03.1964 - CAMPINENSE 0 x 1 FORTALEZA
10.03.1964 - NÁUTICO 4 x 0 CONFIANÇA
13.03.1964 (SEMI – FINAIS)
TREZE 0 x 1 FORTALEZA
NÁUTICO 2 x 2 OLARIA ⁶³ (nos pênaltis: Náutico 3 x 1)
15.03.1964 (DECISÃO DO 3º LUGAR)
TREZE 0 x 2 OLARIA

⁶³ O Olaria, clube do Rio de Janeiro, entrou na competição apenas nas semifinais.

15.03.1964 (FINAL)
NÁUTICO 2 x 2 FORTALEZA (nos pênaltis: Náutico 7 x 6)
CAMPEÃO: NÁUTICO

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>.

Apesar dos resultados negativos dos times paraibanos, exceto o Treze Futebol Clube, que ficou com a quarta posição, o público compareceu aos estádios, mesmo com a chuva, que *teimava em cair* na hora dos jogos. O campeão foi o Clube Náutico Capibaribe, de Pernambuco, que derrotou o Fortaleza na final, na decisão por pênaltis.

Contrariando o regimento da COMCENT, que previa a rotatividade na cadeira presidencial, os seus membros decidem eleger Vital do Rêgo por tempo indeterminado (*Diário da Borborema*, 03 abr. 1964, p. 03) – poderia soar como um reconhecimento pelos trabalhos prestados e/ou pela capacidade de liderança do deputado federal, mas, nas entrelinhas da notícia, notam-se duas estratégias dos demais membros da comissão: primeiro, Vital do Rêgo era o veículo que trazia as verbas do governo do Estado aos cofres da COMCENT, sem ele, talvez, estas verbas não chegassem; segundo, os próprios membros, seguindo algumas pistas deixadas pelo *Diário da Borborema*, não tinham total conhecimento das transações financeiras realizadas por Vital do Rêgo, enquanto presidente do órgão.

Queremos exemplificar nossas conclusões seguindo alguns indícios apontados na documentação: um dia após a retificação do nome de Vital do Rêgo, o governador liberou uma verba suplementar para a realização das festividades do centenário (*Ibidem*, 04 abr. 1964, p. 03), fato que aponta na deliberação de recursos, apenas enquanto Vital do Rêgo estava na presidência. Continuando nesta tese, observamos à recusa de Severino Cabral em presidenciar a comissão (*Ibidem*, 20 mar. 1964, p. 01), como uma prova veemente, assim como a recusa de Lopes de Andrade (*Ibidem*, 23 set. 1964, p. 05), da incógnita situação financeira do órgão.

Em março de 1964, época da recusa de Cabral, o periódico anuncia um déficit orçamentário da COMCENT em torno de 39 milhões de Cruzeiros; em setembro, ocorrerá a segunda recusa à presidência, desta vez feita por Lopes de Andrade. O mesmo afirma pelas páginas do *Diário da Borborema* que “se caso assumisse, iria se

dirigir, por ofício, ao governador Pedro Gondim, propondo a extinção imediata do órgão” (*Diário da Borborema*, 23 set. 1964, p. 05). Conclui dizendo que a comissão “se encontra sem mais recursos financeiros para atuar e que não tem mais razão de ser” (*Ibidem*).

Ainda em março, as críticas começam a gotejar com mais força e rapidez sobre a cabeça da comissão: a paralisia das obras por falta de verba, com poucas perspectivas de serem concluídas antes do dia 11 de outubro de 1964 produz alguns questionamentos sobre os altos gastos da comissão, o custo das obras, bem como, sobre a competência de seus membros na execução do programa do centenário. Na coluna *Rosa dos Ventos* (*Ibidem*, 16 maio, 1964, p. 07), o jornalista Stênio Lopes⁶⁴ produz uma análise da atuação da COMCENT na efetivação do programa do centenário, presente no calendário.

Já no primeiro dia do ano, primeiro do calendário, houve a primeira falha: seria a “abertura do ano do centenário” no **PARQUE DO CENTENÁRIO**. Mas não havia (nem há) Parque do centenário (...). No dia dois de janeiro, deveria ter sido inaugurada a feira da Indústria e Comércio, não se realizou.

No mês de fevereiro, houve os bailes de carnaval “do centenário”. As chuvas haveriam de impedir as exposições de blocos de carnaval do Recife, nas ruas de nossa cidade: mesmo assim, foram trazidos e exibidos nos clubes.

Em março houve o torneio de futebol. Apesar de sua má organização, teve êxito. Aliás, futebol e carnaval, com ou sem centenário, podem alcançar o êxito.

Mas já em março, o calendário que começou mal, deu sinal de evidente fracasso: não vimos o “auto da paixão de Cristo”, nem houve a festa de confraternização.

O mês de abril marcou definitivamente o começo do malogro total. Não se realizou o “encontro do Teatro Brasileiro” nem se realizou o “encontro dos Escritores do Nordeste”

Maio chegou, o calendário continua falhando. De 1º a 15, deveria estar se realizando o encontro dos trabalhadores nordestinos. E a 17 deveria começar a “semana do cinema brasileiro”.

Em junho estariam previstas duas boas programações: de 1º a 31 o festival folclórico nordestino e de 20 a 26 o V Congresso de Viajantes, Vendedores e representantes Comerciais. Em julho de 1º a 5 deveria se realizar o congresso de professoras primárias do Estado e de 2 a 27 o festival de música.

Quanto aos meses mais próximos da data centenária, setembro e outubro, não se podem fazer prognósticos muito animadores (...)

⁶⁴ Stênio Lopes foi nomeado para a Assessoria de Relações Públicas da CONCENT, mas pelo tom das críticas, creio que o jornalista não fazia mais parte daquele órgão.

O tom crítico do colunista deixa transparecer o descontentamento com as falhas da COMCENT, apontando o desastre que as festividades terão se a COMCENT continuar neste rumo. Salientando que as críticas são direcionadas para a comissão e não para a festa do centenário.

Os adjetivos negativos, paulatinamente, ganham sentido hiperbólico: *falha, má organização, fracasso, malogro total*. As críticas são pelas lacunas ocorridas na efetivação do calendário, assim como, na execução. Por fim, Stênio Lopes, em tom catastrófico põe a COMCENT em descrédito diante do público.

As críticas no *Diário da Borborema* continuam – dez dias após a coluna de Stênio Lopes o jornal estampa a seguinte manchete: “Falta de verbas resultou na inércia da COMCENT: O CALENDÁRIO “PIFOU”” (*Diário da Borborema*, 26 maio, 1964, p. 04). Neste momento cai uma tempestade de críticas, escândalos, brigas e denúncias contra a comissão, contra Vital do Rêgo e contra o governador Pedro Gondim.

A crise se agrava. No dia 22 de maio, Noaldo Dantas, um dos idealizadores da comissão, pede sua renúncia. Neste momento recrudescem os desentendimentos políticos entre o governo do Estado, representado pela figura de Vital do Rêgo e o atual prefeito Newton Rique, a quem Noaldo Dantas apoiava.

A tempestade se transforma em furacão quando o deputado federal Luiz Bronzeado, pertencente a UDN, partido que compõe a base do governo do estado, declara em entrevista ao jornal *Correio da Paraíba* que “**A PARAÍBA AFUNDA NO PÂNTANO DA CORRUPÇÃO**”.

As acusações apresentadas pelo deputado tinham duas frentes de ataque: primeiro, “a cobertura acintosa dada aos processos de comunistização com o estímulo descarado às agitações camponesas” (Ibidem, 21 maio, 1964, p. 02). A denúncia tomava por base um discurso de Vital do Rêgo em que definia “a Paraíba como a última cidadela da resistência janguista” (Araújo, 2009); Segundo, o processo de corrupção, que de acordo com Luiz Bronzeado assola o governo do Estado.

A COMISSÃO DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE tornou-se o mais incalculável sorvedouro de dinheiros públicos. Pagamento de subsídios têm sido suspensos; pagamento ao funcionalismo tem sido atrasado; despesas efetuadas por outros poderes e a conta do tesouro ficam penduradas, ensejando publicações escandalosas de cobranças por que o digno secretário Visgueiro não consegue repetir o milagre do rei Midas, o único que poderia

satisfazer a sede de dinheiro da famigerada comissão do centenário (*Diário da Borborema*, 21 maio, 1964, p. 02)

Em sua defesa, o governador tenta desqualificar o acusador, afirmando que os motivos que geraram este desconforto foram causados por quem se beneficiou inúmeras vezes de favores provenientes do Estado e comparou o deputado aos “pistoleiros profissionais que atiram pelas costas, ao nível exato do coração. É uma técnica. Visam à segurança do tiro, o êxito da fuga e a garantia do contrato” (Ibidem, 31 maio, 1964, p. 02). Queremos salientar que, em nenhum momento da entrevista, o governador defendeu a COMCENT das acusações.

Em busca de pistas que qualifiquem ou não as acusações de Luiz Bronzeado, recorremos as nossas fontes a fim de encontrar qualquer vestígio que possa nos levar a uma posição diante do fato: fomos detectar numa nota de esclarecimento da empresa *M.S Propaganda*, em que o publicitário e dono da empresa Luiz Maranhão Filho aponta os motivos para o rompimento do contrato entre a sua empresa e a COMCENT: “a atitude foi motivada por falta de pagamento, havendo no momento atual um saldo devedor de cinco milhões, trezentos e oitenta e oito mil, cento e setenta e nove cruzeiros” (Ibidem, 27 jun. 1964, p. 07).

Soma-se a esta denúncia, as feitas por Petrônio de Figueiredo, opositor ao governo Pedro Gondim, na Assembleia Legislativa do Estado, na qual ele afirma que a COMCENT tem dívidas abertas com a *TV Jornal do Comércio*, canal 02; com a revista *O Cruzeiro*, pela divulgação do calendário do centenário no valor de quinze milhões de cruzeiros; ao *Rique Palace Hotel*, a comissão devia um milhão e duzentos mil cruzeiros. Petrônio de Figueiredo chega a afirmar que se “fosse feito um convite aos credores do órgão, apareciam tantos, que seria provável realizar-se a maior concentração de todos os tempos na cidade serrana” (Ibidem). Um exagero! Mas, que nos deixa resquícios do momento vivido pela comissão.

Em meio as enchentes que assolaram a Paraíba, no mês de julho, o governo do Estado recorreu à esfera federal pedindo verba para socorrer as vítimas das chuvas, mas, contraditoriamente, liberou mais setenta e dois milhões para a COMCENT, causando um desconforto ainda maior. Em outro discurso na Assembleia Estadual, o deputado

Aloysio Pereira⁶⁵ classificou a COMCENT como a “maior peixeira que já enterraram na barriga do Tesouro do Estado” (*Diário da Borborema*, 27 jun. 1964, p. 07).

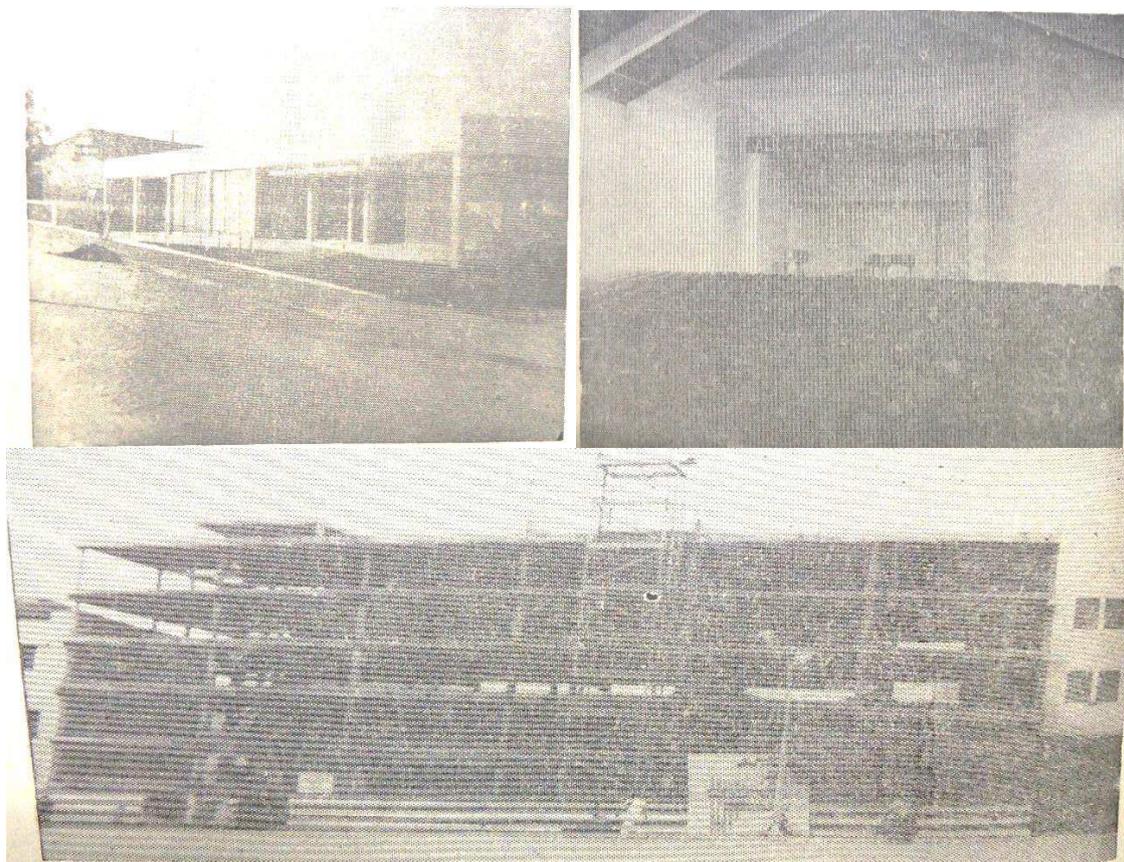
Se, externamente, sobravam críticas à comissão, internamente, o clima era de beligerância entre Vital do Rêgo e Edvaldo do Ó. O motivo principal desse conflito, segundo Edvaldo do Ó, em telegrama ao governador era o *regime absolutista e ditatorial* adotado por Vital do Rêgo à frente da comissão, além disso, some-se a recusa do tesoureiro da comissão, Pedro Iacoino, em prestar contas das verbas, dos gastos e das possíveis dívidas da gestão de Vital do Rêgo aos demais membros da COMCENT. O caso foi parar na polícia! O delegado foi acionado para conduzir o tesoureiro à sede da comissão para que prestasse contas dos gastos.

Diante do clima hostil provocado pelas frequentes brigas envolvendo a COMCENT, o presidente Vital do Rêgo, convocou a imprensa para uma entrevista coletiva. O advogado, com sua oratória afiada, tratou de defender-se das acusações e trouxe um furo para os repórteres: “Castelo virá a Campina no dia 11 de Outubro” (Ibidem, 29 jul. 1964, p. 06). Mas, os bombardeios não cessaram. Apontando a mira para Vital do Rêgo, para que nenhuma bala perdida atingisse o governador, Edvaldo do Ó, então presidente da COMCENT, chamou o ex-presidente da comissão *de irresponsável, leviano* e acrescenta que o mesmo está em plena campanha junto ao governador pela *dissolução da comissão*, isto porque “os membros do colegiado, diante dos descabros de Vital, resolveram voltar ao sistema inicial de rodízio na presidência, começando por mim” (Edvaldo do Ó) (Ibidem, 13 ago. 1964, p. 04).

O deputado se defende e ataca o seu adversário, Edvaldo do Ó, demonstrando através de imagens, tudo o que foi feito em seu mandato como presidente da Comissão Executiva do Centenário em Campina Grande. Duas páginas inteiras do jornal *Diário da Borborema* com fotos e a descrição dos prazos de entrega das obras. Nas páginas 04 e 05 vemos as imagens das obras do Colégio Estadual de Campina Grande, da inauguração da rede de água do Bairro de Santa Rosa, da Escola Regional de Auxiliares de Enfermagem, do Paulistano Esporte Clube, do II Batalhão de Polícia Militar do Estado, do Fórum de Campina Grande, do Ypiranga Futebol Clube, do Clube Médico de Campina Grande, do Redentorista e do Treze Futebol Clube.

⁶⁵ Filho do coronel José Pereira de Lima, antigo chefe político do município de Princesa Isabel, no Sertão paraibano. Foi deputado estadual, eleito pela primeira vez em 1958. Foi reeleito sucessivamente em 1962 e 1966. Compunha a base de oposição ao governo de Pedro Gondim.

IMAGEM V
OBRAS EXECUTADAS DURANTE A PRESIDÊNCIA DE VITAL DO RÊGO NA COMCENT



Fonte: *Diário da Borborema*, 22 ago. 1964, p. 04.

Optamos por expor apenas algumas imagens. A primeira refere-se à Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, já inaugurada, a segunda, ao lado, o auditório do Colégio Estadual, também inaugurado, tornando-se um dos maiores auditórios do Estado, em sua época e, mais abaixo a imagem dos serviços do Fórum de Campina Grande, que tinha sua inauguração marcada para o dia oito de dezembro.

Mas, mesmo com toda a propaganda e oratória, Vital do Rêgo não conseguiu se livrar da instalação de um inquérito policial, chefiado pelo comandante do 15º Regimento da Infantaria, Eduardo D'Ávila Mello. O objetivo era analisar as contas da Comissão Executiva do Centenário (COMCENT), especialmente os doze meses em que Vital do Rêgo esteve em sua presidência⁶⁶.

⁶⁶ O inquérito policial instalado para averiguar irregularidades na manipulação dos recursos financeiros do governo do Estado a Comissão do Centenário de Campina Grande indiciou o governador Pedro

Neste contexto, envolto em brigas, desentendimentos e denúncias, a COMCENT foi aos poucos afastada das festividades do centenário. Chegou ao dia 11 de outubro sucateada e abandonada pelo governo do Estado, talvez pelas denúncias que ligavam os dois órgãos e/ou pela campanha feita por Vital do Rêgo para esfacelar os resquícios da comissão, já que o mesmo estava afastado do órgão.

2. 5 – A COMISSÃO CULTURAL DO CENTENÁRIO: O OLHAR INTELLECTUAL DA CIDADE.

Outra comissão! Em meio as turbulentas águas de março de 1964, o prefeito Newton Rique, por meio de um decreto municipal institui a *Comissão Cultural do Centenário*: atendendo aos pedidos de alguns intelectuais com influência na cidade, como o ex-prefeito Elpídio de Almeida e Raymundo Asfora. A comissão foi composta por cinco membros de livre nomeação do prefeito.

IMAGEM VI

COMISSÃO CULTURAL DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE



Fonte: *Diário da Borborema*, 07 out. 1964, p. 02.

Gondim e Vital do Rêgo por desvio de verbas e malversação do dinheiro público (Jornal Correio da Manhã, 24 Dez. 1965, p. 08).

A imagem acima foi feita durante o lançamento da obra *Horas de Enlêvo* de Mauro Luna, o livro foi reeditado e publicado pela *Comissão Cultural do Centenário*, no hall do Teatro Municipal.

A imagem registra a presença de quatro dos cinco membros da comissão: da esquerda para a direita vemos o professor *José Elias Borges*, a professora *Lourdes Passos*, o ex-prefeito *Elpídio de Almeida* e o deputado *Raymundo Asfora*, o ausente, e também integrante da comissão é o médico Bezerra de Carvalho. Todos os integrantes participaram da campanha Newtista nas eleições de 1963.

Os membros da comissão, segundo projeto de lei enviada à Câmara Municipal, não iriam receber qualquer remuneração e a mesma seria extinta em dezembro de 1964, ao fim do ano centenário. Foi aberto, pelo poder executivo, crédito de dois milhões de cruzeiros para as primeiras despesas do órgão.

A Comissão Cultural do Centenário seria responsável pela seleção e lançamento de obras literárias e artísticas durante os festejos centenários dando prioridade para a publicação dos trabalhos dos autores campinenses, bem como, para a produção do *Calendário Histórico de Campina Grande*, organizado por Lino Gomes Filho, que não chegou a ser publicado.

A *Comissão Cultural do Centenário* trabalhou na elaboração de uma Revista do Centenário. Mas, qual será o nome da revista? Esta foi a pauta de uma das primeiras reuniões daquele órgão, exposta nas páginas do *Diário da Borborema* (29 maio, 1964, p. 05).

(...) Muitos nomes foram apresentados e sugeridos, entre eles os de “cactos”, “cardos e fontes”, “nopaleia e lozeiro” e “loango”, sem que, entretanto nenhum desse recebesse aprovação total (...) Outra lista está sendo preparada, segundo soubemos constam os nomes “paus grandes”, “boninas”, “caturité”, “centúria”, “florais”, “tropeiros”, “nordestina”, “borborema”. Deve registrar que o nome da revista deve simbolizar qualquer coisa relacionada a Campina Grande.

Outras propostas surgiram fora do círculo da comissão, mas foram bruscamente rechaçados: *bossa nova* e *coca-cola* não agradaram e foram adjetivados como um “chinfrinismo boçal de intelectice sarfadana e medíocre” (Ibidem).

Temos registro, nos arquivos consultados, da produção de duas revistas pela *Comissão Cultural do Centenário: a Revista Campinense de Cultura* e a *Coletânea de Autores Campinenses*. Ambas tiveram sua primeira tiragem em 1964.

A Comissão editou e publicou a obra *Horas de Enlevo*, do poeta Mauro Luna, a *Obra Poética* de Félix Araújo; a obra do escritor campinense Rubens Saldanha. Acrescenta-se a obra de Boulanger de Albuquerque Uchoa *História Eclesiástica de Campina Grande*.

Todas as obras foram editadas e publicadas pela Gráfica Mousinho do Recife, sempre em torno de mil volumes. A linha editorial da *Comissão Cultural do Centenário* delineou que seriam publicadas apenas as obras de autores falecidos. Por isso, restringiu-se o número de publicações.

O principal objetivo da comissão era mostrar, para além do horizonte da serra da Borborema, algo da vida cultural de Campina Grande, apresentando que o dinamismo cultural da urbe acompanhava o seu desenvolvimento econômico. Nota-se que este projeto permeia um discurso característico em Campina Grande ligado a sua “nobreza”, a qual teria recebido a missão de liderar todo o interior nordestino. A cidade que já nasceu grande, até no nome, tem a “obrigação” de ser palco dos “grandes projetos” de crescimento econômico, industrial, político e, com esta iniciativa protagonizar a cena cultural.

Assim como as revistas *Campinense de Cultura* e a *Coletânea de Autores Campinenses*, a comissão sobreviveu após o centenário. Em 1965, a *Comissão Cultural do Centenário* ganhou uma nova nomenclatura, *Comissão Cultural de Campina Grande*.

2. 6 – “CASSAR E CAÇAR”: RESQUÍCIOS DO GOLPE MILITAR DE 1964 EM CAMPINA GRANDE.

Pretendemos tinturar nas páginas desta dissertação a intersecção entre o golpe militar de março de 1964 e a festa do centenário. Extrapola os objetivos, neste momento, analisar as nuances e consequências do golpe militar em solo campinense, por isso, optamos por fazer apenas um sobrevoos nesta cena.

Quando as águas de março atingiram a política nacional, a cidade de Campina Grande vivia em plena lua de mel, nos primeiros meses da gestão do prefeito Newton Rique e, talvez, mais preocupada com os preparativos da festa do centenário do que com a crise que assolava o governo de João Goulart.

Compreendemos que a conjuntura pré-Golpe civil-militar beneficiou a manipulação de alguns simbolismos permeados também na cidade de Campina Grande, em torno da ideia dicotômica de “bem e mal” – nacionalistas ou militares e os comunistas. A representação do comunismo para a sociedade foi sempre baseada em analogias negativas, segundo Capelato (2009), através da verticalidade representando as profundezas das trevas, da invocação de um bestiário exemplificado por répteis repulsivos, rastejantes, viscosos, e ainda, por doenças do organismo humano como vírus, tumor e câncer. Forjando no imaginário social⁶⁷ uma simbologia do mal acerca do comunismo.

Esta simbologia criou raízes na conjuntura política e social no Brasil⁶⁸: o anticomunismo foi pedra de toque para a instalação do Estado Novo varguista e mesmo após os anos de redemocratização, não se enterrou a ideia de *perigo vermelho*, de *comunização do país*.

A dinâmica política produzia e designava os desviados (Comunistas), a fim de servir a causa da ordem. A propaganda anticomunista era veiculada, em Campina Grande, pelo *Diário da Borborema*, assim como em toda a rede dos Diários Associados⁶⁹. Cabe ressaltar que o jornal “tomou para si a tarefa de conclamar a população para esta marcha” (Marcha da Família Com Deus pela Liberdade) (*Diário da Borborema*, 11 abr. 1964, p. 07).

A marcha foi iniciada às quatro horas da tarde com concentração no Açude Velho e percorrendo as Ruas João Tavares, Desembargador Trindade, Praça Coronel Antônio Pessoa, Rua Irineu Joffily, terminando na Praça da Bandeira, onde se faziam orações e

⁶⁷ Por imaginário chamamos todas as construções coletivas de interpretação e organização social a partir de símbolos e representações. O conjunto das representações elaboradas pela sociedade forma o que entendemos por imaginário social. Segundo Le Goff, o imaginário social pertence ao campo da representação, é apenas uma facção do seu território, na medida em que traduz uma realidade exterior percebida, ao mesmo tempo em que se trata de uma forma de representação que alimenta o homem e o faz agir. Dessa maneira, para Le Goff, o que o homem considera realidade é fruto do próprio imaginário, ou seja, é instituído imaginariamente. Cf. Le Goff, 1994. Pesavento (2005, p. 04), também conceitua imaginária “como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”, realidade ao que os circunda. O universo do imaginário é composto assim, por “imagens, símbolos, mitos e visões de mundo” e se relaciona diretamente com as questões sociais e políticas de uma época.

⁶⁸ Sobre o imaginário anticomunista ver os trabalhos de Teatino (2006) e Motta (2002).

⁶⁹ Cf. MELLO (1994).

discursos. A população foi convocada a comparecer nas ruas no dia 30 de maio em “regozijo pela vitória das forças democráticas que conseguiram expurgar do país todos os focos de infiltração comunista” (*Diário da Borborema*, 30 maio, 1964, p. 01).

IMAGEM VII
MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE EM
CAMPINA GRANDE (1964)



Fonte: *Diário da Borborema*, 31 maio, 1964, p. 01.

Acompanharam a marcha alguns colégios da cidade, como ilustrado na imagem à esquerda, assim como a guarnição federal e uma multidão que corria as ruas da cidade “em repúdio ao comunismo e em apoio a revolução de 1964” (*Diário da Borborema*, 30 maio, 1964, p. 01). Será que todas as pessoas que compõem esta cena foram com este intuito? Possivelmente não! Não pretendemos entrar neste mérito, mas cabe destacar o poder de mobilização do jornal *Diário da Borborema* e das alas conservadoras da cidade.

O enfoque dado à participação dos jovens, nas imagens abaixo, cria uma identificação entre a juventude e o futuro, que na leitura do jornal “está a salvo e será promissor a partir da revolução democrática de 1964” (*Diário da Borborema*, 31 maio, 1964, p. 01).

O golpe de 31 de março de 1964⁷⁰ teve, segundo João Jerônimo (2013⁷¹) “o apoio das classes conservadoras, comércio e indústria de Campina Grande, nós apoiamos integralmente”. Este fato dava suporte ao prefeito campinense e seus aliados, já que estas mesmas forças o levaram ao executivo campinense.

Desde os primeiros dias, os militares passaram a *cassar e caçar*, parafraseando Hélio Zenaide (1994). Cabe ressaltar a invasão feita pelos militares ao Centro Estudantil Campinense (Ibidem, 10 abr. 1964, p. 03).

As forças políticas campinenses estavam no campo de batalha: a oposição pedia a cabeça de Newton Rique aos militares, enquanto isso, o prefeito viajava a Recife para encontrar o chefe do exército no Nordeste, o Coronel Justino Alves Bastos, e com isso, tentar garantir-se na chefia do executivo campinense.

As pressões aumentavam e as listas de cassações se multiplicam diariamente. Foi a chamada *operação limpeza*, que nos idos de junho, acabava por atingir Newton Rique, impedindo de concluir o seu governo e retirava seus direitos políticos por um prazo de dez anos.

Foi produzido um Inquérito Policial Militar que chegou às mãos do presidente Castelo Branco, denunciando a origem política de Newton Rique, pois, além de ser eleito pelo PTB, possuía laços de amizade com o ex-presidente João Goulart e com o *inimigo da democracia*, Leonel Brizola.

⁷⁰ A historiografia brasileira sobre o golpe militar de 1964 é bem ampla, vale destacar os trabalhos de TOLEDO (1997), SKIDMORE (1982), IANNI (1994), FERREIRA (2003), assim como a historiografia paraibana com os trabalhos de CITTADINO (2006) e (1998), MELLO, GUEDES, BARBOSA, OLIVEIRA e NÓBREGA (1994), SYLVESTRE (1988).

⁷¹ Entrevista concedida ao autor 29 jun. 2013.

Pesava contra o prefeito, segundo o Coronel Otávio Ferreira de Queiroz, o fato dele ter sido apoiado pelos esquerdistas nas eleições municipais de 1963, que reunia alguns membros do “ilegal Partido Comunista, tais como os senhores Antonio Figueiredo Agra, Oliveiros Cavalcante e Oliveira, José Pereira dos Santos (o Peba), Manoel Monteiro da Silva, e Uziel Vale” (*Diário da Borborema*, 14 de ago. 1964, p. 01). Acrescenta-se a figura de Williams Arruda, seu vice, que saía das fileiras da Frente Popular Campinense, uma organização de esquerda.

A acusação mais inusitada que constava no Inquérito Policial Militar dava conta que “Newton havia adquirido armas na Bahia para formar em Campina uma resistência contra a revolução e que na prefeitura foram encontradas dezenas de metralhadoras” (Ibidem, 19 de jul. 1964, p.8). E que, estas armas estavam escondidas na prefeitura municipal, em seu gabinete.

O cargo de *Prefeito Centenário* estava vago! Com isso, o vice Williams Arruda, por lei, deveria assumir a chefia do executivo campinense. Porém, duas forças convergiram para impedi-lo: primeiro o grupo Newtista, que via em Williams Arruda um dos “conspiradores”, um dos que pediram a cabeça de Newton Rique aos chefes militares, não que ele tivesse este poder, mais o grupo que o apoiava: Severino Cabral, Vital do Rêgo, enfim opositores de Newton Rique que viam na posse de Williams Arruda uma oportunidade de chegar ao poder municipal; Segundo, sobre a ótica de João Jerônimo “o exército não tolerava a cobertura que a esquerda dava a Williams⁷²”.

O processo foi rápido, “na mesma noite da cassação de Newton, o coronel Queiroz me chamou em casa, me exigiu que reunisse a câmara, de noite, para cassar Williams Arruda”. Nesta época, João Jerônimo era o presidente da câmara. O teatro do poder campinense encena seu drama.

Seguindo uma resolução redigida pelo comandante local do Batalhão do Exército, seriam realizadas eleições indiretas para os cargos de prefeito e vice-prefeito de Campina Grande, cabendo à câmara de vereadores, eleger os novos administradores. Nas coxias da política, o coronel Octávio Queiroz notificou à João Jerônimo que “você é o nosso homem para ser o prefeito de Campina Grande”.

⁷² Entrevista concedida ao autor em 29 jun. 2013.

Segundo João Jerônimo surgiram duas candidaturas, a dele, referendada pelos militares e a do vereador Pedro Cordeiro, lançado por Raymundo Asfora: em votação aberta, Pedro teve 03 votos e João Jerônimo obteve 11 votos, faltava um voto, o do presidente, então João Jerônimo, foi à tribuna e votou em branco (Ata da Câmara dos Vereadores, 15 Jun. 1964).

A câmara referendou a escolha, fazendo João Jerônimo da Costa, o prefeito de Campina Grande e para o cargo de vice-prefeito, o também vereador, Noaldo Dantas. Nas coxias do teatro do poder escolhem-se nomes e projetos, no palco político, no caso em tela, a Câmara Municipal, legitima-se a trama e o roteiro imposto.

IMAGEM VIII

POSSE DE JOÃO JERÔNIMO COMO PREFEITO GRANDE



Fonte: Arquivo Pessoal de João Jerônimo da Costa.

A fotografia foi fornecida pelo Sr. João Jerônimo da Costa, em sua residência, no bairro do Mirante em Campina Grande. Carcomida pelas traças, em seu álbum de recordação. Infelizmente, a fotografia não nos deixa qualquer pista sobre a autoria do fotógrafo.

Foi captado o exato instante em que João Jerônimo assina o termo de posse como novo prefeito de Campina Grande, amparado, em seu lado esquerdo pelo vice, de terno escuro, Noaldo Dantas e, à sua direita pelo coronel Octávio de Queiroz. A presença do coronel era uma mensagem, aos demais presentes, sobre a legitimidade da posse. Ao lado do coronel, um aparelho transmissor, ecoando em tempo real a posse do novo prefeito, bem como esperando a oportunidade de ouvir as primeiras palavras de João Jerônimo na chefia do executivo campinense.

Mas, por que a escolha dos chefes militares recaiu sobre João Jerônimo? Primeiro, pelo cargo que o mesmo ocupava: a presidência da Câmara dos Vereadores, pois na ausência do prefeito e do vice, o presidente do legislativo deveria assumir a chefia do executivo municipal; segundo, como afirma o próprio João Jerônimo, “por ser o único ex-militar que nós (o exército) temos aqui dentro (da Câmara) e por fim, pelos meus laços de amizade e confiança que tinha com o coronel Queiroz”.

Qual a posição de Williams Arruda diante dos fatos? Quais são as medidas adotadas pelo grupo que o levará ao poder? Este imbróglio estava longe do fim...

O fato é que Campina tinha um novo *Prefeito Centenário*.

2. 7 – O GRUPO DE TRABALHO DO CENTENÁRIO: A PREFEITURA MUNICIPAL PROTAGONIZA A CENA.

O centenário estava logo à vista, a três meses de distância, e pairam na brisa fria que sopra por cima da Serra da Borborema, nas gélidas noites de Julho, os ares da desconfiança e da incerteza sobre os rumos que tomariam as comemorações do centenário de Campina Grande.

A COMCENT rastejava num lamaçal de críticas e denúncias de corrupção, a *Comissão Cultural do Centenário*, respondia apenas pelas produções livrescas e artísticas do evento. O que fazer? Desde 1961 que aparecem comissões e mais comissões, regem-se discursos nas tribunas e periódicos da cidade, mas, a cidade que havia se transformado num canteiro de obras, continua um canteiro, com obras inacabadas e/ou paradas.

No início de julho, João Jerônimo em conjunto com Noaldo Dantas, seu vice, decidem mobilizar um novo grupo para preparar o centenário.

QUADRO VII
GRUPO DE TRABALHO DO CENTENÁRIO

MEMBROS	ÁREA DE ATUAÇÃO
NOALDO DANTAS	VICE-PREFEITO
STÊNIO LOPES	JORNALISTA
MONSENHOR JOSÉ BONIFÁCIO	VIGÁRIO DA CATEDRAL
DÉA CRUZ	PROFESSORA
LUIZ MARANHÃO FILHO	PUBLICITÁRIO

Fonte: *Diário da Borborema*, 04 ago. 1964, p. 03.

Todos eram membros do *staff* político do prefeito cassado Newton Rique e do atual prefeito João Jerônimo. O grupo de trabalho foi apresentado no salão nobre da prefeitura a um seleto grupo de convidados.

Em meio a planos fracassados e ideias que ficaram nas manchetes do jornal, o grupo de trabalho pretendia efetivar uma programação compatível com a grandeza da data e da cidade e possível de ser executada.

Na análise das fontes nota-se que João Jerônimo utilizou a máquina pública para atender as exigências “fáusticas” que as celebrações, obrigatoriamente, deveriam apresentar. O prefeito “tinha” que proporcionar um grande espetáculo, que encantasse aos olhos, ouvidos e aos egos dos campinenses bairristas.

Neste momento, deve-se ressaltar que as rédeas do processo organizacional haviam mudado de mãos: da COMCENT para o *Grupo de Trabalho Municipal*, para isso, ao divulgar o *mini calendário* das festividades, no salão nobre da sociedade médica de Campina Grande (*Diário da Borborema*, 29 ago. 1964, p. 03), ficou claro o papel que cada órgão deveria exercer: o Estado, disse o governador Pedro Gondim, *está à*

disposição para colaborar com o grupo de trabalho. De protagonista, o governo do Estado, através da COMCENT, passou a ser coadjuvante na organização da cena festiva.

Pode-se conjecturar que, simbolicamente, a prefeitura retoma os rumos da cidade, dirigidos, por algum momento, pela COMCENT, que atuou como um quarto poder em Campina Grande, diante da lacuna deixada pelo poder municipal na organização da festa.

Entre as propostas e realizações do Grupo de Trabalho Municipal estava o *concurso de vitrines*, o *festival de cinema do centenário*, o *dia do ciclista*, a *festa de debutantes*, a *competição de natação* no clube dos caçadores, o *natal centenário* e o *réveillon centenário* (*Diário da Borborema*, 08 ago. 1964, p. 05).

A principal atração era a *festa no espaço*. Os campinenses foram convidados a olharem para o céu e apreciar a apresentação da esquadrilha da fumaça, para o início de outubro, mês do centenário. Outra medida para abrilhantar os céus da cidade foi o acordo com a *União Brasileira de Paraquedistas* para a realização do primeiro campeonato brasileiro de paraquedismo⁷³.

A festa no espaço inicia-se “com os azes do paraquedismo brasileiro, vindos de todas as partes do país, para celebrar dos céus a grandeza de Campina” (Ibidem, 29 set. 1964, p. 05). O céu que estava carregado de nuvens podia trazer, das encostas da serra da Borborema, a chuva, que neste instante atrapalharia as apresentações, por isso, a competição, que estava marcada para as nove horas, veio realizar-se apenas ao meio dia daquele sábado, 02 de outubro. Os paraquedistas lançaram-se de uma altura de dois mil metros, a bordo de um avião C-82, realizando várias manobras.

O momento mais esperado da festa do espaço foi a apresentação da esquadrilha da fumaça, levando uma multidão estimada em cinco mil pessoas ao Aero Clube. “Cinco aviões monomotores, quatro em grupo e um no solo” (Ibidem) realizaram acrobacias num rastro formigueiro, o avião descreveu no solo duas vezes a letra C, simbolizando *Campina Centenária*.

⁷³ O resultado do campeonato de paraquedismo: O campeão foi Luiz Schirmer (do clube de Sargentos e Sub-tenentes paraquedistas do Rio de Janeiro); o segundo colocado foi Carlos Tender Guimarães (do Clube de paraquedismo de São José dos Campos – São Paulo) e o terceiro colocado foi João Augusto Mac Dowell (da Equipe de Paraquedismo do Instituto Tecnológico da Aeronáutica). (Ibidem, 03 Set. 1964, p. 03).

A festa no espaço, com o seu jogo de sons e acrobacias, encenou para a sociedade campinense a face inovadora, progressista e autêntica da cidade, que junto de um aparelho discursivo, emitido pelos jornais e demais meios de comunicação, como o rádio, buscavam introjectar no imaginário social estes valores e reelaboravam, a partir do espetáculo festivo, a própria cidade.

O dinheiro para esta e outras realizações veio dos cofres municipais: vinte milhões em agosto, quarenta milhões em setembro, e mais cinco milhões do governo do Estado, “como prova do sentimento de colaboração entre os órgãos” (*Diário da Borborema*, 29 ago. 1964, p. 03).

A contagem regressiva, feita nas páginas do *Diário da Borborema*, anuncia a proximidade do centenário, assim como o seu caráter especial e peculiar. O Grupo de Trabalho Municipal volta-se para a preparação do *desfile cívico*⁷⁴ que percorrerá as ruas, avenidas e praças da cidade, numa comunhão de todos os campinenses e visitantes, representando, para falar com Souza (2010) “o dia em que a cidade (quase) pertenceu a todos”.

No fim do mês de setembro, a poucos dias da festa do centenário, o juiz Joaquim Sérgio Madruga concede liminar favorável a Williams Arruda no imbróglio judicial sobre a competência da câmara municipal em cassar o seu mandato de vice-prefeito. A luta encabeçada por Williams e seu grupo não cessará, apenas mudará de cenário: saía das tribunas políticas e vestia a toga preta da justiça.

Uma reviravolta que pegou a cidade de surpresa... Às vésperas do centenário! João Jerônimo reunia o secretariado e demais funcionários para tentar explicar o ocorrido. Talvez, surpreso pelo não cumprimento da promessa feita pelo coronel Octávio Queiroz, que supostamente, em conversa com João Jerônimo o instruiu dizendo:

João transmita o cargo a Williams e não se ausente da cidade, fique na câmara, que assim que Williams assumir, quando ele sair da câmara nós vamos prendê-lo e manda-lo para Fernando de Noronha, que eu quero ver o juiz que manda tira-lo de lá.

⁷⁴ Sobre o desfile cívico pretendo aborda-lo no próximo capítulo.

No dia seguinte da posse, Williams Arruda caminhava rumo a prefeitura municipal, para assumir o seu posto de trabalho. A poucos metros da prefeitura, João Jerônimo voltava a presidir a Câmara Municipal.

A repercussão da notícia atingiu as comemorações do centenário, sendo cogitada “a renúncia imediata e coletiva dos membros do grupo de trabalho encarregado de organizar as festividades do centenário” (*Diário da Borborema*, 29 set. 1964, p. 02). Isto se dava porque dois membros do grupo, Stênio Lopes e Noaldo Dantas, faziam parte diretamente do grupo político e administrativo da gestão de João Jerônimo: aquele era secretário de educação e este era o vice-prefeito⁷⁵.

Toda a programação e organização estavam prontas, ficando a cargo de Williams Arruda e de sua equipe a execução, tudo “funcionaria em termos de um apertar de botão” (Souza, 2010, p. 113).

Convido-os para a festa...

⁷⁵ Em linhas gerais venho discordar da versão proposta por Souza (2010) ao afirmar que Noaldo Dantas, ainda como membro da Comissão executiva do centenário (COMCENT) se demitiu por desavenças políticas com o restante da comissão. O motivo da renúncia foi político, mas foi gerado pela posse de Williams, assim como, Noaldo não fazia parte da COMCENT desde maio de 1964, como apontamos neste trabalho.

3. CLIO VAI À FESTA: AS APROPRIAÇÕES DO PASSADO EM RITOS E IMAGENS CÍVICAS

Os organizadores da festa, a COMCENT e o Grupo de Trabalho municipal, realizavam os últimos ajustes para o evento. Ornamentavam os lugares públicos utilizados para os desfiles, o palanque oficial e as ruas centrais, bem como, recebiam as atrações contratadas para divertir e animar a celebração dos cem anos da cidade.

Nas semanas que antecederam a cena festiva, no início do mês de outubro, a cidade foi vestida e maquiada na expectativa de atrair e seduzir o maior número de pessoas às suas ruas e avenidas. Não se poupavam esforços no sentido de atrair a população para a festa. O convite, feito por sons, cartazes, notas no jornal, no boca a boca, estavam presentes no cotidiano dos campinenses. A cidade, por meio da propaganda oficial, transpirava à festa.

As ruas do centro da cidade, local do cortejo cívico e celebrativo, ganharam iluminação especial, como a Avenida Floriano Peixoto, as ruas Maciel Pinheiro e Venâncio Neiva e 7 de Setembro, pois desde o início do mês de outubro, “não te espantam as noites por que Paulo Afonso te ilumina⁷⁶” - Sobre a luz de milhares de lâmpadas as pessoas passeavam pelas ruas centrais, formavam-se rodas de conversas e os namoros rompiam o pôr do sol.

Na ornamentação da cidade, preparada pela empresa M.S Propaganda, privilegiaram a farta iluminação, o uso de cartazes e flâmulas nas cores verde e branca, estas "encerravam duas mãos sustentando um fardo de algodão e no seio deste, a flor do ouro branco, riqueza da região" (*Diário da Borborema*, 04 out. 1964, p.12⁷⁷). Colocaram um conjunto de bandeiras produzidas por uma indústria campinense que as confeccionou gratuitamente com tecido arrecadado no comércio local.

Atrair a população e deslumbrá-la com as marcas e traços do moderno, para isso:

⁷⁶ Compacto Disco do Centenário de Campina Grande. **Faixa 01.** Radiografia Sentimental de Campina Grande.

⁷⁷ Esta é uma edição especial do Diário da Borborema que saiu com vários cadernos, por isto a numeração da página supera as costumeiras oito páginas.

Ontem mesmo (16 Setembro), esta equipe esteve em contato, juntamente com o vice-prefeito Noaldo Dantas, com a senhorita Maria Argentina Brasileiro, recentemente chegada da Alemanha, que exibiu alguns “slides” coloridos de uma decoração realizada na Baviera, à base de Bandeira coloridas. A decoração campinense será baseada nestes motivos (*Diário da Borborema*, 17 set. 1964, p. 02).

No discurso oficial que projeta, produz e constrói a festa, a cidade deveria trajar as mais belas indumentárias neste dia, algo capaz que reluzir sua “glória” e seu “progresso”, então, suas referências para a ornamentação da cidade vinha de fora, “*do mundo civilizado*”, da Europa com todo o seu glamour.

Um pedido do jornal *Diário da Borborema*, em consonância com a prefeitura municipal, sugeria que os moradores da cidade deveriam “limpar as frentes das casas e consertar as calçadas esburacadas (...) Essa, porém é uma obrigação de cada campinense” (Ibidem, 21 set. 1964, p. 06). O objetivo era dar uma impressão agradável aos visitantes que viessem para as festividades no dia 11 de Outubro.

Todos os meios de comunicação disponíveis (rádio, jornal e televisão) se esmeravam na divulgação da festa, apontando ainda, o quanto a cidade havia crescido nos primeiros cem anos de vida. Naquele dia de festa os carros que mais se viam circular eram os das corporações militares e os das autoridades que vieram de João Pessoa, São João do Cariri, Patos, Cajazeiras, Areia, São José dos Cordeiros, Pedras de Fogo, Boqueirão, Guarabira, Cuitagi, além de Timbaúba, Goiana, Garanhuns, Caruaru (cidades de PE) e de inúmeras outras localidades vizinhas.

Os cartazes, produzidos pela COMCENT em parceria com a empresa *M.S Propaganda*⁷⁸, foram afixados em diversas regiões da cidade e do estado. O objetivo era irradiar para todos os rincões da Paraíba, que a *Rainha da Borborema* estava em festa.

⁷⁸ Para promover a festa do centenário de Campina Grande foram contratadas várias empresas: *A Sotange*, que seria responsável pela drenagem urbanização do Açude Velho, a *Remaque*, responsável pela construção do Edifício do Fórum, bem como, outras obras e a *M.S Propaganda*, responsável pela divulgação e confecção do calendário e da festa.

IMAGEM IX

CARTAZ PUBLICITÁRIO DA FESTA DO CENTENÁRIO



Fonte: *Diário da Borborema*, 12 jan. 1964, p. 03.

O anúncio enfatizava a grandeza das festividades e da própria cidade, sendo capaz de mobilizar a Paraíba e o Brasil para o seu centenário. Na imagem destacam-se os sentimentos que permeariam a celebração: o entusiasmo e o orgulho. O anúncio busca instalar a alegria, pois é quando fascina que a festa encontra sua dimensão mobilizadora, teatralizando a cena, mascarando conflitos e divisões existentes na sociedade (Capelato, 2009, p. 67). O orgulho, sentimento que expressa a satisfação pela capacidade de realização de algum feito, é a característica de alguém que tem um conceito exagerado de si próprio, neste caso, a propaganda oficial veste a cidade com toda altivez e modernidade, construída no trilhar destes 100 anos.

Às margens do Açude Velho, na Avenida Brasília, foi sendo instalado o parque de diversão *Cooney Islandy*, vindo do Recife. O grupo de trabalho do centenário, junto com Vital do Rêgo firmou o acordo para a vinda do parque, que funcionaria todo o mês

de outubro. O parque foi incorporado ao *Festival Popular do Centenário*, organizado por Déa Cruz.

IMAGEM X

PROGRAMA DO FESTIVAL POPULAR DO CENTENÁRIO

FESTIVAL POPULAR DO CENTENÁRIO

Local onde o povo e a família campinense reunidos participarão coletivamente, do regosijo pela passagem da grandiosa data que marcará os cem anos de glórias da cidade.

PROGRAMA GIGANTE

10 Sábado	11 Domingo
---------------------	----------------------

Grande Parque de Diversões
Montanha Russa, Sputnik, Polvo, Valsa, Roda Gigante, Chicote, Carroussel, Auto-Pista, Pálacio do Riso, Pavilhão Esportivo.
Duas Confortáveis Churrascarias

B A R E S
Bandas de Musica — Desfiles Folclóricos — Fogos de Artífícios — Feérica Iluminação

DIA 10 e 11
DUAS FABULOSAS TARDES INFANTIS
Festas para a garotada que assim participará alegremente do Centenário de sua terra, de sua cidade.
Início às 14 horas

NO DOMINGO 11 HAVERÁ GRANDIOSA MATINAL, COM INICIO A'S 9 HORAS
Famílias, Povo, Autoridades, Convidados de Todo o Brasil, Juntos, Participando dos Festejos dos 100 Anos de Gloria de CAMPINA GRANDE

T O D O S :
AO GRANDE PARQUE DO CENTENARIO NOS DIAS

10 Sábado	11 Domingo
---------------------	----------------------

Fonte: *Diário da Borborema*, 08 out. 1964, p. 05.

Na propaganda do festival popular, exibido pelo *Diário da Borborema*, aparecem algumas das atrações do Parque de Diversão *Cooney Islandy*, até então, “inéditos, nunca vistos em Campina Grande”. Centenas de crianças e adultos percorriam a Avenida Brasília em busca de diversão e alegria. Além das crianças, os pais se divertiam nas atrações musicais do festival nos bares e restaurantes.

Quase todas as crianças da cidade tiveram acesso ao parque de diversão, pois, por iniciativa do deputado Vital do Rêgo, várias escolas, instituições, sindicatos e clubes da cidade tiveram um dia para usufruir dos brinquedos de graça, sob o patrocínio do governo do Estado.

IMAGEM XI

PROGRAMAÇÃO SOB O PATROCÍNIO DO GOVERNO DO ESTADO NO PARQUE DE DIVERSÃO COONEY ISLANDY

GOVERNO DO ESTADO		
Programação sob nosso patrocínio, no		
PARQUE DE DIVERSÕES		
Dia 12 de outubro — 2a. feira		
Casa Dr. João Moura	manhã	125 crianças
Casa Felix Araujo	manhã	125 crianças
Escola José Amorim	manhã	300 crianças
Escola dos Marchantes	manhã	250 crianças
Escola 29 de Julho	manhã	300 crianças
Escola Padre Ibiapina	manhã	25 crianças
Cruzada Eucarística	tarde	1.500 crianças
Dia 13 de outubro — 3a. feira		
Externato São José	manhã e tarde	1.000 crianças
Nossa Senhora da Saleta	tarde	90 crianças
Santo Afonso	manhã	125 crianças
Grupo Santo Antonio	manhã e tarde	400 crianças
Instituto Pax	manhã e tarde	290 crianças
Círculo Operário	manhã e tarde	500 crianças
Grupo Dr. Chateaubriand	manhã e tarde	700 crianças
Escola Pequeno Jornaleiro	tarde	36 crianças
Dia 14 de outubro — 4a. feira		
Grupo Solon de Lucena	manhã e tarde	440 crianças
Grupo Clementino Procópio	manhã e tarde	319 crianças
Grupo Murilo Braga	manhã e tarde	325 crianças
Grupo Antonio Vicente	manhã e tarde	250 crianças
Instituto Nossa Senhora Aparecida	manhã e tarde	280 crianças
Instituto Pio XII	tarde	140 crianças
Conjunto São Sebastião	manhã e tarde	380 crianças
Escola Menino Jesus	manhã	400 crianças
Grupo Mons. Sales (Tambor)	tarde	150 crianças
Santa Rita de Cássia	tarde	200 crianças
Instituto Brasil	manhã e tarde	240 crianças
	tarde	60 crianças
Dia 15 de outubro — 5a. feira		
Dia do Professor — Programação em homenagem a todos os professores		
Dia 16 de outubro — 6a. feira		
Instituto Domingos Sávio	manhã e tarde	226 crianças
Escola Sagrado Coração	manhã e tarde	320 crianças
Instituto São Bento	tarde	100 crianças
Grupo Duque de Caxias	manhã e tarde	422 crianças
Grupo Melo Leitão	manhã e tarde	650 crianças
Grupo Felix Araujo	manhã e tarde	520 crianças
Grupo Anísio Teixeira	manhã e tarde	700 crianças
Escola Apolonia Amorim	manhã e tarde	220 crianças
Dias 17 e 18 de outubro — Sábado e Domingo		
Homenagem aos Militares e suas famílias — Exército e Polícia Militar		
Dia 19 de Outubro — 2a. feira		
Grupo Nossa Senhora do Rosário	manhã e tarde	250 crianças
Grupo Augusto dos Anjos	manhã e tarde	250 crianças
Grupo do SESI	manhã e tarde	300 crianças
Instituto Jerônimo Gueiros	manhã e tarde	270 crianças
Escola Monte Carmelo	manhã e tarde	213 crianças
Escola Humberto de Campos	tarde	60 crianças
Colégio Pio XI	tarde	500 alunos
Colégio das Lourdinhas	manhã e tarde	380 alunos
Colégio Alfredo Dantas	manhã e tarde	500 alunos
Jardim da Infância Mesquita	manhã e tarde	60 alunos
Instituto Santa Helena	manhã	60 alunos
S E N A I	tarde	250 alunos
Dias 20 e 21 — 3a. e 4a. feiras		
Todos os secundaristas de todos os colégios da cidade — manhã, tarde e noite		
Dias 29 e 30 — 2a. e 3a. feiras		
Operários campinenses e suas famílias.		
Esta programação foi elaborada em reunião dos diretores de educandários grupos escolares, direção do Parque de Diversões, representantes do Estado e do Município.		
DEPUTADO VITAL DO REGO Coordenador.		

Fonte: *Diário da Borborema*, 10 out. 1964, p. 05.

Pelos números expostos, pode-se conjecturar, que mais de quinze mil crianças compareceram ao parque de diversão. Ainda, pela análise dos números, temos uma dimensão estrutural do parque, com uma capacidade para atender mais de quinhentas pessoas em um turno.

A estes números deve ser acrescido que no dia 12 de Outubro, dia das crianças, a Sra. Déa Cruz conseguiu que todas as crianças tivessem acesso ao parque sem pagar nada. Na sua visão, segundo Souza (2010, p. 114), “a infância pobre campinense precisa (va) também sentir a alegria do apagar das cem velas”.

3. 1 – UMA MEMÓRIA-HISTÓRICA DE CAMPINA GRANDE VAI ÀS RUAS: O DESFILE CÍVICO PARA A RAINHA CENTENÁRIA.

Os anúncios da festa, expressos no *Diário da Borborema*, convocavam o Brasil a prestar homenagens à cidade, bem como, reverenciar os vultos históricos que construíram e desenvolveram Campina Grande. Conclamava a população a cultivar os feitos dos “grandes homens” do passado, a trabalhar (harmoniosamente) para elevar a cidade “a um lugar cada vez mais destacado” na formação de um futuro ainda mais brilhante. Segundo o *Diário da Borborema* (12 jan. 1964, p. 03)

Neste início de 1964, tôda a Paraíba se levanta jubilosa para celebrar 100 anos de glória e progresso da heróica VILA NOVA DA RAINHA. Seus vultos históricos, que tanto fizeram pelo desenvolvimento da cidade, servem hoje, na admiração do povo, de incentivo à luta para um lugar cada vez mais destacado. Baseado no dignificante exemplo dos seus ancestrais e cõnsncia na responsabilidade na construção do futuro. A gente paraibana saberá, com vibração e entusiasmo dizer a tôdo Brasil que CAMPINA GRANDE é centenária.

Os usos do passado, devidamente selecionados pelos grupos que organizaram a festa, neste caso a COMCENT, procuravam usar a memória como matéria-prima essencial a mover o presente campinense, a prometer um futuro de “progresso” e paz social. As festas comemorativas são apropriações de passados remotos e recentes, lidos pela ideologia vigente, que procurava combater todas as formas de resistências em nome do discurso do “progresso da cidade”.

Comemoravam-se em Campina Grande os cem anos de “glória” e “progresso”, fruto do trabalho e da competência dos antigos vultos da cidade, caracterizados no texto, como os “ancestrais do povo campinense”. A festa destinava-se a comemorar este sucesso e a lembrar os responsáveis por este projeto vencedor. Quem são estes vultos históricos? Quais os feitos destes homens? O que foi comemorado na cena festiva do centenário? A que fim este passado serviu? Estas são algumas indagações que nortearam a produção deste capítulo.

Para as festividades do centenário de Campina Grande foram realizados dois desfiles cívicos: no dia 27 de setembro desfilaram os estudantes das escolas primárias

do município e no dia 11 de outubro desfilaram as demais instituições de ensino da cidade, de cidades vizinhas, do corpo de bombeiros e da polícia militar.

Antes do desfile do dia 27 de Setembro a Delegacia Regional do Ensino esteve presente em todas as escolas com a “finalidade de verificar resistência física dos estudantes a fim de evitar posteriores vexames” (*Diário da Borborema*, 23 set. 1964, p. 02).

Ao som do 2º Batalhão da polícia militar, da mocidade evangélica e demais bandas marciais dos colégios, foram às ruas da Avenida Floriano Peixoto, da Maciel Pinheiro e da Sete de Setembro cinco mil e quinhentos alunos. As escolas foram divididas nos seguintes grupamentos:

QUADRO VIII

GRUPOS, ESCOLAS E INSTITUTOS QUE DESFILARAM NO DIA 27 DE SETEMBRO

1º Grupamento	Colégio Alfredo Dantas, Colégio das Damas e Nossa Senhora de Lourdes, Pio XI e Santa Rita de Cássia
2º Grupamento	Escolas Casa Félix Araújo, Casa Dr. João Moura, Escola dos Cuités, Escola do Círculo Operário, Humberto de Campos, José Amorim, Menino Jesus, Monte Carmelo, Sagrado Coração de Jesus e Santo Afonso
3º Grupamento	Grupos Augusto do Anjos (particular), Anísio Teixeira, Augusto do Anjos (municipal), Apolônia Amorim, Clementino Procópio, Chateaubriand, Duque de Caxias e Félix Araújo, Monsenhor Sales, Galante, Murilo Braga, Melo Leitão, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio e Lucena.

4º Grupamento	Institutos do Brasil, Domingos Savio, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Salete, Instituto Pax e São Bento
---------------	---

Fonte: *Diário Da Borborema*, 26 set. 1964, p. 03.

Foram expostos pelo Grupo de Trabalho a ordem do desfile, a organização das alas, com quatro fileiras para as instituições com um número menor de alunos e seis para as instituições maiores, os trajes das crianças, as faixas em alusão ao centenário da cidade e a permissão de usar apenas os símbolos municipais, estaduais e nacionais. As crianças envolvidas no ritual, eram ensinadas a cultuar os símbolos. O escoamento do desfile seria feito nas ruas 13 de Maio, Irineu Jofilly e 4 de Outubro.

Os alunos, em cortejo cívico, passam por lugares simbólicos da cidade, como a Rua Maciel Pinheiro, um dos centros de comércio de Campina Grande; a Avenida Floriano Peixoto, onde se encontra o poder público municipal, representado pela Prefeitura Municipal e pela Câmara dos Vereadores; percorrendo o largo direito da Praça da Bandeira, local da realização das principais aglomerações da cidade, como os comícios, as passeatas e celebrações (diria que a Praça da Bandeira foi palco dos grandes eventos políticos da cidade); passando pelo Cine Capitólio, espaço de diversões da cidade. Conforme Balandier (1882, p. 12) “a topografia simbólica de uma cidade é uma topografia social e política”, remete-se a seleção de memórias e esquecimentos. Por isso, os organizadores da festa selecionaram os locais por onde o cortejo cívico passaria.

Neste cortejo, incluem-se os lugares marcados para a festa: durante todo o desfile, o espaço para os alunos seria demarcado e separado do público com uma corda, protegido pelas forças militares (polícia e exército); o palco, montado sobre uma base de ferro, em um lugar de destaque, estava em posição superior a população que se encontrava no asfalto. Neste, assistirão aos desfiles autoridades civis, militares e eclesiásticas, como também, revistarão as alas e balizas das escolas e corporações presentes no cortejo.

IMAGEM XII

DESFILE CÍVICO DO CENTENÁRIO (27 Out. 1964)



Fonte: *Diário da Borborema*, 29 set. 1964, p. 05.

Três aspectos do desfile das escolas primárias no dia 27 de Setembro. Na primeira imagem, nota-se a presença de uma aluna com um arco e flecha em mãos, em referência aos grupos indígenas que habitavam a região de Campina Grande; atrás, três meninas, de vestido, chapéu de palha na cabeça e um balaio nas mãos homenageiam as catadoras de algodão. Logo atrás, no pelotão, alguns alunos levantam cartazes com fotografias, provavelmente, das personalidades históricas do município.

Na segunda imagem, que se encontra ao meio da montagem feita pelo jornal, lê-se no cartaz SANBRA SAUDA CAMPINA CENTENARIA ATRAVÉS DO AUGUSTO

DOS ANJOS⁷⁹. Comemora-se o tempo de pujança da cidade através da comercialização do “ouro branco” em Campina Grande. A terceira imagem, traz à frente a bandeira do Brasil, um dos símbolos festejados, mas ao fundo projeta-se, no cartaz, a verdadeira protagonista do evento: *CAMPINA CENTENÁRIA*.

A apoteose celebrativa do centenário de Campina Grande, ainda estaria por vir, o dia 11 de outubro, dia da cidade. O Grupo de Trabalho do município, responsável pela organização do desfile, expos desde o início do mês de agosto para todas as escolas inscritas qual seria o tema a ser apresentado na avenida: a história de Campina Grande. Deste tema, mais amplo, foram criados pelos colégios os subtemas, que deveriam ser aprovados pelo grupo de trabalho. Há um mês do desfile, as escolas passaram a trabalhar nas confecções das roupas, das alegorias e estandartes que seriam expostos, pois nada poderia dar errado neste dia.

Quem seriam os campeões do desfile do centenário de Campina Grande? Este era o objetivo dos alunos, dos diretores e professores que participaram do evento. Cada ala da escola seria avaliada pelo corpo de jurados, com notas, que no final seriam somadas e assim chegaria ao nome da escola vencedora. Pelo regulamento oficial (*Diário da Borborema*, 26 set. 1964, p. 04) seriam analisadas fantasias, evoluções, fardamento e cadência, cada uma com pontuação que variava de zero a cinquenta pontos e o termo originalidade, valeria cem pontos.

A avaliação das balizas e das bandas marciais se faria separadamente, com premiação do primeiro ao terceiro colocado. Por fim, ocorreria o julgamento total, nele seria englobado balizas, bandas marciais, alegorias e contingentes de alunos, somar-se-ia as notas e seria anunciada as escolas campeãs do desfile do centenário.

Os debates em torno do desfile do dia 11 de outubro tomariam três direções: o horário do cortejo, as ruas pelas quais os estudantes passariam e a escolha dos temas.

Inicialmente, o grupo de trabalho projetou um desfile noturno, pelas principais artérias do centro da cidade. O objetivo era particularizar aquele desfile dos demais cortejos que a cidade estava acostumada a ver; segundo, para apresentar a um número maior de pessoas, inclusive os visitantes, a face moderna da cidade, enfeitada por luzes e cartazes, acompanhados de um show pirotécnico que iluminaria os céus de Campina Grande (Ibidem, 12 ago. 1964, p. 06).

⁷⁹ Augusto dos Anjos é o colégio responsável por homenagear a SANBRA.

Às vésperas do desfile, com a saída do Grupo de Trabalho municipal, abordada no capítulo anterior, os planos foram mudados: ficando acordado a realização de dois desfiles para o dia 11 de outubro, um pela manhã, com as escolas visitantes e a polícia militar e a tarde sairiam em cortejo as escolas da cidade.

IMAGEM XIII

HORÁRIO DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)

GOVERNO ESTADUAL E MUNICIPAL	
N O T A	
Os poderes públicos do Estado e Município, conjuntos e harmonicamente empenhados no máximo brilhantismo dos festejos do Centenário — e com a responsabilidade pelo maior êxito do Monumental Desfile do Centenário, no DIA DA CIDADE, esclarecem aos campinenses que, depois de bem estudadas tôdas as conveniências e ouvidos os Senhores Diretores de Colégios, ficou deliberado o cumprimento da seguinte programação:	
INICIO DO DESFILE	
09:00 HORAS	
a) MUNDO DA FANTASIA	
1 — BANDA DO COLEGIO SANTA SOFIA, de Garanhuns	
2 — GINÁSIO COELHO LISBOA, de Areia	
3 — BANDA DE BOQUEIRÃO	
4 — COLEGIO ESTADUAL DE JOÃO PESSOA	
5 — BANDA MARCIAL OLAVO BILAC	
6 — ESCOLA DE PROFESSORAS de João Pessoa	
7 — BANDA DO COLEGIO ESTADUAL, de Itabaiana	
8 — ACADEMIA "GETULIO VARGA", de João Pessoa	
9 — BANDA MARCIAL DE TIMBAUBA	
10 — POLICIA MILITAR DO ESTADO	
16:00 HORAS	
CONTINUAÇÃO DO DESFILE	
a) LIONS CLUBE	
	T E M A S
1—Ginásio 11 de Outubro	TRIBO ARIUS
2—Escola Normal	ENTRADAS
3—Colégio Estadual	REVOLUÇÕES
4—Ginásio Municipal	COSTUMES TRADIÇÕES
5—Externato São José	ESCOLA PRIMARIA
6—Ginásio Alfredo Dantas	INSTRUÇÕES
7—Círculo Operário	ARTES
8—Ginásio Agrícola	AGRICULTURA
9—Imaculada Conceição	PRODUTOS DA TERRA
10—Colégio Comercial	COMERCIO
11—Instituto Jerônimo Gueiros	IMPrensa
12—Colégio Pio XI	ESPORTES
13—S E M A I	INDUSTRIA
14—Seminário Redentorista	Vida Religiosa de Campina Grande
15—Mocidade Evangélica	RETALHOS DE CAMPINA

Fonte: *Diário da Borborema*, 10 out. 1964, p. 02.

Os organizadores do desfile, em debate com alguns intelectuais da cidade, como Elpídio de Almeida e com Vital do Rêgo, representante do governo do Estado, planejaram levar o desfile para as ruas João Pessoa, seguindo pela Marquês do Herval, Avenida Floriano Peixoto e Praça da Bandeira, e o escoamento seria feito pela Rua

Irineu Jofilly. Esta ideia foi rejeitada pela Prefeitura Municipal por causa da distância do percurso, dos altos gastos com a iluminação e da falta de segurança ao longo de todo o trajeto.

Por estes motivos, o desfile foi transferido para a Avenida Floriano Peixoto: a marcha iniciaria no Teatro Municipal, com o estacionamento dos pelotões na Avenida D. Pedro II e na Rua Índios Cariris, passaria pelo palanque oficial, montado na Praça da Bandeira e seria finalizado em frente à Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição.

Podemos notar que o espaço caracteriza-se por apresentar uma dimensão simbólica que surge a partir dos significados impressos nele, refletindo visões de mundo, crenças e representações que buscam referenciar-se na construção de uma paisagem humana. Neste sentido, ao caminhar pelo local do desfile, encontramos vários prédios e espaços representativos, conhecidos espaços de poder de Campina Grande: o Teatro Municipal, espaço devotado as artes e a cultura, um lugar privilegiado da intelectualidade da cidade; o Cine Capitólio e a Praça da Bandeira, já explorados neste trabalho; o Colégio das Damas, espaço dedicado ao ensino; o poder municipal, representado pelo prédio da Câmara dos Vereadores e pela prefeitura; o poder econômico, simbolizado pelo prédio da Associação Comercial de Campina Grande e o poder religioso, que toma forma pelo prédio da Catedral.

Estes símbolos, representados pelos lugares de poder, trazem o sentido que um indivíduo ou um grupo os percebem e são reconhecidos por sua particularidade: são as realidades concretas, os objetos ou os atos físicos. Constituem-se portanto, como instrumentos de conhecimento, comunicação e de integração social (BOURDIEU,1989).

Diante do tema fornecido pelo grupo de trabalho, a *História de Campina Grande*, os colégios escolheram e recortaram alguns aspectos históricos da urbe e trabalharam na elaboração da apresentação. A ordem do desfile obedeceu a ordem cronológica dos fatos abordados⁸⁰:

⁸⁰ A concepção de história, posta na avenida, é predominantemente baseada na história política tradicional, metódica, que segundo Julliard (1988, p. 181 e 182) é “psicológica e ignora os condicionamentos; é elitista, talvez biográfica, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora as séries; o seu objetivo é o particular e, portanto ignora a comparação; é narrativa, e ignora a análise; é idealista e ignora o material; é ideológica e não tem consciência de sê-lo; é parcial e

QUADRO IX

TEMAS DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)

COLÉGIOS	TEMAS
Colégio 11 de Outubro	“Índios Ariús”: evocando os primeiros povoadores da Vila Nova da Rainha, trazidas pelo desbravador Teodósio de Oliveira Lêdo
Escola Normal Estadual	“Entradas”: exaltando os colonizadores, os primeiros construtores do progresso em nossa terra
Colégio Estadual	“Revoluções”: desde as primeiras revoltas civilistas, passando pelo “Quebra-Quilos”, até os movimentos contemporâneos
Ginásio Municipal	“Costumes e Tradições”: relebrado a alma popular campinense, em suas várias manifestações
Externato São José	“Escola Primária”: homenagem as escolas e as primeiras professoras do município
Alfredo Dantas	“Instrução”: evocará a sua história e a história do ensino na cidade
Círculo Operário	“Artes”: homenagem as artes e artistas de Campina Grande
Ginásio Agrícola	“Agricultura”: as diversas faces da cultura da terra nesta região

não o sabe; prende-se ao consciente e ignora o inconsciente; visa os pontos precisos, e ignora o longo prazo; em uma palavra, uma vez que essa palavra resume tudo na linguagem dos historiadores, é uma história factual”. Mas, se envereda por outras concepções, como a cultura e a economia.

Imaculada Conceição	“Produtos da Terra”: em homenagem as riquezas campinenses, o agave, o algodão e o milho
Colégio Comercial	“Comércio”: homenagem ao comércio da cidade
Instituto Jerônimo Gueiros	“Imprensa”: homenagem a imprensa e aos jornalistas da cidade.
Pio XI	“Artes e Esportes Campinenses”: expondo os clubes esportivas e arte da cidade
SENAI	“Indústrias de Campina Grande”: apresentando a face moderna da cidade
Redentorista	“Religião”: vida religiosa na cidade
Mocidade Evangélica	“Retalhos de Campina”

Fonte: *Diário da Borborema*, 17 set. 1964, p. 07.

Os produtores das comemorações do centenário se apropriaram de uma determinada concepção de passado, levando para as ruas da cidade e encenando para o público uma certa versão da história da cidade. Este ato de ressignificação pode ser entendido pelo desejo do presente em transvestir as glórias e conquistas do passado. Segundo Catroga (2001, p. 61)

o comemoracionismo, tal como a historiografia dominante, também se baseava numa análoga ideia evolutiva e continuísta de tempo, na qual o melhor do passado era decantado para ser sugerido como futuro do presente. Portanto, as comemorações e a escrita historicista da história são práticas de representação, ou melhor, de esquecimento da morte e do devir, e põem em cena uma previsão ao contrário que procura confirmar, no passado, a direção do porvir

As comemorações produzem um sentimento de coesão social e procuram legitimar concepções e projetos para o presente, através de incursões a cultura

histórica⁸¹ de um povo, de uma cidade, Estado e Nação. O mito fundacional de Campina Grande é apresentado a partir do contato entre os índios Ariús e o sertanista Teodósio de Oliveira Lêdo, exaltando a atuação do colonizador como responsável por trazer a “civilização” para esta terra “selvagem”, sendo considerado, o primeiro construtor do “progresso” da cidade.

Sobre o tema “Revoluções”, as fontes não esclarecem quais fatos seriam enfocados no desfile, com exceção da revolta do Quebra-Quilos, mesmo assim, indagamos como este movimento foi representado? Em outros documentos, como o *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*⁸², a sedição é descrita em consonância aos discursos de Almeida (1978, p. 147 – 148) e de Horácio de Almeida (1978, p. 150 – 151) pelo viés da “barbárie”, enfocando o fato de vários indivíduos se juntarem para queimar os cartórios e os arquivos municipais.

Alguns temas enfocam os aspectos culturais da cidade, como o ensino, as tradições e as artes. Apresenta-se, nas ruas da cidade, que o desenvolvimento econômico da urbe alavancou outros ramos, como a cultura.

No plano econômico, comemora-se o sucesso vivido pela cidade nos tempos áureos da agricultura, do comércio e principalmente da produção algodoeira. Símbolos de uma cidade que se fez grande e que, continuará crescendo, a partir de 1964 através do setor industrial que se torna sinônimo de progresso e de desenvolvimento. Na segunda metade da década de 1950, acreditamos que a concepção de desenvolvimentismo está muito alinhada com a noção de industrialização, vale salientar, a nível nacional, a política desenvolvimentista que marcou o governo de Juscelino Kubistchek (1956 – 1961), que teve seus enraizamentos em Campina Grande.

No ambiente local, “o processo de industrialização é ao meu ver, o próprio processo de civilização e progresso” (Sylvestre, 1988, p. 248-249), neste sentido, ao incorporar o setor industrial no desfile cívico, estaria apresentando a face moderna de

⁸¹ Cultura histórica seria “os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Tratasse da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais” (FLORES, 2007, p. 95).

⁸² Este documento será analisado neste capítulo.

uma cidade. O presente da valorização do “progresso” industrial e comercial busca o passado de glórias para legitimar a “nova” face do município.

A festa do centenário (1864 – 1964) traz a inspiração de algumas datas-chave na história da cidade: a fundação da aldeia pelas mãos do sertanista Teodósio de Oliveira Lêdo; a elevação da vila ao status de cidade em 1864 e o ano de 1964 o primeiro centenário.

Curiosamente, as incursões feitas a cultura histórica de Campina Grande apenas mencionavam o ano de 1864, talvez, o processo de criação da cidade não fosse tão atraente, heroico e mítico. Por isso, reporta-se aos elementos constitutivos de uma certa mitologia fundacional: a origem de Campina Grande é creditada à ocupação pelos índios Ariús no sítio de Campina Grande, liderados por Teodósio de Oliveira Lêdo, Capitão-mor dos Sertões, em 1697.

A sua figura foi exaltada, levada as ruas simbolizando os primeiros passos rumo ao “progresso”; no quadro IX, seu nome vem acompanhado dos seguintes adjetivos: *desbravador, o primeiro construtor do progresso em nossa terra*. A imagem de Teodósio era imbricada a da cidade. No texto de Ismael Marinho, para a coluna *Campina Começou Sob o Signo do Progresso*, recorre-se aos escritos de Epaminondas Câmara para explicar

o espírito vivaz dos Oliveiras: - “Todos eles (acreditamos sejam Antonio, Constantino, Braz, Custódio, Teodósio e a própria Adriana) bem como outros parentes requereram inúmeras sesmarias com tal GANANCIA e sofreguidão que lembravam os Garcias de Avila”. Campina herdou, pois, do seu fundador essa sofreguidão e essa ganância. Desejava crescer, prosperar, ser pujante e dominar o comércio provinciano como hoje ocorre (Diário da Borborema, 26 abr. 1963, p. 05)

Reconstrói-se a gramática oficial e os seus significados, a exemplo do adjetivo *ganância*, revestindo-o de um valor indispensável no desenvolvimento da cidade. O olhar e o vocabulário oficial constroem, reconstroem e impõem uma certa concepção de história e de memória, projetando acontecimentos e personagens, “imortalizando-os” de forma solene durante as comemorações.

Afirma-se ideologicamente a superioridade de Campina Grande, como *Capital Regional do Nordeste* (Cardoso, 1964) por seu desenvolvimento econômico, pela

grandeza de seu povo e por seu comprometimento com o trabalho. A partir disso, urge a necessidade de indicar para as outras cidades do Estado e do Nordeste sua posição hegemônica, utilizando o ano de 1697 como marco fundante do “progresso” e do “crescimento” da urbe. O termo progresso, utilizado para representar o “feito” do sertanista, está ligado a noção de povoamento.

A apropriação de Teodósio de Oliveira Lêdo, ancestral e fundador da aldeia, que viria a ser cidade, define o campinense, portanto, como o agente de transformação, corajoso e ganancioso, pois queria crescer e prosperar tal qual a cidade nestes cem anos.

Os trabalhos de Câmara (2006) e de Almeida (1978)⁸³ fazem parte da historiografia oficial de Campina Grande no período do centenário, por isso, nos servirão para pensar as representações em torno de Teodósio de Oliveira Lêdo. Câmara (2006) inicia retratando a história de Campina Grande a partir do aldeamento dos índios Ariús pelo sertanista, acrescentando que foi Teodósio quem integrou a Paraíba.

Almeida (1978) adota o mesmo recorte temporal para iniciar a sua narrativa histórica, o ano de 1697, passando logo após para o processo de “domesticação dos gentios no território de sua jurisdição” (Idem, p. 36). Para Almeida, o sertanista deu os primeiros passos rumo ao “desenvolvimento” de Campina Grande.

Neste processo de apropriação do passado, focada na imagem de Teodósio, ambos os escritores apagam em suas narrativas as lembranças constrangedoras, como os massacres dos indígenas, as violências e barbáries feitas pelo “herói fundador”.

Trazendo consigo hua nação de Tapuyas chamadas Arius, que estão aldeados junto aos Cariris onde chamam a Campina Grande que queriam viver como meus vassalos e reduzirem-se a nossa Santa Fé me pareceu estranhar mui severamente o que obrou Theodosio de Oliveira Ledo em matar a sangue frio muitos índios que tomou na guerra (Silva *apud* Pinto, 2000, p. 16)

A obra de Irineu Pinto - *Datas e Notas para a História da Paraíba* - teve sua primeira edição, em 1909 e mostra a versão da violência do colonizador, diferente da versão de Câmara e Almeida que preferem lembrar pelo ângulo do encontro harmonioso entre “selvagens” e “civilizados”.

⁸³ Originalmente as obras foram lançadas, respectivamente, em 1946 e 1962.

Passagens são silenciadas e propositadamente esquecidas. O que se observa, segundo a ótica de Ricoeur (2007, p. 455), é uma manipulação ideologizada da memória em sua dialética da lembrança e do esquecimento:

A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva. (...) a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela.

Lembrança e esquecimento são recursos utilizados na construção da memória, no caso em tela, investiu-se no processo de glorificação do sertanista em detrimento de sua posição violenta e cruel. Para tanto, foram usados diversos veículos para divulgar esta versão, a exemplo da poesia *Campina Grande*:

Foi nos primórdios do Brasil Colônia,
Na aldeia, Boqueirão que, quase a medo,
Os Ariús, em simples cerimônia,
Se aliam ao capitão Teodósio Lêdo;
E, no planalto gris da Borborema
Onde a Natura em luz e flor se expande,
A paisagem festiva, em lido poema,
Saúda o início de Campina Grande (*Diário da Borborema*, 18 out. 1964, p.11)

A poesia traz a narrativa fundacional de Campina Grande, enfocando o protagonismo de Teodósio e o contato amistoso entre o sertanista e os índios Ariús. O uso do termo “aliam”, expõe a sensação de um contato amigável.

A figura mítica e heroica de Teodósio levada às ruas no desfile cívico foi ressignificada, nas palavras de alguns intelectuais da cidade, como Câmara e Almeida e teve sua epopeia reconstruída pelos *Andarilhos do Centenário*⁸⁴, que se dispuseram a

⁸⁴ Os andarilhos do centenário: faziam parte do grupo, José Rodrigues Sobrinho (líder da missão), cabo Francisco Valdomiro da Silva, Edson Guedes de Aquino, Silzonando Vila Nova de Carvalho, Vespasiano Sátiro da Costa, Francisco de Assis Mendonça e Severino Ventura da Silva (*Diário da Borborema*, 09 jan. 1964, p. 02).

refazer os passos do sertanista, indo caminhando de Campina Grande a Recife, na chamada *Missão Teodósio*. O grupo partiu da Praça da Bandeira em direção a capital pernambucana com o intuito de promover o centenário e entregar a bandeira da Paraíba e algumas mensagens ao governador de Pernambuco, Miguel Arraes. O percurso Campina Grande – João Pessoa – Recife e Recife – João Pessoa – Campina Grande, durou cerca de vinte dias. Com o feito, os membros da missão objetivavam novos rumos, o próximo destino seria Fortaleza, capital do Ceará, mas agora com o nome *Missão José Américo de Almeida*.

A *Missão Teodósio* propunha, a partir do seu ato, reverenciar a memória do criador da urbe, agora centenária. Um ato que requer sacrifício e coragem, sentimentos que nortearam a epopeia feita por Teodósio. Podemos afirmar que, durante a festa do centenário, a figura do sertanista foi apropriada no presente para enfatizar o “progresso” da cidade. Neste caso, sua figura serviria de exemplo a todos os campinenses para que caminhassem juntos, mesmo nas dificuldades, com coragem e força na construção do desenvolvimento da cidade.

3. 2 - CAMPINA GRANDE QUADRO À QUADRO: O ÁLBUM DE FIGURINHAS DA RAINHA CENTENÁRIA.

Na busca pelos vestígios, marcas e objetos deixados pelos produtores da festa do centenário de Campina Grande caminhamos através de arquivos, batemos a porta de particulares (amantes da história da cidade), verdadeiros colecionadores, que, com algumas restrições, ajudaram a enriquecer este trabalho com os mais variados objetos, que a nós historiadores saem do *status* de relíquias e, com as devidas indagações, se transformam em fontes elucidativas das falas, ações e percepções de um determinado passado. Nesta busca, nos defrontamos com o *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, organizada e produzida pela *Organização Meneses de Publicidade*⁸⁵.

O contato com a produção do *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, promovido por uma instituição privada, a *Organização Meneses de Publicidade*, apontou um novo caminho, anteriormente relatado, mas que ganha notoriedade: a

⁸⁵ A Organização Meneses (O. M Publicidade), atuante em Campina Grande na década de 60, agenciou a publicidade de inúmeros estabelecimentos comerciais e bancários na cidade.

participação e apropriação do centenário por instituições privadas na cidade. Pode-se conjecturar a atração que o tema gerou na cidade, fomentando produções em vários âmbitos e em campos distintos. Angariando a atenção de figuras públicas.

O *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, como a maioria das produções deste gênero, consiste em uma publicação na qual são coladas figurinhas auto adesivas, também chamadas de cromos. O objetivo é completar o álbum, através da busca das figurinhas. Segundo Samuel Gorberg (2013)⁸⁶, os cartões-postais, que começaram a ser vendidos na Inglaterra, no século XIX, ganhou um amplo mercado com os colecionadores. Transformado em marketing promocional na França, “o sucesso desta estratégia foi de tal ordem, que a empresa (Liebig) passou a editar e distribuir estampas em outros países onde tinha filial, como Holanda, Itália, Bélgica e principalmente Alemanha”.

As primeiras coleções de figurinhas e cromos editados no Brasil datam do final do século XIX, mas, de acordo com (Luiz Edmundo *apud* Gorberg, 2013), “a bem dizer, o delírio do bilhete postal ilustrado só começa a inquietar-nos em 1904. Moda a princípio, passa, depois, a obsessão”. No princípio, os cromos eram colocados como brindes nas carteiras de cigarros, tendo como protagonistas “os animais do jogo do bicho, e as artistas de cinema, teatro e cabaré”.

Posteriormente, o hábito de estampar produtos com os cromos popularizou-se, principalmente com as empresas de balas (confeitos), para posteriormente ganhar seu próprio mercado. Um dos pioneiros neste ramo no Brasil foi Monteiro Lobato, que criou para a Cia. Jardim de Cafés Finos, de São Paulo, dois álbuns: *A Aventura do Barão de Munchaussen* e *Um Sonho na Caverna*.

Segundo (Gorberg *apud* Artur da Távola, 2013) o desejo de colecionar cromos ou figurinhas:

nos permite, afinal, anos e anos depois, ter um reencontro cheio de saudade com os heróis, os mitos e os mágicos que encantaram os melhores sonhos da infância e juventude. Eles nunca mais nos abandonam, ainda que durando apenas como emocionada recordação. Eles são o que fomos em estado de exaltação e fantasia. São o cortejo encantado dos nossos sonhos.

⁸⁶ GORBERG, Samuel. **FIGURINHAS:** Sucesso de Marketing. 25.3.2013. Disponível em <http://www.brasilcult.pro.br/ensaios/figurinhas/figurinhas.htm>.

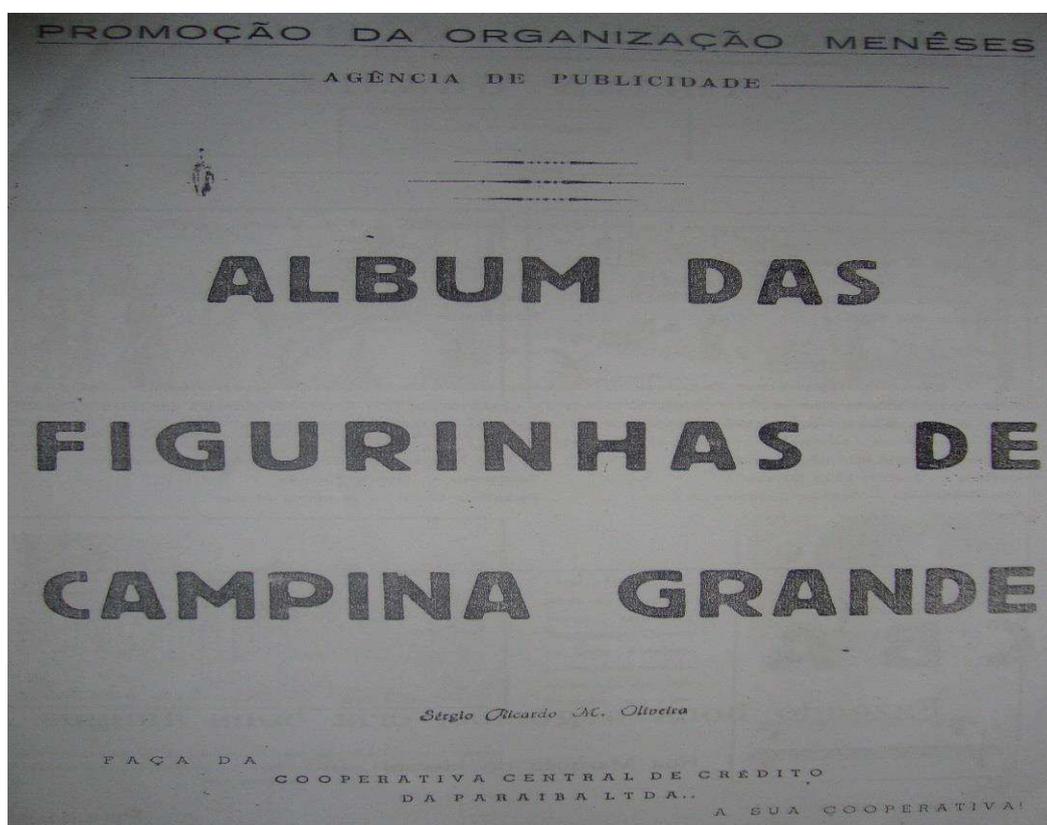
O autor alia alguns sentimentos, sensações e desejos dos seres humanos ao ato de colecionar figurinhas, enxergando nesta prática uma possibilidade latente de manutenção de uma aura fantasiosa, mas real do que fomos, a partir do contato com o álbum de figurinhas. Algo possível, se as conjunturas sociais e psíquicas fomentarem esta possibilidade de reencontro com este “eu” que se encontra no passado, neste caso, na infância.

Os heróis e os mitos eram temas frequentes dos álbuns de figurinhas, como aponta o autor, junto com personagens de histórias em quadrinhos, artistas e cidades. Neste contexto, a *Organização Meneses*, diante da efeméride vivida em Campina Grande, enxerta uma campanha publicitária utilizando este recurso (Álbum de Figurinhas) para contar uma versão sobre a história de Campina Grande.

O *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, promovido pela Organização Meneses de Publicidade, foi organizado por David Meneses, assim como foi de sua autoria as legendas que constam no trabalho.

IMAGEM XIV

CAPA DO ÁLBUM DAS FIGURINHAS DE CAMPINA GRANDE



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 01.

O álbum possui trinta e duas páginas, sendo vinte e oito com figurinhas, contabilizando um total de cento e quinze imagens⁸⁷. O trabalho foi feito no tamanho dupla carta. Originalmente, os colecionadores tinham que fixar os cromos no álbum usando cola.

O álbum foi publicado, provavelmente no biênio 1963-1964, época de maior efervescência em promoções sobre o centenário. As figurinhas são monocromáticas, ou seja, cada figurinha era colorida com apenas uma tonalidade ou vinha em preto e branco. Algumas imagens foram feitas através de fotos e outras em desenho alusivo ao tema, principalmente as que remetem aos anos de sua fundação e algumas personalidades ou fatos ocorridos anteriores à época da fotografia em Campina Grande.

No *layout* de apresentação do álbum de figurinhas, entre as imagens e legendas alusivas a história de Campina Grande, encontram-se as propagandas das empresas⁸⁸, possivelmente, patrocinadoras da confecção do material. Lia-se o nome da empresa em caixa alta e em negrito, com a descrição do serviço prestado e o endereço da empresa logo abaixo.

Na análise das produções e realizações destinadas a homenagear a cidade pelo seu centenário, é imprescindível a problematização histórica dos conteúdos projetados para serem lidos, como textos e poemas, para serem vistos como imagens, para serem perpetuados como estátuas e edifícios, mas, seguindo os passos de Burke (1994, p. 13),

⁸⁷ No álbum que tivemos acesso estão faltando duas figurinhas: a figurinha sessenta e oito (Foto atual do Cine Capitólio) e a figurinha setenta e três (Foto da Agência Meneses de Publicidade).

⁸⁸ As empresas que estamparam o álbum de figurinhas: Cooperativa Central de crédito da Paraíba LTDA; Faculdade de Odontologia de Campina Grande; Casa da Borracharia LTDA; Livraria Nova; Eletrocasa; Socomar; City Crédito; Geraldo Dias & Cia; Salsicharia Vienense; Autoelétrica rex Ind. Comércio LTDA; Olacante; Empresa Expresso Real – Irmãos Brito; Confecção Capozzoli – Confecção Moderna; Lojas Paulistas; Drogavida; Oficina Fátima; Casas das Noivas; Banco Nacional do Norte S. A; Armazéns do Norte; Restaurante Pérola; Lojas dos Fotógrafos; Fábrica de Colchão de Molas Eterno; Patrício Costa Etc. Cia; José Anacleto Eloy; Artemol LTDA; A Calçadeira; Otica Almeida; Sociedade Técnica de Engenharia LTDA; Dr. Bonald Filho; Foto Vilar; Casa Alonso; Armazéns Triunfante; Dr. Marcos Antônio Pimentel; Dr. Djalma Barbosa; Dr. Hermano Cruz; Dr. William Araújo; Casa Glória; P. Martins Ferragens S/A; Dr. Carlos Téjo; Dra. Carolina M. Ximenes; Dr. Washington Andrade; Dr. Nivan Florentino; Dr. Antônio Silveira; Dr. Antônio Bandeira; Dr. Patrício Leal; J. Lyra Braga S/A; Magazine Nadja; Cerâmica Chinezinha; Armazéns Nortesusul; Dr. João F. Amaral; Dr. Antônio Lucena; Dra. Cezarina Maciel; Dr. Ronaldo Cunha Lima; Manoel Patrício; J. Epaminondas Braga & Cia; Confecções Scala; Dr. Deodoro da Silva; Dr. João Ferreira de Farias; Fábrica São José; Artefatos de Metais Sanca Ltda; Açougue Central; Cartório do 1º Ofício da Comarca de Campina Grande; A Musidisc; Sorveteria Rubi; Espelhadora Sol Nascente; Manoel ferreira Filho; Lojas Amaral; fundição Vulcano; Banco Industrial de Campina Grande S/A; Galeria Ademar; fausto alfaiate; Instituto de Beleza Venus; Panificadora Urca; Armazem Apolo; O Aladin; Galeria da Criança; Ascendino de Oliveira & Cia Ltda; Armazens Nova Aurora; Delson C. Ferreira; Coni.

“é impossível separar a mensagem do meio em que ela é apresentada”, pois, tão importante quanto o conteúdo, é a forma, os meios que os conteúdos são apresentados ao público. Por isso, procuramos indagar o porquê da produção de um álbum de figurinhas? Qual o objetivo?

Passamos a pensar o álbum como uma construção conjunta, em que a empresa propicia aos colecionadores a possibilidade de montar uma história, neste caso, os consumidores, através da colagem das figuras, estariam montando a história de Campina Grande e, ao mesmo tempo, estariam em contato, familiarizando-se com esta versão da história da cidade. Estariam explicados os *por ques* apresentados anteriormente, mas, indo além das análises simplistas, percebemos que o papel reservado ao colecionador vai ser restringido à “completar” o álbum, ou melhor preencher os espaços com imagens preestabelecidas.

O álbum de figurinhas é dividido em três partes: *Campina Grande Centenária*, na qual são apresentados alguns fatos e características da história e da cidade; na segunda parte, *Alguns personagens que lembrarão Campina Grande*, aparecem as figurinhas de algumas personalidades da história de Campina Grande; e por último, *Aspectos diversos da feira de Campina*, com a apresentação de figuras e enfoques atuais da feira na cidade⁸⁹.

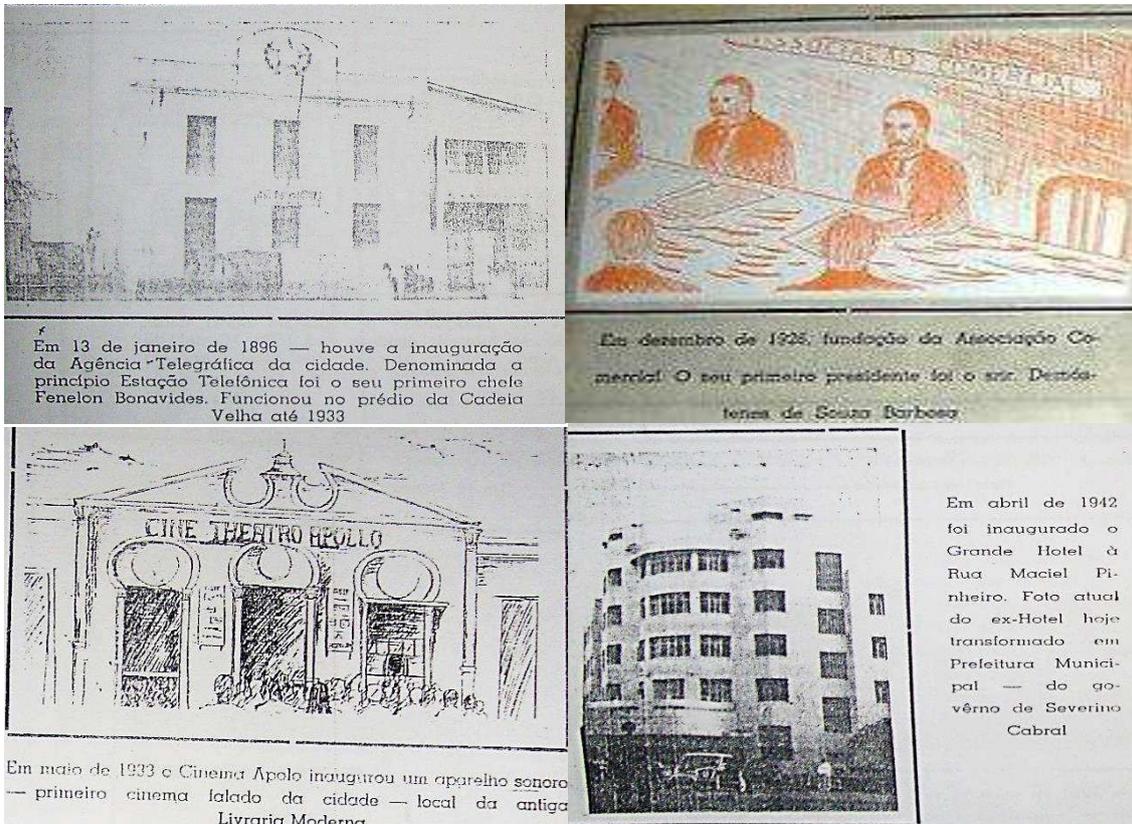
Dividimos a parte destinada a história da cidade, *Campina Grande Centenária*, para uma melhor análise teórico-metodológica, em dois grupos: as edificações e prédios e os fatos históricos presentes no documento.

O patrimônio material de Campina Grande, com foco nos edifícios, foi bastante explorado na produção do álbum de figurinhas. A capela de N. S. da Conceição, a Cadeia Municipal, o Cine Brasil, a sede da Sociedade Beneficente Deus e Caridade, o Cemitério Nossa Senhora do Carmo, o prédio da Prefeitura Municipal, o prédio da Loja Maçônica, o prédio da Igreja Pentecostal... Dentre as inúmeras edificações presentes no álbum, selecionamos algumas para análise.

⁸⁹ Devido a elevada quantidade de imagens e textos presentes neste documento e, ao reduzido número de páginas para a dissertação, recortamos e selecionamos apenas algumas imagens para a análise neste trabalho.

IMAGEM XV

EDIFICAÇÕES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 09, 16, 19 e 22.

Recortamos algumas imagens e fizemos está montagem. Buscamos problematizar a relação destes edifícios com a versão da história de Campina Grande produzida no álbum de figurinhas. A Agência do telégrafo⁹⁰, a Associação Comercial⁹¹, o Cine Theatro Apollo⁹² e o Grande Hotel⁹³. Os edifícios foram construídos em épocas

⁹⁰ Foi o governador Álvaro Lopes Machado que resolveu levar as linhas telegráficas para o interior do Estado, começando pela sua terra natal Areia. Após esse primeiro passo, decidiu estender o serviço de telegrafia até Campina, solicitando do executivo municipal um prédio para instalação da agência. C.f. FERREIRA, Raul. O Prédio do Telégrafo de Campina Grande. In. http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/10/o-predio-do-telegrafo-de-campinagrande.html#UukGg_ITvIU, acessado em 03/01/2014, às 11:44 hs.

⁹¹ A Associação foi criada em 1926, tendo em Demóstenes de Souza Barbosa, seu primeiro presidente. O órgão foi criado pelos empresários da cidade, que estavam sendo prejudicados pelo então Presidente (Governador) do Estado, Camilo de Holanda, que resolveu fixar no orçamento estadual uma tabela especial do chamado 'Imposto de Indústria e Profissão', determinando que os contribuintes estabelecidos em Campina Grande teriam que pagar alíquotas mais elevadas em comparação aos demais municípios da Paraíba. C.f. <http://accg.com.br/site/?p=46> Acessado em 03/01/2014, às 11:52 hs.

⁹² O primeiro Cine-Theatro da cidade, localizado na atual Rua Maciel Pinheiro, surgiu em um amplo salão com fundos para a Rua Barão do Abiaí, sendo inaugurado em 26 de maio de 1912, era o Cine-Theatro Apolo. CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Editora Caravela, 1988, p. 84.

distintas, a partir de aspirações e contextos próprios, mas, sua evocação no álbum de figurinhas tem um sentido apologético e ufanista, pois, busca através destas representações criar e/ou reforçar a imagem moderna, progressista e em pleno crescimento da urbe centenária.

Não há como negar que a cidade crescia. No início da década de 60 o comércio ainda era forte e os bancos aqui instalados movimentavam grandes somas, além dos negócios com exportações. Mas, diferindo do discurso do poder, a cidade só crescia e se desenvolvia para as áreas mais “nobres”, sobrando para os bairros mais pobres a lama, os animais perambulando pelas ruas e os alagamentos como os provocados pelas fortes chuvas do inverno daquele mesmo ano de 1964 (*Diário da Borborema*, 07 jul. 1964, p. 02).

No entanto, os discursos se coadunam na tentativa de construir a imagem de uma cidade organizada, limpa e rejuvenescida, com ares modernos e atraentes, pronta para receber os homens do comércio de exportação do algodão, grandes industriais, representantes da burguesia da região e de outras metrópoles nacionais e internacionais.

As imagens e as legendas do álbum de figurinhas expressam a ideia de “progresso”, de “euforia de desenvolvimentista”, pois tentava-se introjectar a ideia de que a cidade estava sempre em movimento, em processo de modernização. De acordo com Aranha (2005, p. 79) há uma impossibilidade em pensar a experiência urbana nordestina e o seu vínculo com a ideia de vida moderna, tais como ocorria em Londres e Paris, no século XIX, há sim, experiências modernas provocadas por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano pelo consumo de signos do moderno. Alguns destes são elencados no álbum de figurinhas como o sistema telegráfico, o ferroviário, o sistema de iluminação pública, dentre outros. Neste contexto, nas comemorações dos 100 anos de Campina Grande, comemorava-se os símbolos modernos e desenvolvimentistas da cidade.

Em um segundo momento, na análise da primeira parte de *Campina Grande Centenária*, presente no álbum de figurinhas, daremos ênfase a produção de fatos alusivos a história da cidade.

⁹³ Sua construção foi iniciada em 1936, na gestão do visionário prefeito Vergniaud Wanderley, sendo finalizada e inaugurada no dia 19 de abril de 1942. O Grande Hotel chegou a ter um Cassino em suas dependências. Após o fechamento em definitivo do hotel, as dependências do local foram anexadas aos diversos órgãos da Prefeitura Municipal. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=grande+hotel#.UukJcvITvIU>, acessado em 03/01/2014, às 12:05 hs.

Os fatos históricos foram organizados cronologicamente, seguindo os rastros do “progresso”, em um sistema “evolutivo”, que vai da “barbárie” ao aparecimento de traços “civilizacionistas”. Uma “evolução”, que na visão dos produtores da obra começou *trôpega... Vacilante... hesitante nos primeiros passos...*

Nesta ordem cronológica aparecem, rabiscados em preto e branco, no álbum de figurinhas, imagens alusivas a história da cidade: o aldeamento dos índios Ariús por Teodósio de Oliveira Lêdo, a morte do sertanista, a criação da freguesia, em 1769, a elevação do povoado à condição de Vila, em 1790, a construção do edifício da cadeia, a criação da primeira escola, em 1822, a construção da barragem no Riacho das Piabas, em 1829, a inauguração da Igreja Matriz, em 1846, o cólera-morbus ocorrido em 1850, a elevação da Vila em cidade, no ano de 1864, a revolta do Quebra-Quilos, em 1874, a inauguração da Agência Telegráfica da cidade, em 1891, a criação do Grêmio de Instrução, atual colégio Alfredo Dantas, em 1907, assim como a chegada do primeiro trem na cidade, as comemorações pelo fim da primeira guerra mundial, a instalação da energia elétrica, em 1920, a inauguração da barragem do Açude de Bodocongó, a comemoração do 1º centenário da independência, em 1922, a fundação do Treze Futebol Clube, em 1925, o tráfego de bondes, em 1926, a revolução de 1930, inauguração do Hospital Pedro I, em 1931, inauguração do Edifício dos Correios, em 1933, inauguração do Grande Hotel e da Prefeitura, em 1942.

As efemérides, como a do centenário de Campina Grande, tende a apagar o senso crítico, ela nos convoca a aderir aos sentidos e discursos e/ou simplesmente ver o que está posto, mas, além das entrelinhas, o historiador deve problematizar os recortes, os esquecimentos e lacunas do discurso oficial. No álbum estão elencados fatos, nomes e datas, que se restringem até o final da década de 40, neste sentido, podemos inquirir qual o sentido deste recorte? Uma escolha metodológica? Pode-se conjecturar que alguns fatos que marcaram o início da década seguinte não foram dignos da memória da cidade por sua proximidade temporal e emblemática de disputas políticas: a chacina da Praça da Bandeira, em 1950 e o assassinato de Félix Araújo, em 1953. Memórias dolorosas, que atormentam algumas figuras políticas atuantes na cidade e que angariam sentimentos incoerentes com a proposta da festa.

Outros acontecimentos foram esquecidos como a criação do serviço de água e esgoto de Campina Grande, que nos anos 30, na administração estadual de Argemiro de Figueiredo foi propagada como a maior obra realizada na cidade; outro fato de destaque

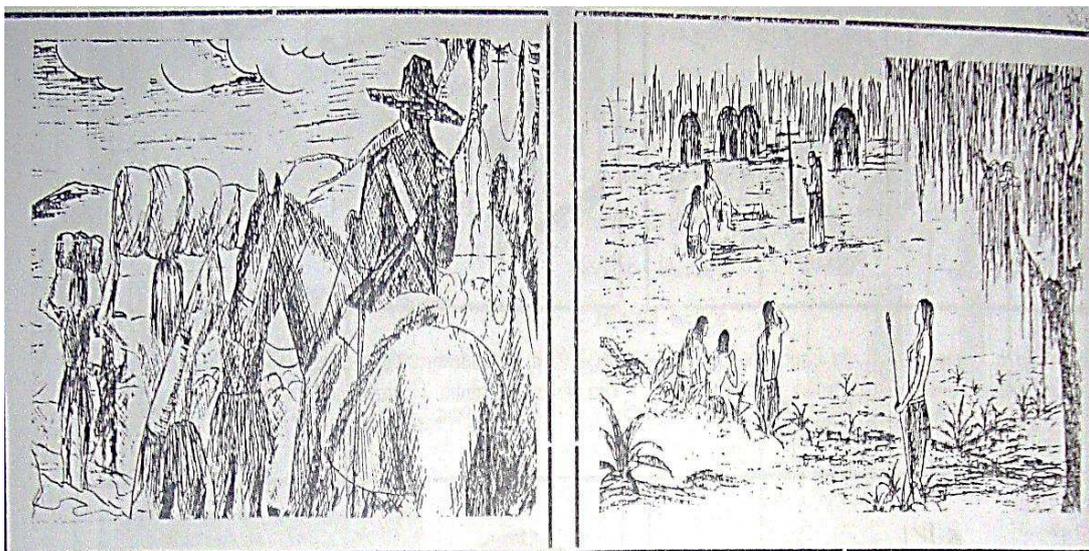
é a *Revolução de 30*, lembrada apenas pela criação da nova bandeira estadual. Tentar apagar a figura de Argemiro de Figueiredo estava relacionado ao fato de que ele era oposição política ao gondinismo, grupo político hegemônico na direção da festa e da memória da cidade.

No estudo do *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, três momentos de sua história serão analisados neste texto, por estarem ligados as ideias de “progresso” e de construção identitária. Traçaremos algumas linhas sobre o mito fundacional, sobre a elevação da povoação à condição de vila, em 1790 e a emancipação política, em 1864.

O marco inicial da história de Campina Grande, na versão histórica proposta no álbum de figurinhas, é a chegada do português colonizador na grande Campina, representado por Teodósio de Oliveira Lêdo.

IMAGEM XVI

TEODÓSIO DE OLIVEIRA LÊDO E O ALDEAMENTO DOS ARIÚS



A história de Campina Grande começa em dezembro de 1697 quando o capitão-mór Teodosio de Oliveira Ledo, estabeleceu no Planalto da Borborema um aldeamento de índios Ariús que trouxera da localidade de Piranhas

Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 03.

Em 1698 um frade do convento franciscano da Capital, veio a Campina Grande, a pedido de Teodosio a fim de catequisar os selvagens

O organizador das legendas, David Meneses, reproduz as versões historiográficas sobre a história de Campina Grande presentes nas obras de Epaminondas Câmara, *Os Alicerces de Campina Grande*, publicada em 1943 e *Datas Campinenses*, de 1947, além

do trabalho de Elpídio de Almeida, *História de Campina Grande*, lançado em 1962, contemporâneo a publicação do álbum, talvez, sua grande inspiração.

Os discursos e os objetivos desenvolvidos na produção do álbum, em alguns aspectos, mantêm uma relação de proximidade com as obras acima citadas: os discursos se coadunam, na medida em que privilegiam uma história factualista e elitista, destacando figuras relevantes que ocupavam postos institucionais como os únicos condutores da História (Oliveira, 1989). Aos olhos do historiador do século XXI, pode-se afirmar que a linha teórica se aproxima da historiografia metódica, dita positivista.

Na imagem da esquerda, vemos alguns homens, seguindo à frente do colonizador, com poucas vestimentas, carregando alguns objetos na cabeça, sendo que o último, traz em suas costas um arco e flecha, caminhando por uma planície, e como fundo de tela, um monte bem ao longe. Atrás, temos o colonizador, vestido e trazendo em suas costas uma espingarda, ao seu lado, alguns galhos de árvores. Nota-se, pela leitura do texto, que a imagem descreve a *origem de Campina Grande* a partir do aldeamento dos índios Ariús pelo Capitão-mor Teodósio de Oliveira Lêdo.

Realizando uma análise iconográfica, na qual privilegia-se a descrição da cena, como cenários, personagens e espaços, em um primeiro plano vemos a identificação da paisagem na imagem (planície e planalto) com a descrição geográfica da inóspita região: uma grande campina, tendo ao fundo a Serra da Borborema; salienta-se na imagem, o protagonismo de Teodósio de Oliveira Lêdo na origem da cidade, como o herói civilizacionista, que (sozinho) ocupou e desenvolveu a região.

Na leitura iconológica, na qual é preciso ir além dos signos visíveis (Aires, 2013), temos de destacar a relação de total subordinação dos indígenas ao sertanista, salientado pela palavra “trouxera” na legenda abaixo, empregada para simbolizar o projeto salvacionista e civilizador do homem branco. Neste aspecto, indagamos sobre o processo de identificação do leitor com as figuras da imagem: o campinense seria descendente do indígena ou do português? As pistas fornecidas pela imagem e ao analisar a historiografia campinense, nota-se a vinculação identitária com o sertanista, com o *herói fundador de Campina Grande*.

Na imagem à direita, notamos ao fundo algumas edificações em meio a vegetação, abaixo, alguns homens olhando a cena principal que se desenrola no centro da imagem: o encontro entre os indígenas e um frade franciscano⁹⁴.

O processo de montagem do álbum trabalha com uma concepção de história factualista, idealista, cronológica e linear: num primeiro momento tínhamos a chegada dos indígenas a grande Campina, neste segundo, nota-se a fixação deste grupo na região.

A cena, exposta na imagem, denota a fundação pacífica e harmoniosa de Campina Grande, ou seja, o momento do contato entre duas culturas (a indígena e a europeia), marcado pela conversa do frade com os índios Ariús. No plano central, dois indígenas direcionados para o frade, que se prostra ao lado de uma cruz, símbolo maior do cristianismo ocidental.

Na produção da linguagem verbal e da linguagem visual, o indígena é representado a partir da ótica salvacionista pela fé no cristianismo ocidental. Na imagem, os índios aparecem próximos e/ou em meio a natureza, como se fizessem parte dela, algo que, junto com seus costumes, justificaria o termo *selvagens* utilizado na descrição da figura. A Igreja Católica, representada na imagem pelo frade e pela cruz, símbolo do mundo civilizado, tem uma missão em meio a um ambiente hostil: catequizar os indígenas.

Em abril de 1790, Campina Grande foi escolhida para se tornar vila, devido as riquezas extraídas de sua terra, por meio da agricultura e principalmente a sua melhor localização, estando entre a capital, no litoral, e o sertão. No dia 6 de abril, Campina Grande passou a ser chamada oficialmente de *Vila Nova da Rainha*, em homenagem à Rainha Dona Maria I. Apesar da mudança de nome, os habitantes locais continuaram a chamar o lugar de Campina Grande e somente em textos oficiais e formais o nome Vila Nova da Rainha era utilizado.

No álbum de figurinhas, a Vila Nova da Rainha é simbolizada por um conjunto de casas, separadas por uma das três ruas existentes no período.

⁹⁴ Nesta descrição temos uma pista sobre a fonte histórica para a construção dos textos presentes no álbum: provavelmente a obra de Elpídio de Almeida, *História de Campina Grande*, pois, segundo a versão de Câmara (1943, p. 21), o frade era do convento de Santo Antônio, já em Almeida (p. 35), o religioso pertence a ordem dos Franciscanos, como é destacado no texto.

IMAGEM XVII

CRIAÇÃO DA VILA NOVA DA RAINHA



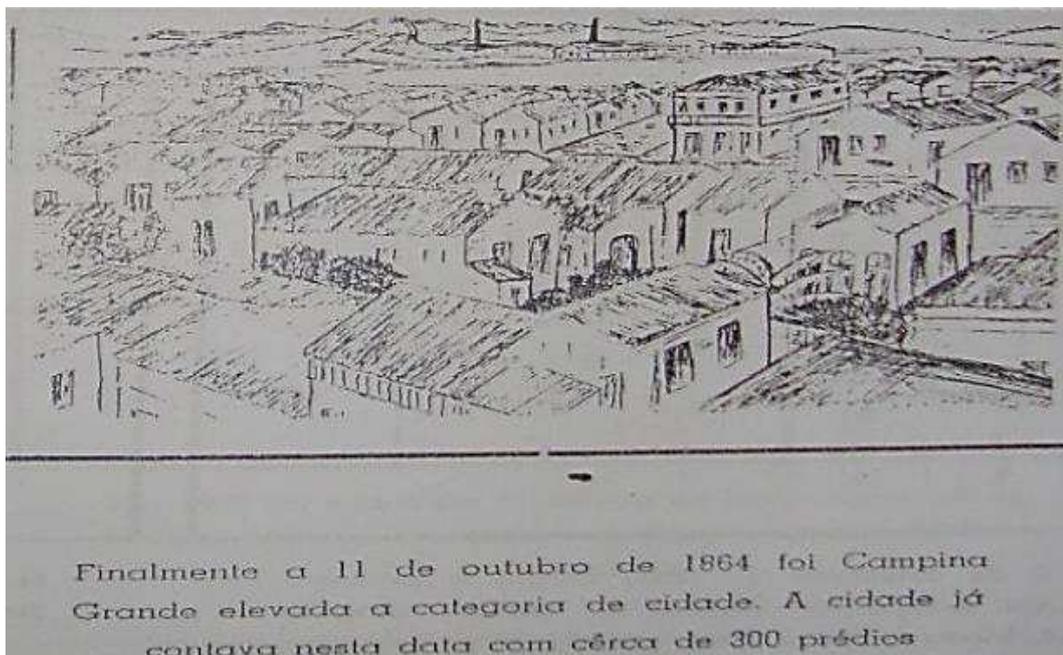
Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 04

Este acontecimento, a elevação do povoado à condição de vila, norteia um dos eixos deste capítulo, a valorização do passado como forma de justificar o desenvolvimento da cidade, que era divulgado por diversos veículos e vozes.

A imagem acima, feita em desenho preto e branco, é a representação da vila. Sendo um marco importante dos caminhos trilhados pela cidade rumo ao desenvolvimento: da *Vila Nova da Rainha* de cem casas, distribuídas em três ruas, em “Campina Grande centenária estão o suor, o trabalho e a atuação de grandes homens, que lutaram pelo “progresso” de Campina Grande” (*Diário da Borborema*, 25 set. 1964, p. 04). Seguindo o processo que tornou a aldeia em metrópole, apontamos para outro marco na história de Campina Grande: a sua emancipação.

IMAGEM XVIII

ELEVAÇÃO DA VILA À CATEGORIA DE CIDADE



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 07.

Neste texto, a imagem é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, produzidas por mãos inseridas em um determinado contexto, neste caso, por uma visão ufanista de cidade e de povo.

Na imagem vê-se um conjunto de casas, num primeiro plano, tendo ao fundo um açude, demarcado pelos traços do autor e ao seu lado, grandes casarões, no fundo da tela, indo em direção ao horizonte, uma estrada que percorre as montanhas e se encontram no fim da imagem.

O desenho, em preto e branco, tenta refletir o que seria a recém emancipada cidade de Campina Grande em 1864 (Almeida, 1979). Na cena, observa-se lado a lado, a paisagem natural, representada pelas montanhas e a paisagem em pedra, simbolizada pelo aglomerado de casas e ruas que completam a imagem, o contraste cênico busca valorizar a ação do homem na formação da urbe, que tardiamente, de acordo com o texto, teve seu desenvolvimento reconhecido pelas autoridades e, *finalmente* é elevada à condição de cidade.

As casas de tetos baixos, descritas por Câmara (2006, p. 86), com erosão nas ruas que abria sinuosos regos e um matagal que cobria tudo, não foram captados e/ou sentidos pelo autor da imagem, assim como, o movimento de animais, que tomavam conta das ruas. O Açude Velho, ao fundo, demarca a fronteira da cidade com outras paragens do Estado, caminho de tropeiros e comerciantes, símbolo de uma cidade aberta, *que desde os primeiros dias tornou-se passagem obrigatória ou preferida para quem penetrava os sertões ou descia a capital* (Sylvestre, 1982, p. 21).

A imagem XVIII se insere no contexto das comemorações do centenário, sendo um marco neste processo celebrativo da transformação da vila na cidade que é cantada e apresentada como a *Rainha da Borborema*. Discursos ufanistas, adjetivos valorativos e imagens que constroem no imaginário popular um sentimento de pertencimento a cidade, projetando-se uma representação “que aos 11 de Outubro de 1864 subiste ativa a categoria de cidade.

IMAGEM XIX

A CHEGADA DO TREM EM CAMPINA GRANDE (1907)



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 10.

Tinturou-se em papel a chegada do trem em 1907 (Aranha, 2006). A imagem, acima apresentada, traz um aspecto relevante do curso desta viagem ao passado de Campina Grande. Na figura vê-se um grupo de pessoas assistindo, nota-se, pelos chapéus, apenas a presença de homens na figura, a chegada sobre os trilhos do “cavalo

de aço”, como era popularmente conhecido o trem, ao fundo, uma casa, provavelmente a estação ferroviária.

Desde 1904, quando foi iniciada a construção da ferrovia, era aguardado em Campina Grande o soar da buzina do progresso, representado pela linha férrea da Great Western. Apenas na tarde ensolarada do dia 02 de Outubro de 1907, para falar com (Aranha, 2006, p. 242), uma multidão apinhada na plataforma da estação, que o sonho alimentado durante décadas pode se concretizar.

Neste âmbito, na historiografia campinense e paraibana, o assunto foi analisado e discutido por diferentes correntes teóricas e em diferentes campos das ciências sociais, mas as interpretações convergem para um ponto único: a chegada do trem acelerou o processo de transformação econômica, social e cultural da cidade com um vertiginoso crescimento demográfico.

A exploração deste episódio da história da cidade faz parte do projeto vigente de valorização de um passado e sua utilização no presente e na idealização de um futuro. Segundo Catroga (2001, p. 60)

No fundo, estes ritos cívicos punham em cena processos comuns à construção da memória individual (*re-fundação, identificação, filiação, distinção, finalismo*), mediante a seleção e fragmentação da sequência dos acontecimentos e a sua integração num horizonte prospectivo, evocações marcadas pela escolha de “grandes homens” ou de “grandes acontecimentos”, assim elevados a paradigmas, cuja lembrança aparecia como imperativo histórico que o futuro devia cumprir.

Ao analisar o comemoracionismo, o autor afirma que pela evocação do passado pudesse se impulsionar e ultrapassar um estado de crise do presente, a fim de fazer “ressurgir” estas glórias e com isso restabelecer a grandeza perdida. Neste projeto, o passado é oferecido com arquétipo do presente e do futuro, ou seja, o passado é o espelho do presente e uma projeção do futuro.

O futuro seria garantido por meio da legitimidade do presente, ambos, porém, continuadores das glórias do passado. Segundo David Meneses “Campina eleva-se não somente sobre os picos da Borborema, mas também sobre os picos do progresso, do desenvolvimento” (Álbum das Figurinhas de Campina Grande, 1964, p. 32). Este projeto de construção histórica, mesmo em um álbum de figurinhas, baseia-se numa construção narrativa dominada pelo futuro, ou seja, a palavra-chave é o “progresso”.

Na segunda parte do álbum de figurinhas, *alguns personagens que lembrarão Campina Grande*, destacam-se nomes, com imagens e/ou desenhos de personalidades da cidade. Buscamos percorrer as linhas gerais deste documento com o objetivo de revelar a simbologia contida nesses personagens e as articulações destes *símbolos* com o contexto político da época.

Expressam-se em imagens, expostas entre as propagandas do álbum de figurinhas produzido pela Organização Meneses, as figuras de Monsenhor Sales⁹⁵, Clementino Procópio⁹⁶, Solon de Lucena⁹⁷, Chateaubriand⁹⁸, Epaminondas Câmara⁹⁹, Christiano Lauritzen¹⁰⁰, Desembargador Trindade, João Lorenço Porto¹⁰¹, Afonso Campos, João Suassuna, Euclides Vilar¹⁰², Severino Cruz¹⁰³, João Moura, Cristiano Pimentel, Anésio Leão¹⁰⁴, Félix Araújo¹⁰⁵, Lino Gomes, Alfrêdo Dantas¹⁰⁶ e Mauro Luna¹⁰⁷.

⁹⁵ Foi o responsável pela construção do Santuário de Nossa Senhora da Guia, hoje Igreja Da Guia na Praça do Trabalho no bairro do São José, em 21 de Novembro de 1917. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 09:35 hs.

⁹⁶ Um grande nome da educação campinense. Clementino Procópio também se envolveria com a política, sendo membro do Partido Conservador e exercendo também o jornalismo político. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 09:45 hs.

⁹⁷ Assumiu o governo da Paraíba de 1 de julho a 22 de outubro de 1916, quando presidente da Assembleia Legislativa, devido à renúncia por motivos de saúde de Antônio da Silva Pessoa. Foi eleito presidente da Paraíba em 22 de julho de 1920, governando o estado de 22 de outubro de 1920 a 22 de outubro de 1924. http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal acessado em 07/01/2014 às 09:48 hs.

⁹⁸ Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo, médico natural de Cabaceiras, que serviu a sociedade de Campina Grande, sendo considerado o mais antigo profissional a exercer a medicina nesta cidade. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 09:52 hs.

⁹⁹ Na década de 40 publicou dois livros os “Alicerces de Campina Grande” (1943) e “Datas Campinenses” (1947). No dia 24 de fevereiro de 1945, seu nome foi apresentado à Academia Paraibana de Letras, sendo eleito no dia 17 de março primeiro sucessor da Cadeira 18. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 09:55 hs.

¹⁰⁰ Foi prefeito municipal durante 19 anos ininterruptos e, foi no seu governo que o primeiro trem chegou a Campina Grande, fazendo com que a cidade fosse o ponto final da ferrovia Great Western. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 09:58 hs.

¹⁰¹ Além de prefeito de Campina Grande e parlamentar, João Lourenço Porto, foi nomeado Coronel Comandante da 14ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Campina Grande, Estado da Paraíba, em 24 de maio de 1895, pelo presidente Prudente de Morais. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:05 hs.

¹⁰² Fotografo famoso na região da Serra da Borborema, tinha uma casa comercial na Rua Cardoso Vieira, cuja a placa com os dizeres “Fotografia Villar” no frontispício ainda hoje permanece. <http://almanaquecampinagrande.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:15 hs.

¹⁰³ Foi Diretor da higiene pública na gestão do prefeito Bento de Figueiredo, na década de 30. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:19 hs.

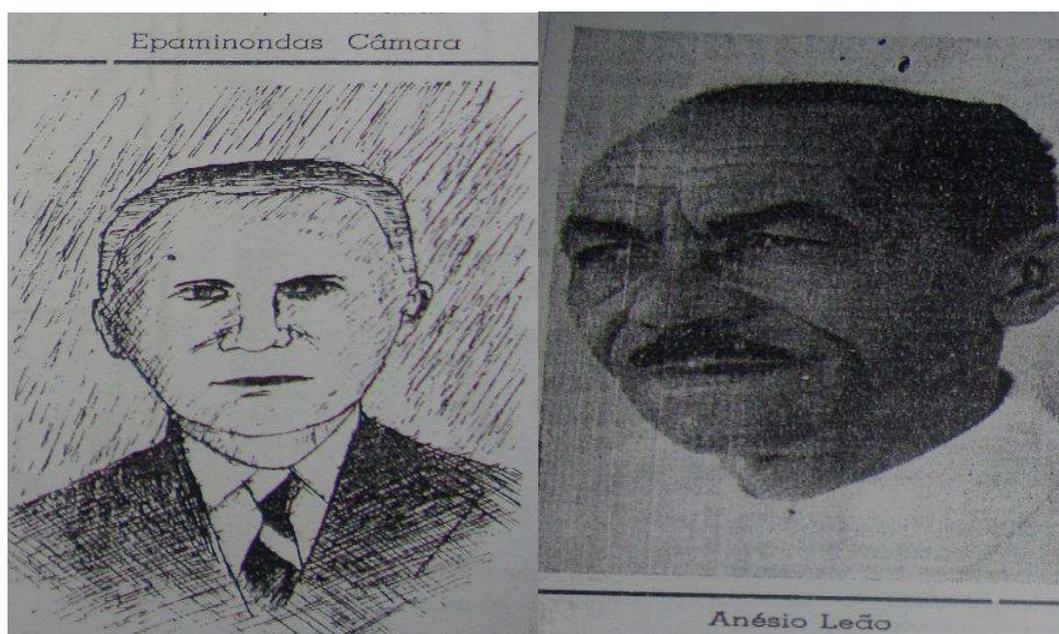
¹⁰⁴ Foi professor e em 1954, partiu para a política local chegando a ser vereador em 1963 pelo PSP (Partido Social Progressista), quando obteve 701 votos. Presidiu a Câmara Municipal de Campina Grande no período 1966/68, quando por motivos de doença renunciou ao mandato. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:22 hs.

¹⁰⁵ Poeta, escritor e político. Félix Araújo. Denunciou a corrupção. Rompeu com o prefeito Plínio Lemos e com o governador José Américo de Almeida. Em 1953, foi baleado e morto, pelas costas, por João Madeira, guarda-costas do então prefeito de Campina Grande, Plínio Lemos. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:30 hs.

As biografias, apresentadas no texto, nos dão pistas sobre a origem e atuação destas figuras. A lista é composta por médicos, professores, juristas, políticos e intelectuais que tiveram seus nomes ligados ao da cidade neste processo comemorativo.

IMAGEM XX

PERSONALIDADES CAMPINENSES



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 23 e 26.

Trouxemos para o texto estas duas imagens, Epaminondas Câmara e Anésio Leão, por simbolizarem, ao nosso ver, o sentimento empreendido na escolha e exposição destas figuras no álbum. O primeiro, como exposto em sua biografia, sendo autodidata, foi responsável por produzir, até a década de 60 quando temos a obra de Elpídio de Almeida, *História de Campina Grande*, os principais trabalhos e versões da história da cidade, sendo um intelectual respeitado. Membro da Academia Paraibana de Letras, seu nome era reverenciado por cronistas e demais intelectuais por sua simplicidade e humildade.

Ao enaltecer a figura humana projeta-se suas qualidades e defeitos, obras e lacunas, mas, neste caso, ilumina-se as adjetivações positivas e, na cena comemorativa,

¹⁰⁶ O Ten. Alfrêdo Dantas Correia de Góis foi o fundador do Colégio Alfredo Dantas, em 1909, ainda em atuação na cidade. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:40 hs.

¹⁰⁷ Poeta e professor dos colégios Pio XI e Imaculada Conceição (Damas). Do colégio das Damas, teve a honra de compor o hino desse histórico educandário de nossa cidade. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 07/01/2014 às 10:55 hs.

propaga-se os sentimentos e ações nobres de determinadas figuras: humildade, simplicidade, trabalho e amor pela cidade que o recebeu como filho. A vida e a obra de determinadas figuras são mitificadas como símbolos para um povo, tornando-os modelos a serem seguidos. Segundo Albuquerque Júnior (2012, p. 16):

Muitas dessas comemorações serviam para monumentalizar dadas figuras de destaque, os heróis nacionais, os gênios e benfeitores da pátria. Elas visavam tornar presente dado perfil heroico, que serviria de modelo de subjetividade para as novas gerações, para os homens do presente

Certos personagens são apropriados e em torno de sua figura constrói-se um culto cívico. Valores nobres são destacados para enaltecer suas figuras e seus feitos: coragem, inteligência, honra, trabalho, enfim uma gama de virtudes que servem de modelos as gerações futuras.

O segundo personagem, Anésio Leão, um educador, professor de português, mas, a partir de 1954, como demonstra sua biografia, iniciou sua caminhada no universo político. Uma figura contemporânea a publicação do álbum, destoando dos demais personagens, por isso, sua figurinha, na imagem acima, ao lado direito, é representada por uma fotografia. Neste período atuava como vereador na base aliada do governo Newton Rique e, posteriormente, na gestão de João Jerônimo.

Um homem respeitado na sociedade campinense que após vários anos de serviços prestados a educação do município se “propõe” a *ajudar* o povo da cidade através da vereança. Acima de tudo, um homem sem inimigos públicos declarados, fato que o credencia em detrimento de outros contemporâneos, a exemplo de Argemiro de Figueiredo, de Vital do Rêgo e de Newton Rique. Enfim, um homem, que foi transvestido como símbolo de uma Campina Grande harmônica e unida.

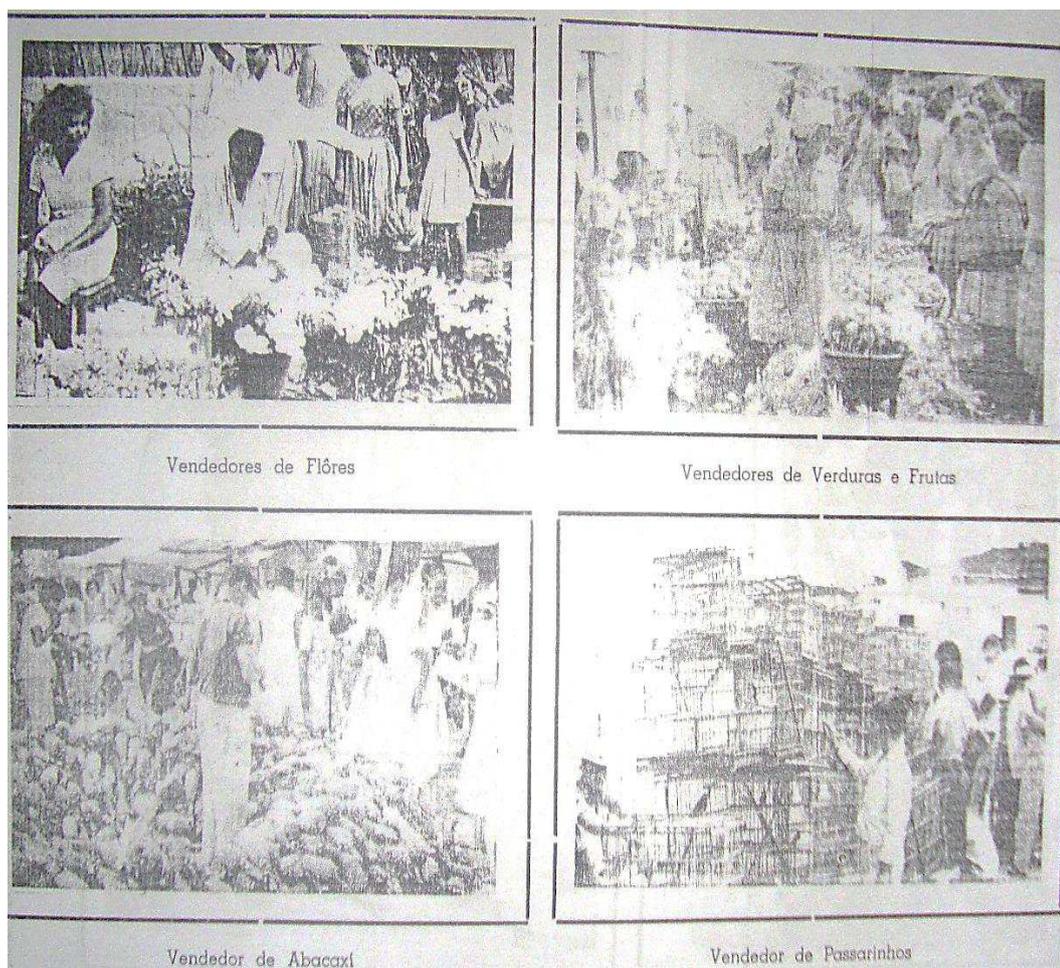
Na última parte do álbum de figurinhas apresenta-se os *aspectos diversos da feira de Campina*, com imagens e descrições das atividades praticadas neste espaço folclorizado da cidade.

A feira central de Campina Grande surgiu, como muitas outras feiras do interior do Nordeste, da necessidade de as pessoas se encontrarem para a troca de mercadorias. No caso de Campina Grande, a feira se deve ao encontro dos tropeiros que atravessavam a região, vindos do interior em direção ao litoral. Os tropeiros paravam

em Campina para descansar os animais e se abastecer de produtos que lhes eram necessários. Ao logo dos anos, a feira cresceu, tornou-se símbolo de uma cidade que tem o comércio como uma das principais fontes de renda e o trabalho como slogan.

IMAGEM XXI

FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE



Fonte: *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, 1964, p. 27.

O álbum de figurinhas expõe, através de imagens fotográficas, ícones significativos da feira. Na montagem, na parte superior, no lado esquerdo, temos os vendedores de flores, neste caso, duas senhoras que se encontram sentadas, atrás do objeto oferecido para o comércio, ao fundo a passagem de comerciantes e/ou compradores. Nota-se, pela leitura da imagem, que o fotógrafo buscou captar a feição dos feirantes em seu cotidiano.

Foram captados diversos aspectos da feira: o vendedor de verduras e frutas, o vendedor de abacaxi e o vendedor de passarinhos. Na publicação das imagens tenta-se apresentar a feira como uma grande miscelânea, como uma festa de todos os cheiros, de todas as cores e de todas as gentes.

Este aspecto fica evidenciado nas imagens seguintes, na parte superior, ao lado direito e, abaixo, ao lado esquerdo, foca-se, além do vendedor e dos produtos, a algazarra, a gritaria alegre, o vai e vem de gente comprando, vendendo e trocando, se esbarrando uns nos outros, andando pra lá e pra cá, negociando produtos e vivenciando experiências. A feira torna-se um espaço folclorizado, pela alegria das pessoas e pela história que carrega, mas também, um lugar privilegiado do comércio, pois, como diria o poeta Manoel Monteiro (2011, p. 08) “na nossa feira central/ Tem de tudo que se queira? Se você quiser comprar? Coisa importante ou besteira”.

Neste sentido, privilegia-se o aspecto hiperbólico da feira, com o gigantismo e a diversidade de produtos, pessoas e de dinheiro, por este ângulo, as imagens revelam a tentativa de promover na população o orgulho de ter na cidade uma das maiores feiras ao ar livre do Brasil.

Diferentemente da seção anterior, na qual apresenta-se nomes e fotos dos *construtores da cidade*, na seção *Personagens que lembrarão Campina Grande*, nota-se a lacuna identitária dos personagens que compõem e constroem a feira central, sendo conhecidos genericamente pela profissão que exercem: vendedores de... As pessoas são transformadas em rótulos genéricos.

Possivelmente, o objetivo desta seção no álbum de figurinhas, era demonstrar a grandiosidade da feira central, tida por muitos como um símbolo da cidade, “és com justiça a capital econômica da Paraíba, considerando-se o teu comercio ativo¹⁰⁸” neste sentido, os feirantes, seriam focados como peças presentes neste todo, que é a feira.

As comemorações do centenário de Campina Grande atraíram olhares para o presente, mas também para o passado. Olhares que no presente reconfiguraram o passado da cidade e do povo. Este projeto histórico recorreu ao passado, reescrevendo-o, formando novas representações do passado, na qual, os organizadores do centenário e/ou aqueles que se apropriavam da cena festiva, não analisaram o tempo de forma

¹⁰⁸ Compacto Disco do Centenário de Campina Grande. **Faixa 01:** Radiografia Sentimental de Campina Grande.

neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca deste passado e de vivenciar nosso próprio tempo.

Neste processo de enquadramento do passado, o álbum de figurinhas, assim como os temas da história de Campina Grande levados as ruas da cidade no dia do desfile cívico, foram modalidades utilizadas para expressar o projeto de (re) construção histórica durante o centenário. A comemoração, como relata Albuquerque Júnior (2012, p. 11), traz consigo, não apenas, um sentido imperativo de evocação do passado, “o recordar, ganha aí um sentido de necessidade, quase obrigação” mas também, faz um prenúncio do futuro numa relação proximal entre os tempos históricos.

De acordo com a exposição, percebemos o espaço aberto pelas comemorações do centenário, como um momento propício para a reconfiguração do passado, partindo da perspectiva de que o presente não somente reconstrói o passado a partir de problematizações e regimes de poderes gerados na sua atualidade, mas também de que o presente projeta um futuro que se torna palpável no momento da festa.

3. 3 – QUERO O PAPEL PRINCIPAL: CAMPINA GRANDE COMO PROTAGONISTA NO CENÁRIO NORDESTINO.

Conquistaste a liderança

Entre as urbes do Nordeste

Nasceste GRANDE inconteste

Teus filhos, com tal pujança

E férrea perseverança

Nobres louros já lograram;

Ávidos, também provaram

Rico, por vir outorgar-te,

Irmãos dos que, doutra parte

A ti por berço adotaram

J.M. C (Diário da Borborema, 11 out. 1964, p. 02).

Campina Grande, naquele 11 de Outubro de 1964, Dia da Cidade, feriado municipal e estadual, foi cantada, representada, declamada, fotografada... Recebeu o status de protagonista no dia em que completava 100 anos. Nesta trama, os holofotes estão direcionados para ela... A estrela desta cena.

O cotidiano da cidade havia sido interrompido, centenas de visitantes e filhos da Rainha da Borborema que estavam em outros rincões do país estavam de volta... Enfim, a festa invade as ruas, clubes e praças da cidade.

Naquele domingo, com o sol a raiar pelas encostas do Planalto da Borborema, ao som de retretas, bandas e foguetões, milhares de pessoas foram comemorar os cem anos de Campina Grande. Segundo Souza (2010, p. 116 e 117)

Às autoridades juntaram-se a malandros, comerciantes, prostitutas, jornalistas, bêbados, padres, jogadores de baralho e bilhar, jovens colegiais, grandes damas da sociedade, bicheiros, *playboys*, poetas, comerciários, artistas, vendedores ambulantes, associações beneficentes, membros da Maçonaria, do Rotary, do Lions, da Casa da Amizade e dos Clubes Sociais, além, é claro dos loucos, dos vadios e todos os outros desocupados que circulavam cotidianamente pela cidade. Naquele dia todos tiveram livre acesso as ruas, menos os que haviam sido presos no dia anterior, vítimas de alguma carraspana habitual, travestida de embriaguez comemorativa.

Para o autor, neste dia, *a cidade (quase) pertenceu a todos*, mas, mesmo misturando numa mesma cena tantos corpos e estilos, a aparente permissividade da festa é enganosa e a participação e/ou presença maciça de todas as classes respondia a regras bem estabelecidas.

Pelos microfones das rádios, bem como, do carro de som que acompanhava o desfile, eram lidas mensagens em homenagem a Campina Centenária. Nas páginas do *Diário da Borborema*, em edição especial, várias empresas, instituições e cidades de dentro e fora do Estado, proferiram suas homenagens: conexões Tupy, lojas Sideral, Federação do Comércio da Paraíba, Associação Comercial de João Pessoa, Banco do Estado da Paraíba, Usinas São João e Santa Helena, Prefeitura de João Pessoa, de Guarabira, de Patos, o governo do Estado do Ceará, do Rio Grande do Norte... Enfim, Campina Grande, como desejavam os idealizadores, era a protagonista no cenário nordestino.

Nessa época, existia apenas o *Diário da Borborema*, como jornal fundado e criado em Campina Grande. Naquele ano, o jornal local festejou com alarde os 100 anos do município e contribuiu para engrandecer mais uma vez o quão era importante a cidade de Campina Grande para o Estado e Região Nordeste.

Parte dos discursos promovidos para o centenário sempre tentou buscar na história os fatos que dariam respaldo à ideia de “progresso” e de “crescimento” evocados no presente. É o caso da escolha de eventos do passado que servem de parâmetro e explicação para o presente: salientamos anteriormente, neste capítulo, o mito fundacional, em 1697, a fundação da vila, em 1790, a emancipação do município, em 1864 e o ano do centenário de 1964, sugerindo uma visão linear e evolucionista.

A capa do *Diário da Borborema*, de 11 de outubro de 1964, trazia o título *Campina Grande em cem anos: uma aldeia que se fez metrópole*, enaltecendo os anseios de progresso que desde o reconhecimento da *Vila Nova da Rainha*, “tudo cresceu, assustadoramente”.

IMAGEM XXII

CAPA DA EDIÇÃO ESPECIAL DO DIÁRIO DA BORBOREMA (11 Out. 1964)



Fonte: *Diário da Borborema*, 11 out. 1964, p. 01.

O discurso na linha editorial do jornal exemplifica o intuito do grupo que organizou, programou e efetivou a festa do centenário, apesar das mudanças, em apontar o desenvolvimento ocorrido na cidade durante este período. “Sobre as raízes das gameleiras o alicerce dos arranha-céus” (*Diário da Borborema*, 11 out. 1964, p. 01) – Signos do moderno que se fazem presente no discurso oficial e marcam a leitura evolucionista da história da cidade.

Os principais meios de comunicação da cidade, rádio, jornal e a TV, recém inaugurada, convocava a população a sair pelas ruas para participar das festividades centenárias. Cerca de dez mil estudantes saíram em desfile na Avenida Floriano Peixoto, assistido, igualmente por outra multidão, em êxtase, causando “alvorço na multidão, que comprimia, o fecha-fecha cada vez maior, motivou o desmaio de uma expectadora. O atendimento veio na base do éter nas mãos do vigilante policial” (*Ibidem*, 13, out. 1964, p. 02).

IMAGEM XXIII

DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)



Fonte: *Correio da Paraíba*, 13, out. 1964, p. 04.

A imagem fazia parte da cobertura do *Correio da Paraíba* sobre a festa do centenário de Campina Grande. Focaliza-se a passagem dos colégios em cortejo cívico

pelas ruas da cidade. Fardas novas, fantasias temáticas, estandartes e bandeiras comporam o figurino de cada instituição de ensino. Ao lado, nas calçadas e nas varandas dos prédios, as pessoas acompanham a passagem das alas, alegorias e bandas marciais que apresentariam no dia.

A comissão julgadora do desfile do centenário¹⁰⁹, no dever de suas atribuições, deu nota as apresentações realizadas pelos colégios. O resultado final:

QUADRO X
RESULTADO DO DESFILE DO CENTENÁRIO (11 Out. 1964)

BALISAS		
1° Lugar	Colégio Alfredo Dantas, Pio XI e Jerônimo Gueiros	435 Pontos
2° Lugar	Colégio das Damas	430 Pontos
3° Lugar	SENAI	355 Pontos
BANDAS MARCIAIS		
1° Lugar	Colégio Estadual	475 Pontos
2° Lugar	Colégio das Damas	430 Pontos
3° Lugar	Colégio Alfredo Dantas	383 Pontos
ORIGINALIDADE DAS ALEGORIAS		
1° Lugar	Colégio Estadual	250 Pontos
2° Lugar	SENAI	240 Pontos
3° Lugar	Escola Normal	230 Pontos
SUNTUOSIDADE		
1° Lugar	Colégio Estadual	250 Pontos
2° Lugar	Colégio Alfredo Dantas	235 Pontos
3° Lugar	Colégio São José	210 Pontos
CLASSIFICAÇÃO GERAL		
1° Lugar	Colégio Estadual	1.525 Pontos

¹⁰⁹ Faziam parte da comissão julgadora do desfile do centenário: João Gonçalves de Souza, Superintendente da SUDENE; Prefeito, Augusto Lucena, do Recife; general-médico Breno Cunha; Alfredo Vieira, governador do distrito dos Lions e Coronel João Gadelha, comandante da Polícia (*Diário da Borborema*, 14 out. 1964, p. 05).

2° Lugar	Colégio das Damas	1.465 Pontos
3° Lugar	Colégio Alfredo Dantas	1.429 Pontos
4° Lugar	SENAI	1.266 Pontos
5° Lugar	Mocidade Evangélica	1.221 Pontos
6° Lugar	Escola Normal	1.170 Pontos

Fonte: *Diário da Borborema*, 14 out. 1964, p. 05.

As escolas vencedoras do desfile apresentaram os seguintes temas: Colégio Estadual (Revoluções); Colégio das Damas (Produtos da Terra); Colégio Alfredo Dantas (Instrução); SENAI (Indústrias); Mocidade Evangélica (Retalhos de Campina) e Escola Normal (Entradas). Não temos como precisar a relação dos temas com a posição alcançada pela escola.

Os troféus para as equipes campeãs foram entregues no auditório da Escola Estadual, mas sem a presença do Colégio Alfredo Dantas, que em protesto pelo resultado do desfile não compareceu à solenidade.

Além das comemorações abertas, os diversos clubes e associações da cidade preparavam atrações musicais que iriam romper a noite e desembocar no outro dia: o Clube Campinense, o Clube Médico Campestre, o GRESSE, a AABB, o Clube dos Caçadores, o Clube dos Trabalhadores... Quando a noite caiu, o céu campinense foi iluminado por fogos de artifício e as praças do centro da cidade continuavam lotadas de pessoas que esperavam que aquele dia não acabasse, queriam aproveitar mais um pouco do centenário de Campina Grande.

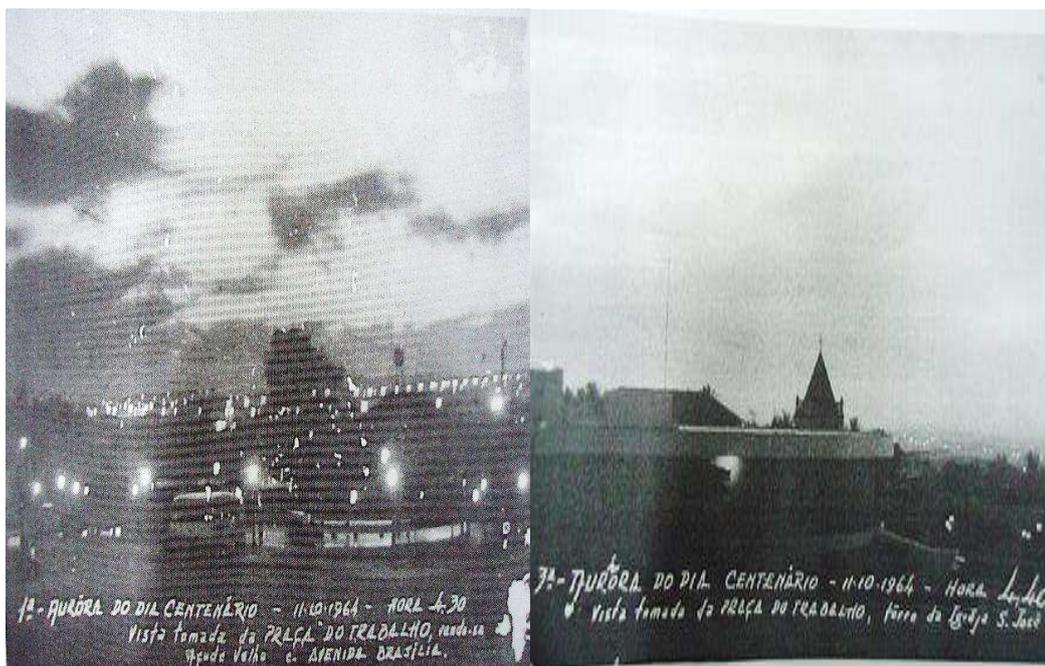
Neste dia, a cidade foi fotografada por vários ângulos e paisagens. O fotógrafo Sóter Farias¹¹⁰ prestou uma homenagem pessoal a Campina Grande: retratou a cidade no dia do seu centenário, desde o alvorecer até as comemorações noturnas, com breves intervalos de aproximadamente cinco minutos entre uma foto e outra, de pontos diferentes.

¹¹⁰ Sóter Farias de Carvalho teve seu primeiro contato com a fotografia aos 16 anos, como lavador de retratos do fotógrafo João Dias. Se profissionalizou entre 1931 e 1938. Os depoimentos de familiares e contemporâneos apontam que era raro encontrar o fotógrafo sem uma câmera pendurada no pescoço. Revezava sempre entre as duas mais usadas que possuía: uma Ciroflex e uma Roleyflex. Nem nos momentos de Lazer se distanciava da pequena caixa-preta (Figueiredo Júnior, 2005).

Na análise de Sóter Farias o impulso gerador de captar a cidade em diferentes ângulos e momentos, no dia do centenário, foi, provavelmente, o de congelar em imagens as paisagens de Campina Grande, deixando uma herança para as gerações futuras.

IMAGEM XXIV

FOTOS DE CAMPINA GRANDE NO DIA DO CENTENÁRIO



Fonte: Figueiredo Júnior, 2002, p. 105 e 106.

Estes são os primeiros registros de Sóter Farias no dia do centenário, feito ainda, na madrugada, na aurora como grava o fotógrafo. As imagens foram captadas em partes distintas da cidade, nesta cena o palco foi a Praça do Trabalho: a primeira imagem enfocou o largo do Açude Velho ao lado da Avenida Brasília; a segunda imagem, que na verdade constitui o terceiro registro feito naquele dia, captou a torre da Igreja São José.

Os discursos produzidos pós-festa, no *Diário da Borborema*, faziam uso da hipérbole como recurso para expressar os momentos vividos durante o centenário: *monumental, brilhante, impressionante...* Com destaque para o desfile cívico, que na edição do jornal, *Salvou o centenário*. Mas, entre os discursos apologéticos, surgiram algumas vozes sussurrantes que desaprovaram o evento:

Continuam decorrendo brilhantíssimas as solenidades do primeiro centenário de Campina Grande, 14ª cidade do Brasil e a 1ª de todo o interior do Norte do País. Embora, as programações, em vários pontos importantes, tenham sido mutiladas ou simplificadas (...) Talvez, algumas pessoas de espírito mais cultivado, desejassem as solenidades com um maior sentido cultural ou de civilização mais “sophisticateds” (*Diário da Borborema*, 14 out. 1964, p. 02)

Falsa modéstia ou Ironia? Talvez, ambas as hipóteses. A justificativa para esta falta de civilidade aos festejos tomou como base o fato da cidade está localizada no interior brasileiro, castigado pelas fatalidades climáticas. De acordo com o jornalista Lopes de Andrade, os possíveis defeitos apresentados no evento não estariam no desfile e nas demais comemorações, mas no olhar de quem viu, um olhar de um *nouveaurochismo* (novo rico).

Em trabalho redacional realizado pelos alunos do Colégio Estadual da Prata, um mês após as celebrações, instituído pelos professores de português, sob o tema *Centenário de Campina Grande*, gerou uma verdadeira enquete sobre os festejos:

70% dos alunos opinaram que Campina não teve as merecidas comemorações, citando as reportagens publicadas na imprensa falada e escrita de Campina Grande; 20% deu parecer otimista sobre o calendário das comemorações, elogiando a atuação de políticos; 6% perdeu-se em contradições e 4% atacou violentamente os homens públicos da cidade, citando-os nominalmente como responsáveis por “um fiasco total” (*Diário da Borborema*, 07 nov. 1964, p. 01)

Analisando a citação, nota-se no primeiro dado, que os alunos podem ter formado suas opiniões com base nas publicações do jornal *Diário da Borborema*. Em um segundo momento, nota-se que apesar das brigas, conflitos e picuinhas políticas geradas em torno das comemorações, um baixo número de alunos “culpou” os políticos pelo possível fracasso do evento.

As repercussões ganharam as páginas do *Correio da Paraíba*, que na tiragem do dia 13 de out. 1964, trazia um balanço das festividades. Segundo o jornal, a cidade estava cheia de visitantes, um número estimado de dez mil pessoas, que se hospedaram nas casas de familiares, amigos e/ou nos hotéis da cidade, que estavam lotados:

a gerência do Rique Palace informou que não lotou apenas o hotel, mas também uma casa de hóspedes de três andares, que a direção do Rique Palace alugou especialmente para receber os visitantes [...] No Regina Hotel, igualmente, não havia vaga desde sábado” (*Correio da Paraíba*, 13 out. 1964, p. 03).

Seguindo a linha editorial do jornal, o sucesso de público não pode ser creditado a organização do evento, principalmente a COMCENT, pela maneira que organizou o evento. Segundo o jornal, se não fosse às instituições escolares e privadas, o centenário teria sido um fracasso. O jornal aponta alguns fatos que explicam este abandono: a falta de água no dia da festa; a locomoção dos visitantes, alguns ônibus, como o da “Empresa Real, placa 421 82, um ônibus velhíssimo, veio de João Pessoa para Campina Grande com 90 pessoas” (*Correio da Paraíba*, 13 out. 1964, p. 03).

4. LUGARES DE MEMÓRIAS PARA A RAINHA CENTENÁRIA: CAMPINA GRANDE MUSICALIZADA E MONUMENTALIZADA

No tocante aos estudos dirigidos sob a luz da Nova História Política, utilizada como base teórica neste trabalho, percebemos a constante apropriação que os atores da política fazem de conceitos e linguagens próprias do teatro: os atores, as ilusões, o palco, o espetáculo, entre outros. Algo tão eminente que Balandier (1982, p. 05) destacou que:

Por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e organização dos poderes, encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a “teatrocracia”. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade. É o regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos, revogáveis, sucessivos

Observando-se os contextos históricos, as singularidades espaciais e temporais, a hipótese do teatro do poder é válida. O *real* e o *imaginário* são partes constituintes da montagem feita nos processos políticos, verdadeiras peças de teatro, nas quais os representantes do poder encenam acerca dos valores, dos sentimentos, do imaginário político da sociedade, buscando se aproximar do público, com o objetivo de garantir a legitimidade de uma ordem não apenas pela mobilização da força física, e sim, pela montagem de um quadro cerimonial.

Apropriando-se deste conceito passamos a analisar a produção simbólica e a ritualização como parte da teatralização política durante a festa do centenário de Campina Grande.

Recorria-se ao uso da hipérbole como figura de linguagem para retratar o caráter da comemoração e a preparação da *Rainha da Borborema* para o centenário. Além do desejo de tornar a festa e a cidade uma apoteose no ano de 1964, outra característica foi delineando os contornos festivos: o toque da ordem.

Além das comissões do centenário, exploradas nos capítulos anteriores, os militares, após a cassação de Newton Rique, em Junho, ganharam visibilidade na cena política campinense, pois passaram a intervir no seu jogo político, bem como, na organização das festividades do centenário. Na festa potencializaram-se os valores

cívicos como as ideias de ordem e disciplina, expressas no desfile cívico. Sentimentos e ideais presentes na cultura política brasileira, projetados principalmente durante o Estado Novo.

Mesmo com a promessa de Vital do Rêgo não se cumprindo, de que o presidente Castelo Branco viria às festividades, outros representantes do alto escalão militar compareceram como o *General João Lira Tavares*, o comandante do IV exército, o *General Antônio Muricy*, o *Capitão Jose Luiz Ajudante de Ordens*, o *Tenente Coronel Friedrich*, comandante da FAB e o *Tenente Dal Santos* (*Diário da Borborema*, 08 out. 1964, p. 04).

A importância e a intervenção dos militares foram ínfimas diante do alcance dos anos posteriores. Neste contexto, as indagações sobre o rumo do país eram maiores que as certezas: Qual o alcance do golpe civil-militar de março? Quando será (se será) restabelecido o regime democrático? Diante deste contexto de incertezas, seria anacrônico apontar um alto grau de intervenção militar na cena festiva do centenário.

4.1 – SEDUZINDO OS OUVIDOS: CANTANDO A RAINHA CENTENÁRIA.

Seduzir o ouvido pela voz, como um belo canto, com palavras que adoçam o espírito e a vida. Estratégia comum ao ato da conquista amorosa, mas também, ao ato político e social. Neste contexto, atravessamos nossa análise com as vozes que musicalizaram a cidade de Campina Grande no centenário.

Vozes e sons que compunham o *Long Playing*¹¹¹ (LP) do centenário de Campina Grande. O LP comemorativo do centenário foi gravado na *Rozemblit* do Recife¹¹² (que tinha o selo Mocambo).

¹¹¹ *Long Play* ou simplesmente disco de vinil: Disco com 31 cm de diâmetro que era tocado a 33 1/3 rotações por minuto. A sua capacidade normal era de cerca de 20 minutos por lado. Foi produzido no final da década de 1940 para a reprodução musical, que usa um material plástico chamado vinil (normalmente feito de PVC), usualmente de cor preta, que registra informações de áudio, que podem ser reproduzidas através de um toca-discos. Cf. NAPOLITANO, 2010.

¹¹² A *Fábrica de Discos Rozemblit* foi uma das maiores produtoras de discos em vinil no Brasil, localizada no Recife, Pernambuco. Era a mais moderna do país, na época. Foi criada em 1954 por José Rozenblit e seus irmãos, no bairro de Afogados. Sua missão era divulgar a música regional nordestina. Foi responsável pelo lançamento do Selo Mocambo.

A estrutura da Fábrica de *Discos Rozenblit* abrigava dependências que serviam adequadamente ao processo de produção, desde a gravação até a comercialização dos discos. Possuía um estúdio que comportava uma orquestra sinfônica e um moderno parque gráfico. Este foi o abrigo, em 1964, ideal para a produção do LP por David Menêses, da *Organização Menêses de Publicidade*.

O LP possui dez faixas¹¹³, compostos por canções, dobrados instrumentais e, na primeira faixa, um texto em homenagem a cidade. A parte musical (harmonia, melodia e ritmo) foi executada pela filarmônica 15 de novembro, sob a regência do maestro Nilo Lima.

A música, em seu toque suave que penetra os ouvidos e a alma, não distingue nem exclui e desde os mais cultos e doutos até os analfabetos de recorrerem a esta expressão artística. Segundo Machado apud Moraes (2000, p.204) “toda gente sabe verso e música: são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura”. Revendo os dados educacionais do município e o alto índice de analfabetos, expostos anteriormente, talvez, este tenha sido o mecanismo de comunicação mais próximo da população. Neste contexto, a música que diverte também seria um veículo de disseminação de uma determinada concepção de cidade.

Centramos nossa análise na faixa 01, no texto em homenagem a cidade produzido por David Menêses e lido por Ariosto Sales¹¹⁴.

FAIXA 01 - RADIOGRAFIA SENTIMENTAL DE CAMPINA GRANDE.

Cidade bela, impressionante e invejada, colocada por Deus em cima de uma serra para ver as estrelas com mais fulgor, desde minúsculo aldeamento de índios plantado por Teodósio de Oliveira Ledo, em 1697, neste solo fecundo. Em 1790, elevaram-te a vila, recebendo o nome de vila Nova da Rainha, mocidade e realeza. Aos 11 de Outubro de 1864 subiste ativa a categoria de cidade, 1907 trouxe para tua expansão comercial e demográfica o trem de ferro. És com justiça a capital econômica da Paraíba, considerando-se o teu comércio ativo e o teu crescente parque industrial.

Veem-se em tuas ruas 795 estabelecimentos comerciais e 300 indústrias, observam-se em teus 15 estabelecimentos de crédito, volumosos livros de

¹¹³ As faixas dois, três e quatro são instrumentais da orquestra, assim como, as faixas seis, sete e nove. A faixa cinco é uma homenagem ao Treze Futebol Clube e as faixas oito e dez, duas produções que homenageiam a cidade.

¹¹⁴ Ariosto Sales de Melo foi diretor e, ainda na década de 60, apresentador da TV Borborema, um dos primeiros apresentadores da Paraíba.

conta corrente, ouvindo-se grilhante ruído de máquinas; 2 mil hectares de teu solo repositório de riquezas são vestidos de florestas, não sentes sede por que Boqueirão te dessedenta, não te espantam as noites por que pal' Afonso te ilumina. Tua população é mais de cem mil almas, dizer que és a maior cidade da Paraíba é dizer pouco, consideram-te sim, uma das mais importantes do nordeste.

Dominas centenas de logradouros públicos inclusive 23 mil prédios, dispões de mais de 1.700 veículos a motor, não se sabendo o número de outros procedentes de vários estados que se enfileiram em tuas ruas, pertencente a estação da rede ferroviária do nordeste, com movimento de dez trens diários, bem como o aeroporto João Suassuna, que em 1960 verificou-se um movimento de 15 mil passageiros e 250 toneladas de carga, sem falar na estação rodoviária Christiano Lauritzen, a segunda do país.

Sem diversão não vive ninguém: apresenta-se 20 associações recreativas e esportivas, ressaltando-se o Treze Futebol Clube, o centro esportivo Campinense Clube e o Paulistano Esporte Clube, tendo o primeiro estádio próprio para acomodar 7 mil pessoas, dentre as sociedades recreativas destacam-se pela antiguidade o Campinense Clube e o Aliança Clube 31, és ainda dona de seis cinemas. Dais instrução a mocidade em mais de trezentas escolas primárias, onze secundárias e quatro superiores. A tua imensa voz, através de três estações de rádio e três jornais chega a grande distância e a tv Borborema conduz pelo espaço a tua fascinante imagem.

Cantas no talento poético de Anésio Leão, Orlando Tejo e Ronaldo Cunha Lima, orientas e reivindicas na pena de Lopez de Andrade, Stenio Lopes e Epitácio Soares, revoltas e triunfas quando Raymundo Asfora, cintilante e bravo, desponta na tribuna.

Tratas dos males físicos dos teus filhos em 15 unidades hospitalares, confiando o roteiro das suas almas a plêiade de religiosos aqui radicados.

Parabéns cidade invencível!

(Texto de David Meneses/ Voz de Ariosto Sales).

O desejo de gravar em som, através de um LP, alguns dados de Campina Grande, faz parte, assim como outras produções para o centenário, de um ato solene em homenagem a cidade. O texto é lido por Ariosto Sales, sem fundo musical, privilegiando os tons graves e fortes de sua voz, para que o ouvinte centre sua atenção no discurso proferido.

O texto aborda, nas primeiras linhas, três momentos da história de Campina Grande: a fundação da aldeia por Teodósio de Oliveira Lêdo, a elevação do povoado a condição de Vila e a emancipação política, em 1864. Apresentados numa escala temporal marcada pelo evolucionismo, estes três momentos são recorrentes nas leituras feitas do passado pelo *corpus* comemorativo, sendo apontados como as raízes “primitivas” do desenvolvimento ocorrido nos anos 1930 – 1940, com a produção algodoeira e reapropriado na década de 60, em plena cena comemorativa para explicar o

“progresso” do presente e o novo caminho que deve ser trilhado pela cidade, através dos investimentos no setor industrial.

Nas entrelinhas do texto, marcado pela gramática ufanista, tem-se a comparação com a maior metrópole do Brasil, algo que foi feito em 1964 pela geógrafa Maria Francisca Thereza C. Cardoso, em estudo publicado pela Revista Brasileira de Geografia (1964, p. 415):

A semelhança de São Paulo que do planalto paulista domina no campo econômico todo o sul e parte do sudeste e centro-oeste do país, Campina Grande, embora em menores proporções, do alto do planalto da Borborema irradia sua atuação por extensa área do sertão, contrastando, assim, com a grande maioria dos centros urbanos nordestinos, que vivem apenas em função da área rural da própria comuna.

As comparações propostas pela geógrafa servem, para os organizadores do centenário, como comprovação científica daquilo que se propagam nas rádios, jornais e demais veículos de comunicação da cidade. Os planaltos paulistas e da Borborema servem de símbolo para demonstrar o grau de diferença destas cidades com as demais, pois é do alto que se governa, que se domina, no caso paulista, no campo econômico a cidade domina parte do país. Campina Grande, por este aspecto, *irradia* sua influência pelo sertão e regiões vizinhas.

Esta posição de protagonista do interior se deve a pujança comercial de Campina Grande. Durante a década de 1960 dentro do perímetro urbano campinense, o comércio representava, incontestavelmente, a maior fonte de receita da cidade, por isso, passou a centralizar uma série de serviços como hospitais, escolas, rede bancária, movimento rodoviário, entre outros estabelecimentos e instituições que acabam por vincular vários municípios a sua liderança.

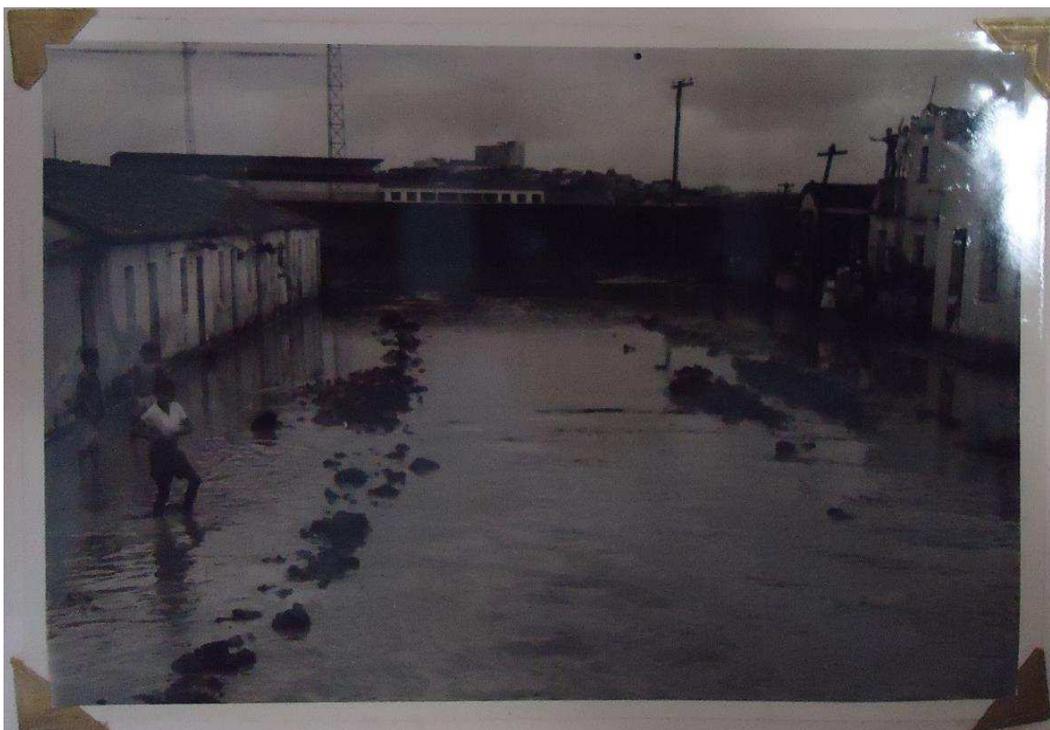
O texto da geógrafa é uma descrição das principais atividades econômicas, sociais e culturais da cidade: discursa sobre o número de prédios, de pessoas, de automóveis, das associações recreativas, dos hospitais, escolas e universidades, dos estabelecimentos bancários e comerciais, enfim, é um *raio x* geográfico da cidade. Consubienciado neste estudo, afirmava-se que com uma população com mais de cem mil almas, “dizer que és

a maior cidade da Paraíba é dizer pouco, consideram-te sim, uma das mais importantes do Nordeste”¹¹⁵.

No contraponto destes discursos, salientamos que este *boom* populacional foi acompanhado pela falta de um projeto de organização para seu perímetro urbano, no qual o crescimento dos bairros não tinha nenhum planejamento, com o crescimento desordenado dos espaços habitacionais, fato que causavam transtornos imediatos. Faz-se necessário perceber que as casas de alvenaria eram mais um luxo ao qual parte expressiva da população não dispunha, para os setores menos abastados a *taipa* era o componente mais comum dos materiais utilizados para a edificação do imóvel. Os transtornos aumentavam nos períodos chuvosos, acarretando o desmoronamento de casas e causando inundações.

IMAGEM XXV

RUA DO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO INUNDADA PELA CHUVA



Fonte: Arquivo pessoal de João Jerônimo da Costa

As chuvas de junho de 1964 levaram para as casas de alguns bairros, como o de José Pinheiro, a lama, o desespero, o sofrimento pelas perdas materiais. Aos olhos do

¹¹⁵ Compacto Disco do Centenário de Campina Grande. **Faixa 01.** Radiografia Sentimental de Campina Grande.

historiador, trazem a dicotomia entre os discursos ufanistas presente na *Radiografia Sentimental de Campina Grande* e, em parte, no trabalho da geógrafa, a realidade de uma parte da população campinense.

Na imagem vê-se a rua totalmente tomada pela água, com algumas crianças no lado esquerdo saindo de casa e, ao fundo, no lado direito, algumas pessoas se abrigam no teto de uma casa. Salientando que, o bairro de José Pinheiro poderia ser classificado como um dos bairros mais estruturados da cidade, pois, usufruía de um comércio ativo e sortido, o qual comercializava uma notável variedade de produtos, pois possuía; farmácia, padaria, um cinema, açougue etc. O habitante desta localidade não precisava ir ao Centro para comprar produtos de primeira necessidade.

Em um segundo momento do texto são apresentados os dados econômicos do município, com destaque para os estabelecimentos comerciais, industriais e bancários. Afinal, um grande polo econômico deveria, além de possuir um comércio forte, (como Campina Grande já o tinha) deveria ter um parque industrial robusto. Naquela época se compreendia que a industrialização do município seria fator preponderante para que a cidade se mantivesse na liderança econômica do interior nordestino, a “notável disponibilidade para o comércio não podia ser estendida à indústria que se encontrava ainda em seus primórdios” (Cardoso, 1964, p. 429).

O desenvolvimento econômico é acompanhado pelo advento de alguns signos do moderno, como a iluminação pública, originária de Paulo Afonso e o abastecimento d’água, proveniente do Açude Epitácio Pessoa, em Boqueirão.

Campina é grande também nos aspectos culturais, como demonstra o texto. Advindos com a pujança econômica do município foram instaladas na *Rainha da Borborema* escolas, universidades, clubes, teatros, cinemas etc. locais que simbolizam o desenvolvimento cultural da cidade.

O discurso ufanista saía pela voz de Ariosto Sales, na *Radiografia Sentimental de Campina Grande*, mas também, pelas letras de Stênio Lopes, em sua coluna *Rosa dos Ventos*, no *Diário da Borborema* (*Diário da Borborema*, 16 mar. 1963, p. 07). Segundo o colunista, suas palavras e sugestões acompanhavam o debate existente para a escolha do melhor *slogan* para a cidade.

Dentre as sugestões elencadas aparecem *Capital do Trabalho*, mas, na visão de Stênio Lopes, a proposição não agrada, apesar de constatar o “gosto do campinense pelo trabalho, mas, por que o número de empregos está muito abaixo da capacidade da população” (*Diário da Borborema*, 16 mar. 1963, p. 07); Pensa-se em apresentar Campina Grande como *a cidade que mais cresce no Nordeste*, para o autor, algo ficcioso, tomando por base os dados do últimos recenseamentos (1950 e 1960), pois Fortaleza e Aracaju tiveram um índice de desenvolvimento maior que o de Campina Grande, nem mesmo na Paraíba este fato é verídico, pois Bayeux e Patos tiveram um desenvolvimento superior; Continuando a busca, conjectura-se adotar o slogan *cidade da integração paraibana*, mas não teria uma sonoridade atraente. Talvez, fique-se mesmo com o termo *Rainha da Borborema* que atenta para o grau de realeza da cidade, mas, na visão do colunista, é imprescindível encontrar um slogan capaz de resumir a grandeza da *Campina Centenária*, a que todos querem bem.

Nas linhas finais, em tom sugestivo, o autor propõe mais um slogan, dentre tantos, que permearam as bocas e ouvidos dos campinenses no ano do centenário: *Cidade Invencível*, *Cidade Moderna*, *Cidade que Fascina e que da Inspiração*, *Campina Majestosa*, *Campina Grande por Natureza*. Estes foram alguns adjetivos usados para representar a cidade durante as festividades.

Neste ato de descrever Campina Grande, seja através do som ou das letras, destacam-se duas características nos discursos produzidos: o uso da hipérbole como figura de linguagem e a tentativa de apresentar apenas uma face da cidade.

Hipérbole é a figura de linguagem que ocorre quando há exagero intencional numa ideia expressa, mesmo que, em alguns casos, seja uma expressão irreal, mas que sirva para acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem ampliada do real¹¹⁶.

A própria entonação da voz de Ariosto Sales, na faixa um, do LP do Centenário, traz este sentimento de grandeza e poder. A hipérbole corresponde a linguagem oficial do evento, preocupando-se no ato cerimonial em fixar uma narrativa.

Em um segundo momento, expomos a escolha retórica por apontar apenas uma face da cidade. Apresentava-se, na *Radiografia Sentimental de Campina Grande*, faixa

¹¹⁶ Dicionário Informal da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/hip%C3%A9rbole/>.

um do LP do centenário, bem como nos discursos no *Diário da Borborema*, alguns retratos solenes da cidade. Para muitos, era indiscutível a vitória da *civilização* sobre a *barbárie*, eliminando-se alguns aspectos desagradáveis que estavam encravados na urbe. Certas ações e aspectos da cidade eram reprovados, eram sinônimos de barbárie, sendo um obstáculo ao desenvolvimento e reconhecimento da cidade como uma metrópole moderna, tal qual, São Paulo e o Rio de Janeiro.

Segundo a historiadora Marly Mota, ao analisar os preparativos e a festa do centenário da independência do Brasil, realizada em 1922, no Rio de Janeiro, era inadmissível o convívio entre o moderno e o arcaico, por exemplo “a quinze metros de uma grandiosa biblioteca do Supremo Tribunal de Justiça (...), pode-se ver cabras pastando na encosta do Morro do Castelo” (Mota, 1992, p. 06) neste mesmo quadro, era denunciado em Campina Grande a presença de animais nas ruas principais da cidade.

IMAGEM XXVI

ANIMAL NAS RUAS DE CAMPINA GRANDE



Fonte: *Diário da Borborema*, 30 jul. 1963, p .02.

O contraste entre os discursos progressistas e modernizantes e a imagem, estampada nas páginas do jornal é apresentado como um desafio a ser superado pela urbe centenária. Na fotografia, vê-se uma vaca *passeando* pelas ruas de Campina Grande ao lado dos casarões e das pessoas.

A fotografia expressa a denúncia de uma realidade. Neste contexto, a fotografia ganha o status de *prova de um crime*. Empreendendo uma análise cruzada da fonte imagética e escrita, percebe-se a dupla intencionalidade do autor, em ambos os casos, o tom de denúncia é latente: num primeiro plano, acusa-se a cidade¹¹⁷, neste caso, os seus líderes, pela presença destes animais nas ruas, causando perigo a população e tornando um simples passeio numa atividade *arriscada*. Além disso, esta imagem não obedecia ao padrão de beleza e de civilidade que buscava-se apresentar nas festividades do centenário.

O termo *passeio arriscado* é empregado para os habitantes da cidade, e, também, para o gado, pois, segundo o texto, os animais são “apreendidos e transportados para um depósito da prefeitura”, algo natural nas grandes cidades, mas “o que não é natural, é o fato de os animais que para ali serem transportados morrerem de fome” (*Diário da Borborema*, 30 jul. 1963, p. 04). O argumento ganha contornos dramáticos, recorrendo a humanidade das pessoas.

Outra produção musical para o centenário foram as canções presentes no *Compacto Disco Centenário de Campina Grande*. Neste período existiam dois modelos de discos compactos: o compacto simples que poderia conter cerca de 3 minutos de gravação de cada face, e uma só música de cada lado e o compacto duplo que se trata de um disco com mais de 6 minutos de gravação de cada lado, apresentando geralmente duas músicas por face.

O disco produzido para o centenário é um compacto duplo. No lado A, Marinês canta duas músicas e no lado B, Luiz Gonzaga canta duas músicas. Os arranjos do disco foram feitos pelo maestro José Menezês.

01 Campina Grande Centenária (Onildo Almeida)

02 Saudade de Campina Grande (Rosil Cavalcanti)¹¹⁸

03 Tropeiro da Borborema (Rosil Cavalcanti)

04 Queixas do Norte (José Marcolino – Pantaleão)¹¹⁹

¹¹⁷ Quando há questionamentos sobre a ausência de poder público, como por exemplo, em situações de praças abandonadas, o periódico era quem encabeçava essas reclamações, mas, pode-se dizer as críticas, dificilmente, eram dirigidas ao responsável, mas, utilizava-se de termos generalizantes que incluíam, além do poder público, a própria população por uma situação indesejável.

¹¹⁸ Através do olhar de um filho de Campina Grande, que vai ao longo da canção contando os espaços urbanos e sociais que sente saudade.

Duas realezas¹²⁰ cantam as histórias, as marcas e os signos que fabricaram para a festa da *Rainha da Borborema*. Mas, podemos perceber que ao lado do nome de Marinês, na contra capa do compacto, aparece o nome *sua gente*, que representa os integrantes da banda, que foram batizados desta forma por Chacrinha (Freire e Amaral, 2011) em seu programa nos anos 60.

IMAGEM XXVII

CAPA DO COMPACTO DISCO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/lp-do-centenario-de-campina-grande-em.html>

¹¹⁹ A canção reflete uma visão seca do Nordeste brasileiro, integrando elementos religiosos, políticos e culturais da vida do sertanejo (caboclo) que vive nesta terra.

¹²⁰ Marinês, primeira mulher a cantar forró, seria a rainha do xaxado, ganhou os seguintes versos do cordelista Manoel Monteiro: *Se já cantava seus números / Mais empolgada ficou / Era 'Peba na Pimenta' / Haja 'Pisa na Fulô' / Por devassar essas praias / Como 'Gonzaga de Saias' / A imprensa batizou.* (MONTEIRO, 2007). Luiz Gonzaga tem seu nome e suas obras imortalizadas e, ficou popularmente conhecido como o “Rei do Baião”.

A imagem, retirada do *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, é do Compacto Duplo produzido e organizado na gravadora RCA Victor¹²¹.

O uso de imagens, como a retratada na capa do compacto, é uma inovação recente, pois, as chamadas *capas temáticas*, que promovem o trabalho musical de um artista só aparecem no cenário brasileiro no final da década de 1940. Uma novidade que individualizava o álbum e procurava atrair o mercado consumidor.

A fotografia da capa foi feita por Rubens Américo, fotógrafo da Revista *O Cruzeiro*. A fotografia, captada provavelmente na feira central de Campina Grande, enfoca um dos símbolos da cidade, o comércio, representado na imagem pela banca que vende canecas e pela própria criança, popularmente conhecida por *balaeiro*, que figurava nos centros de comércio, com um balaio na cabeça, transportando as compras e produtos a serem comercializados nas feiras.

A imagem, que aos olhos dos contemporâneos, pode parecer um crime contra a juventude e, difilmente seria um atrativo para a comercialização do produto, nesta época, pode nos revelar, através dos códigos culturais deste momento histórico, símbolos e determinadas feições da cidade: o espírito trabalhista do campinense, que começa desde a juventude e/ou a face comercial e próspera da cidade, com as barracas e mercados que, assim como, os tropeiros de outrora, fazem pouso e comercializam seus produtos.

Na contracapa existem algumas indicações técnicas para o uso do produto: *toca em qualquer fonógrafo 33 1/3 RPM*. O disco possui 17 cm de diâmetro, tocado usualmente a 45 RPM (no Brasil, a 33 1/3 RPM), que significa as rotações por minuto.

¹²¹ A *RCA Victor* foi o nome adotado após a fusão de duas empresas, a saber a *Victor*, anteriormente chamada de *Victor Talking Machine Company*, fundada em 1900, cujo logotipo já trazia o famoso *Nipper* olhando para o gramofone, com o lema *His Master's Voice*, ou *A Voz do Dono* e a *Radio Corporation of America (RCA)*, fundada em 1929, uma empresa pioneira no setor de telecomunicações nos Estados Unidos.

IMAGEM XXVIII

CONTRACAPA DO COMPACTO DISCO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/lp-do-centenario-de-campina-grande-em.html>

Na contracapa aparecem as informações técnicas do disco: a ficha técnica das canções (nome da canção, intérprete, compositor e a sua duração), o fonógrafo utilizado para a reprodução, o *slogan* da gravadora “OS MELHORES ARTISTAS DO MUNDO GRAVAM EM DISCOS RCA VICTOR” e um texto que explica os instrumentos e recursos utilizados na gravação.

O compacto produzido pela *RCA Victor* é marcado pelo regionalismo, com vários aspectos que caracterizam o Nordeste e a cidade de Campina Grande. A escolha dos artistas: Marinês, mesmo sendo pernambucana de nascimento, era considerada

campinense de alma, pois mudou-se ainda criança para a cidade e, Luiz Gonzaga¹²², um ícone da nordestinidade. Os instrumentos utilizados nas canções, segundo o texto presente na contra capa, remetem-se a

um conjunto instrumental nitidamente nativo, isto é, reconstituiu uma bandinha sertaneja nordestina, uma “zabumba”, como dizem por lá, valendo-se de instrumentos de uma orquestra convencional, fazendo com que as flautas imitassem os pifanos e os violinos vivessem o papel das rabecas. Quanto aos outros instrumentos são típicos mesmo.

Esses elementos identitários, como a vestimenta, o linguajar e o ritmo explicam o desejo da gravadora com o mercado consumidor, pois, tais elementos buscavam garantir o sucesso do forró no sudeste do país, principalmente entre os migrantes. Outra meta era atingir o mercado interno, em um momento de euforia como a festa do centenário da cidade.

Uma produção mercadológica, era o que se propunha a fazer a *RCA Victor*, sendo comercializado em diversos recantos do país, não ficando restrito ao ambiente festivo dos cem anos de Campina Grande. Um produto para um público alvo: os consumidores de Campina Grande, cidade tema do disco, os consumidores do Nordeste, que gostam do baião e deste regionalismo e dos migrantes nordestinos que se encontram no sudeste.

Nossa análise focará duas músicas do compacto duplo: *Campina Grande Centenária*, interpretada por Marinês e composta por Onildo Almeida e, *Tropeiros da Borborema*, interpretada por Luiz Gonzaga, com composição de Rosil Cavalcanti.

Na interpretação e análise destes documentos musicais objetivamos dialogar com Napolitano (2010, p. 237)

articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da

¹²² Neste período, Luiz Gonzaga, era um dos artistas contratados pela gravadora, algo a mais, que explicaria sua presença neste disco. No Brasil, seu recordista em vendas de discos foi Nelson Gonçalves, que permaneceu na gravadora desde 1941 até o final de sua vida em 1998. O cantor havia vendido cerca de 78 milhões de cópias até aquele ano. A RCA Brasil já contratou vários talentos brasileiros como Luiz Gonzaga, Latino (cantor), Eliana, Trem da Alegria, Fafá de Belém, Bruno & Marrone, além da paraguaia Perla, que graças à gravadora vendeu mais de 30 milhões de discos. Dados disponíveis em http://pt.wikipedia.org/wiki/Radio_Corporation_of_America.

realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu conteúdo narrativo propriamente dito)

Propomos a realização de um mapeamento das obras musicais, pois nos falta a técnica musical, o cotejo apurado para transformar sons em palavras, mas, a partir do ofício histórico, tentaremos decifrar para além do dito, interpretando os ritmos, as entonações das vozes, enfim, todo o código interno da música para as páginas deste trabalho.

A música, mesmo tomada como fonte documental pelo historiador, não perde seu status de expressão artística, carregada de subjetividade e sensibilidade, pois, não foi produzida com a intenção de nos servir como objeto de análise histórica, mas para servir aos ouvidos e a alma, com seus sons e letra.

A música *Campina Grande Centenária*, interpretada por Marinês, com composição de Onildo Almeida¹²³, tem duração de três minutos e treze segundos, sendo a primeira faixa do compacto duplo.

FAIXA 01 – CAMPINA GRANDE CENTENÁRIA

No Nordeste brasileiro, na Paraíba do Norte, existe um lugarejo: Vila Nova da Rainha!

Logo se tornou cidade, ó Campina pequenina, foi crescendo, foi crescendo, com muita prosperidade;

Hoje é Campina Grande, um orgulho do Nordeste, onde tem cabra da peste, plantador de algodão, nos fios da tecelagem, da nossa combinação!

Seus primeiros habitantes foram os índios Ariús, vindos de Bodopitá, fazendo a povoação;

E, os índios Cariris - Teodósio de Oliveira foi quem trouxe pro lugar aumentando a habitação;

Do pequeno lugarejo veio a emancipação!

Campina foi crescendo, crescer sempre foi seu lema, e hoje é Campina Grande, “Rainha da Borborema”!

O teu progresso Campina destruiu a tradição, e eu agora vou lembrando, quando canto este baião!

¹²³ Ainda adolescente, ingressou em diversos conjuntos musicais locais, mas foi ao ingressar no rádio que alcançou sucesso. Como compositor, escreveu mais de 530 canções, muitas gravadas por nomes famosos como Gilberto Gil e Luiz Gonzaga. Ganhou vários festivais: 1º festival de música nordestina - troféu de 1º lugar, com a música *Linda espanhola*; 1984 - Aproveita Gente - Disco de ouro pela RCA. NETO, Abílio. **Bibliografia de Onildo Almeida.** Disponível em http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Onildo+Almeida<r=O&id_perso=688.

Cadê a rua do meio, rua grande Ciridó, as ruas das Boladeiras, da barrocas de fumo em pó.

Bartolomeu de Almeida foi seu primeiro vigário!

Capitão Camilo o primeiro mandatário e hoje merecem a glória do primeiro centenário!

Salve Campina nas páginas do novo calendário!

Salve Campina no ano do primeiro centenário!

(Composição de Onildo Almeida e interpretação de Marinês).

Ao som da sanfona, triângulo e zabumba e, bem ao fundo um violão ritmando a banda: Marinês interpreta a composição de Onildo Almeida, *Campina Grande Centenária*. No ritmo próprio do *baião*¹²⁴, marca do regionalismo do compacto.

De modo geral, a articulação entre os pulmões, as pregas vocais dentro da laringe e os articuladores - lábios, língua e cordas vocais da cantora Marinês - junto com os sons instrumentais produzidos por *Sua Gente*, entoaram uma melodia lenta, ritmada pelo som das flautas que com o seu sopro ao lado da sanfona, com seus acordes, protagonizam e marcam a hora de entrada e saída da interprete.

A sanfona ou acordeão com seu fole chiado, junto com o triângulo, dão ao baião um ritmo moroso, que convidam o ouvinte a bailar. Ao fundo, um toque é familiar aos ouvidos campinenses, um som que se assemelha ao coco de roda, tão comum nas festas populares da Paraíba.

A canção, entendida neste trabalho, a partir da interlocução entre elementos instrumentais, tais como ritmo, melodia, arranjo, performance do intérprete e a sua letra (Napolitano, 2010, p. 258), propõe uma representação da cidade de Campina Grande no seu centenário. Uma representação que promove, como outras produções, um olhar para os fatos da história da urbe.

Após uma rápida localização geográfica da cidade, encravada no “Nordeste brasileiro, na Paraíba do Norte”, o compositor leva-nos, através de algumas estrofes, a reverenciar determinados fatos e personagens que contribuíram, na visão do compositor

¹²⁴ O baião utiliza os seguintes instrumentos musicais: viola caipira, triângulo, flauta doce e acordeão (também chamado de sanfona). Os sons destes instrumentos são intercalados ao canto. A temática do baião é o cotidiano dos nordestinos e as dificuldades da vida, como na canção "Asa Branca" que fala do sofrimento do sertanejo em função da seca nordestina. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bai%C3%A3o_\(m%C3%BAAsica\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bai%C3%A3o_(m%C3%BAAsica)).

para transformar a face da cidade: *de pequenina à orgulho do Nordeste*, e tendo o crescimento como seu lema, tornou-se, no ano do centenário, *Rainha da Borborema!*

Para nós, ao se tratar das questões que envolviam as produções para o centenário da cidade, o mito da pujança de Campina Grande serviu como plataforma política dos grupos que compunham o governo da cidade no período em foco, justamente quando encontramos diversas citações, especialmente em jornais, músicas, poemas etc. aclamando pela hegemonia que a urbe citada *sempre* exerceu em todo o interior nordestino. Desta maneira, acreditamos ser no recorte temporal desta pesquisa, o momento em que a ideia do mito o qual apontava para a força inabalável da *Rainha da Borborema* tenha ganhado mais força e se consolidado.

Provavelmente, pelos investimentos mercadológicos da gravadora *RCA Victor*, as músicas do compacto disco embalaram os campinenses durante a festa. Neste sentido, a poética da musicalidade imprime no espetáculo da política um apelo à emoção, à sensibilidade e ao envolvimento da multidão pelos acordes da canção, que pretende perenizar uma gramática ufanista, que vai dando tom solene e épico as comemorações e aos atores protagonistas da cena festiva.

Na trilha do desenvolvimento, recorre-se a *memória-comemoração*¹²⁵, enfocando tempos longínquos quando Campina era um pequeno lugarejo que iniciou a sua ocupação com Teodósio e os índios Ariús, posteriormente, veio a emancipação, em 1864. Neste desenvolvimento, alguns traços da cidade foram destruídos como a “rua do meio, rua grande ciridó, as ruas das bolandeiras, das barrocas de fumo em pó”, enquanto outros apareceram em seu lugar. As letras, expressas no canto de Marinês poderiam soar como nostálgicas pela exclusão destes lugares da face moderna da cidade, mas, tomando o contexto de produção da música e todo o projeto discursivo e simbólico proposto no centenário, vemos como um canto ao novo, um canto de vitória do moderno sobre o antigo, de civilidade sobre a barbárie. Afinal, aos olhos de Narciso (moderno) tudo é feio o que não é espelho.

¹²⁵ Paul Ricoeur estabelece uma diferença entre rememoração (a elaboração individual do passado) e a comemoração (um trabalho de construção coletiva da memória). Na memória-comemoração esses eventos são organizados costumeiramente; é o momento de evocação pelo presente de uma memória selecionada do passado. No entanto, a escolha do que comemorar não é um ato ingênuo, pois as datas, os episódios e os personagens fazem parte de escolhas que se inscrevem nas ambições, expectativas, dúvidas e receios do presente.

Por fim, nas últimas estrofes da canção: “salve Campina nas páginas do novo calendário! Salve Campina no ano do primeiro centenário”. A frase, *novo calendário* estaria fazendo referência ao início de uma nova era, com a cidade protagonizando a política, a economia e a cultura na Paraíba e no Nordeste. Representam o fim de um ciclo, talvez a meninice da cidade, que celebrava a entrada na puberdade e continuava rumo a fase adulta (ao progresso).

A outra canção, composta por Rosil Cavalcante¹²⁶ e por Raimundo Asfora¹²⁷ é considerada o hino extraoficial da cidade: *Tropeiros da Borborema*.

Na contracapa do Compacto Disco, no espaço destinado ao compositor, a autoria da canção é creditada apenas a Rosil Cavalcanti, mas existem indícios da participação de Raimundo Asfora na produção da canção *Tropeiros da Borborema*. Segundo Silva *apud* Nóbrega (2012, p. 38), a lacuna se deve a questões burocráticas, pois, Asfora não registrou a canção:

Rosil ficava aqui para enviar a música para ser gravada por Luiz Gonzaga e comunicava a Asfora: - Asfora, mande sua procuração pra gente poder registrar a música. Asfora como tinha um jeito desprendido de ser, não se preocupou em colocar seu nome na composição oficial de Tropeiros da Borborema

Rosil Cavalcanti nunca negou esta afirmativa. No processo de composição da canção, a melodia ficou a cargo de Rosil Cavalcanti e a letra foi produzida por Raimundo Asfora. Compositores que transformaram em canção a projeção da cidade em seus primórdios, quando os Tropeiros da Borborema traziam do Sertão, Cariri, Agreste e Litoral paraibano, produtos agrícolas variados, em especial, couros e gado

¹²⁶ Rosil Cavalcanti nasceu na cidade pernambucana de Macaparana, fez seus estudos primários na cidade do Recife, serviu ao exército e, contra o desejo do pai, que desejava ver o filho como engenheiro, tornou-se jogador de futebol atuando por um time de Aracajú. Atuou por vários anos como funcionário público. Neste período, outro ofício lhe atraía, o fantástico mundo do rádio e da música nordestina. Em Campina Grande desempenhou as atividades de compositor e apresentador de programas de rádio e TV, adotando o codinome de "Zé Lagoa", atuando nas Rádios Borborema, Caturité e TV Borborema. Compôs cerca de 130 músicas, sendo algumas de memoráveis parcerias com Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. SILVA, U. M. **Representações geográficas nas composições de Rosil Cavalcanti**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

¹²⁷ Asfora, nascido em 1930 e falecido tragicamente em 1987, era cearense de Fortaleza, descendente do grupo árabe que aportou na terra de Iracema fugindo da convocação forçada pelos ingleses na primeira guerra mundial, aos 12 anos veio para Campina Grande. Cursou Direito na Faculdade do Recife, e atuou na secretaria de Serviço Social na gestão do prefeito Plínio Lemos, fato que lhe deu suporte para vencer a campanha a vereador nas eleições de 1955. Foi um advogado reconhecido na cidade. Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/raimundo-asfora-campinense-por-adocao-e.html#>.

para vender e trocar na feira. A feira de Campina Grande conquistou alcance na Paraíba e também nos estados vizinhos do Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

FAIXA 03 – TROPEIROS DA BORBOREMA

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu lema
Quero é rever os antigos tropeiros da Borborema
São tropas de burros que vêm do sertão
Trazendo seus fardos de pele e algodão
O passo moroso só a fome galopa
Pois tudo atropela os passos da tropa
O duro chicote cortando seus lombos
Os cascos feridos nas pedras aos tombos
A sede e a poeira o sol que desaba
Rolando caminho que nunca se acaba

Estala, relho marvado
Recordar hoje é meu lema
Quero é rever os antigos tropeiros da Borborema
Assim caminhavam as tropas cansadas
E os bravos tropeiros buscando pousada
Nos ranchos e aguadas dos tempos de outrora
Saindo mais cedo que a barra da aurora
Riqueza da terra que tanto se expande
E se hoje se chama de Campina Grande
Foi grande por eles que foram os primeiros
Ó tropas de burros, ó velhos tropeiros.

(Composição de Rosil Cavalcanti e Raymundo Asfora/ Interpretação de Luiz Gonzaga)

A voz dolente e melodiosa de Luiz Gonzaga vem sonorizar a poesia de Rosil Cavalcanti e Raymundo Asfora. Os dois tentaram narrar este fragmento da história de Campina Grande em versos simples e cadenciados como a passada dos muares guiados pelos tropeiros.

Cadenciados, como a batida da zabumba, que anuncia os chocalhos e o chicote que range nos lombos, anunciam a chegada da tropa, assim como, o acordeão, as flautas (que tentam imitar o som do pífano) e então, uma pausa: a voz de Luiz Gonzaga acompanha o compasso dos passos da burrama.

Ao longo da canção, os violinos choram e as flautas clamam e tocam a alma do ouvinte, seduzindo-os a acompanharem as tropas através da canção. Entre os versos, Luiz Gonzaga deixa sua marca na produção de Cavalcanti e Asfora: Gonzaga tange a tropa - *uhá, te apruma Medaia!* Neste trecho, a música acelera, assim como, a tropa, que embalada pelo intérprete (tropeiro), ganha um novo ritmo na caminhada.

Ao fim da segunda estrofe, novamente Luiz Gonzaga acrescenta novos trechos a canção: “Uhá, te apruma medaia! Que é isso medaia? Tu nunca visse luz eterna? Oia o acero da rua medaia! Uhá! Tá igual mulher dama quando vê caixeiro viajante! Te apruma medaia! Uhá! Uhá!”

O artista anuncia a chegada da tropa na cidade caracterizada pelo termo *acero da rua*, assim como, um possível descontrole de uma das mulas, que se assusta com as luzes da cidade (*luz eterna*). Em outro momento, este descontrole da mula é comparada a mulher dama, ou seja, as prostitutas, quando chegam os caixeiros, homens que vinham fazer negócio e propiciar negócio para elas.

Buscamos a gravação original da canção para podermos analisar seus suportes materiais e simbólicos de produção (Napolitano, 2010, p. 272). Como os rabiscos que o artista incorpora a canção, que não podem ser negligenciadas pelo pesquisador, mas inseridos no bojo da produção de uma época. Estes traços, acrescentam detalhes ao trabalho do historiador.

A canção foi ao longo dos anos regravaada por artistas diversos que interferiram na melodia e em alguns casos na própria letra. Mas, desde a primeira gravação, algumas mudanças na letra já podiam ser notadas. Originalmente, Asfora escreveu: *Estala, relho malvado / embora a burrama gema*¹²⁸. Existem duas versões para esta mudança na letra: esta alteração foi uma versão *gonzagueana*, que, talvez, pudesse achar mais atrativa ao público; uma segunda versão, aponta que os próprios compositores fizeram a

¹²⁸ Anos mais tarde Biliu de Campina gravaria a canção Tropeiros da Borborema usando a letra original de Raymundo Asfora e Rosil Cavalcanti. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=6aEDxA0LqJM>.

mudança antes de entregar a canção para Luiz Gonzaga. O colunista Bráulio Tavares, em comentário ao *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, afirma que, em conversa com Raymundo Asfora, o compositor teria dito que “Rosil Cavalcanti achou que o termo burrama, como coletivo de burros, era erudito demais e provocaria estranheza”¹²⁹. Então, de comum acordo, os dois trocaram o verso para *recordar hoje é meu lema* (ou *meu tema*, como alguns intérpretes cantam).

A letra da canção apresenta o cotidiano dos tropeiros em suas viagens na direção de Campina Grande. Em 1946, o historiador *Epaminondas Câmara*, que tanto se debruçou sobre a história de Campina Grande, já dizia da “vocaçãõ” que a cidade tinha em atrair tantos caminhos, tantas histórias e tantas pessoas.

(...) Com o tempo os boiadeiros e tropeiros procuraram encurtar as distâncias, aproveitando os desvios menos sinuosos e acidentados. O povoado de Campina por se achar à margem do Brejo e reunir uma abundantíssima feira de cereais, tornou-se pouso obrigatório de almocreves, cavalerianos e tangerinos que desciam do Seridó, do Curmataú e do Sertão para Goiana e Olinda

O avanço destes personagens está vinculado a “gênese” do “progresso” da cidade. Adentrando as estradas e caminhos providos de mantimentos para alguns dias de viagem, os tropeiros carregavam os caçoais, balaio e grajaus no lombo dos burros. Mas, o foco dos compositores é contar e cantar a trajetória destes homens e dos animais, apontando suas dores e dificuldades. Frases que afligem e trazem o ouvinte para a cena: “a fome, o duro chicote, os cascos feridos, a sede, a poeira, o sol que desaba e o longo caminho que nunca se acaba”. O sofrimento que atinge o corpo dos burros e a alma daquele que escuta.

No segundo momento, os compositores enfocam as dificuldades dos tropeiros: a busca por pousada, diante do cansaço de uma jornada que começa, “mais cedo que a barra da aurora”, além disso, tem que enfrentar as diversidades do clima.

Por fim, mostram que as riquezas da cidade, *que tanto se expande*, foram forjadas, inicialmente com o suor e o sofrimento de burros e tropeiros. Elementos que foram decisivos na construção de uma Campina Grande.

¹²⁹ Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/06/tropeiros-da-borborema-traducao-precisa.html#.UwAeEldXnM>.

Tropeiros da Borborema é um canto de louvor a cidade de Campina Grande. Uma sonoridade que constrói a ideia de um povo que luta para construir as riquezas da urbe, levando a ser considerada uma metrópole do Nordeste, segundo o discurso da época. Neste contexto, enxergamos na comemoração do centenário que certos personagens foram valorizados e se tornaram exemplos simbólicos da cidade.

Recordar hoje é meu lema. Com estas palavras a canção é entoada na voz de Luiz Gonzaga. A frase nos leva a pensar que esta noção aparece quase como um dever de memória¹³⁰, em 1964, no contexto do centenário. O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, porém convoca o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário (RICOEUR, 2007: 101).

Neste sentido, recordar os tropeiros em forma de canção é um dever para com os primeiros que trouxeram o desenvolvimento para Campina Grande. Consiste em uma dívida, uma dívida de memória que será comemorada nesta cena festiva.

O discurso reproduzido em forma de canção foi apropriado pelos atores políticos que conclamam um passado glorioso da cidade e tomam os tropeiros como um dos símbolos da cidade que comemora cem anos. Neste sentido, destacamos a canção como um veículo de construção de identidade, como um mecanismo que serve para inscrever dadas leituras do passado, utilizando determinados personagens para explicar as suas glórias do ontem, do hoje e do amanhã.

4. 2 – O TOQUE DO PODER: OS SÍMBOLOS PRODUZIDOS DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA RAINHA.

A comemoração é um lugar privilegiado para a construção/afirmação de sentimentos, por isso, enxergamos a festa do centenário como um espaço para grafar com tinta, pedra e tecido à cidade, produzindo símbolos e ritos. Portanto enxergamos que o espetáculo festivo tem como objetivo apresentar uma situação e despertar

¹³⁰ Este dever de memória para Paul Ricoeur (2007) traz em si um imperativo: “dizer você se lembrará” significa dizer “você não se esquecerá”. Neste sentido, Ricoeur afirma que ao mesmo tempo em que ele surge de uma necessidade da sociedade, ele se constitui numa obrigação, numa imposição.

sentimentos no público, uma vez que, segundo Bakhtin *apud* Capelato (2009, p. 70), a festa “renova a imaginação humana e pode ser vista como um “espelho mágico” que reflete a vida sonhada e imaginada”.

Algumas imagens são produzidas e reluzidas através de símbolos que descrevem e encantam um passado homogêneo e coletivo. Segundo Balandier (1982, p. 07):

O passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades; a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança

Ao analisar as formas de construção e manutenção do poder em diferentes experiências temporais e espaciais, o antropólogo Georges Balandier, leva-nos a penetrar na dinâmica da sociedade em tela para, durante todo este trabalho, interpretar as ações dos atores sociais e os significados simbólicos daí advindos, integrados a um contexto material, econômico, de relações sociais e políticas. Salientando que, o contexto não é algo dado, homogêneo e determinista, mas algo complexo, fluído e heterogêneo.

Para entendermos o processo de elaboração de versões através da construção simbólica, produtores de sínteses que unificam, apagam as diferenças e diluam as lembranças distintas, pretendemos mergulhar na produção destes emblemas durante a festa do centenário de Campina Grande.

De acordo com Pélassy (*apud* Capelato, 2009, p. 68) “nenhum sistema político é mudo”. Fundamentado nesta afirmativa buscaremos aguçar nossos sentidos a fim de ouvir, ver e, com os documentos em cima da mesa, analisar as construções simbólicas do tema em tela. Procuramos seguir estas orientações na leitura e análise das imagens simbólicas, que ao longo da cena festiva, foram reproduzidas em objetos, em pedra e em tecido. Nos referimos aos chapéus, aos combogós de cerâmica, ao monumento ao centenário e a bandeira da cidade. Símbolos que serão traduzidos em letras, palavras e frases neste trabalho.

O centenário de Campina Grande foi tema de música, de álbum de figurinhas, de torneios esportivos... Enfim, foram realizadas diversas apropriações do tema e de toda a

simbologia que o evento proporcionava. Desta forma, tanto a esfera pública quanto a privada realizaram homenagens, buscando em alguns desses tributos angariar capital político, social e econômico.

Às vésperas da cena festiva, a indústria de chapéus *Vicente Cury S.A*¹³¹, por meio de seus representantes comerciais, estavam visitando a cidade e objetivavam participar das comemorações do centenário. A indústria, em comemoração aos cem anos de existência, trouxe uma novidade para o mercado: o lançamento do *chapéu centenário*!

A empresa, aproveitando de toda a aura festiva instalada na cidade, marcava sua entrada no mercado campinense com uma “promoção imperdível aos homens elegantes da cidade” (*Diário da Borborema*, 01 ago. 1964, p. 05). A propaganda no jornal *Diário da Borborema* trazia a seguinte descrição:

O chapéu centenário traz, em seu forro, o símbolo do centenário de Campina Grande, com as datas – 1864 e ... 1964 e a inscrição “Modelo Centenário”, numa homenagem das mais expressivas ao povo da Rainha da Borborema

Elimina-se o caráter mercadológico do produto e, através das páginas do jornal, enfoca-se a homenagem à cidade e ao povo campinense. A própria noção de povo, expressa na citação é genérica e excludente, pois o produto, conforme anunciado anteriormente, era destinada a uma certa parcela do *povo* - os homens ilustres - neste caso, a citação faz referência ao *status* social e financeiro abastado dos consumidores do produto.

De acordo com o jornal, o sucesso do produto estava garantido, pois as pré-vendas estavam aquecidas: “havendo já pedidos de ... 1.500 unidades para venda” (*Diário da Borborema*, 01 ago. 1964, p. 05). Se os números proferidos no periódico acompanharem as vendas do produto, serão bem expressivos, mesmo em se tratando de um artigo comum da indumentária masculina para o período, reforçando, aos nossos olhos, o sucesso do centenário e como este símbolo era representativo na tela em foco.

A gravura desta data histórica para a cidade deveria, como alardeava os contemporâneos, ficar registrada no espírito, nas lembranças e nos diversos pontos da

¹³¹ A *Vicente Cury S.A* possuía diversas fábricas espalhadas pelo Brasil, com a matriz da empresa na cidade de Campinas, São Paulo. Em plena expansão pelo país, a fábrica montou filiais pelo Nordeste, com a firma *Soares Marques Tecidos S.A*, que pretendia explorar o mercado campinense através da loja *O Imperador*, localizada na Rua Maciel Pinheiro.

cidade. O espaço urbano deveria ser grafado no ano do centenário para que as *gerações* “posteriores saibam da grandeza da cidade e deste evento” (*Diário da Borborema*, 01 set. 1964, p. 03).

Em pedra, foram feitos os combogós comemorativos ao Centenário de Campina Grande, no ano de 1964. Os combogós foram e ainda são bastante utilizados em fachadas e como divisórias nos ambientes internos, pois, permitem uma “quebra” da incidência solar direta e ainda um melhor aproveitamento da ventilação natural. Neste caso, a funcionalidade do produto foi secundária, diante da sua durabilidade em manter grafada em várias partes da cidade a data em que Campina completou uma centúria.

IMAGEM XXIX

COMBOGÓS AO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE (1964)



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=653897761336499&set=pcb.653899574669651&type=1&theater>

Na fachada da varanda de uma casa, no bairro do Bodocongó, em Campina Grande, estava um exemplar dos vários combogós espalhados pela cidade. Falamos em vários, pois este projeto encabeçado pela prefeitura e a Comissão Executiva do Centenário (COMCENT), pretendia espalhar os combogós e o sentimento festivo para diversos recantos da cidade.

O interesse dos organizadores do evento era trazer a população para a cena comemorativa, bem como, marcar por diversos anos a sua atuação na projeção de Campina Grande durante o centenário.

A grafia presente no combogó resulta das duas temporalidades que atravessam a comemoração: o ano de 1864, como o marco emancipatório da cidade e, o ano de 1964, a cena celebrativa dos 100 anos e do sucesso obtido pela cidade neste curto período de vida do município. Completam o combogó a frase: *Campina Centenária* que demarcam em letras o significado dos números.

Um símbolo em objeto de cubo “invadiu” a memória privada das pessoas, pelo menos dos donos (as) das casas que receberam os combogós, pois estaria grafado em pedra, por muitos anos, mais que uma data, mas todo o simbolismo implícito na data.

O processo de construção simbólica durante as comemorações foi encabeçado pelas comissões do centenário, pelos governos estadual e municipal e pela elite intelectual da cidade. Foi proposto a construção de um monumento¹³² que representasse a urbe nestes 100 anos de emancipação. Este símbolo deveria sintetizar a grandeza e a originalidade de Campina Grande, apresentando com contornos de cimento e concreto a grandiosidade da *Cidade Centenária*. Diante desse desejo, surgiam alguns impasses.

Um ano antes da comemoração, em 1963, respigavam nas páginas do *Diário da Borborema*, nas atas da câmara dos vereadores e nas rodas de conversas, ideias e sugestões para o monumento do centenário. O símbolo que passaria pelo processo de monumentalização seria escolhido a partir das disputas, dos conflitos de memórias, de esquecimento e silêncio.

Três propostas apareceram com frequência nos documentos consultados: um monumento aos forasteiros, aos tropeiros ou aos vaqueiros (*Diário da Borborema*, 16 jun. 1963, p. 02). A Comissão Executiva do Centenário (COMCENT) encabeçaria o processo de escolha da temática, mas, em meio a documentação, ouve-se as críticas e sugestões de diversos setores, como a *Câmara dos Vereadores*, que de imediato, excluiu a primeira opção, pois não enxergava neste personagem as características necessárias para representar a cidade no seu centenário. Com esta escolha, privilegiava-se a figura

¹³² De acordo com Albuquerque Júnior (2012, p. 23) “a palavra monumento, do ponto de vista etimológico, remete a ideia de um artefato, de um aparato que visa provocar, através da presença, uma dada memória, uma dada herança, uma dada lembrança”.

do *estrangeiro*, do *outro*, que em tempos remotos trouxe o desenvolvimento para Campina Grande, como o trem, as fábricas de algodão, enfim, enaltecia-se o “progresso” trazido pelas mãos de um elemento externo. Estariam homenageando algumas famílias que atravessaram o Planalto da Borborema e prosperaram na cidade: os Motta, os Rique, os Almeida Barreto...

Esta possibilidade talvez não agradasse aos políticos da cidade, como o deputado federal Vital do Rêgo, inimigo político da família Rique, assim como, os bairristas que defendiam a “originalidade do povo campinense”. Fatores que, possivelmente, fizeram a proposta ruir na Câmara Municipal e nem chegar a ser votada pela COMCENT.

Outro que dava seus *pitacos* no jornal era Elpídio de Almeida¹³³, que acabara de lançar o livro *História de Campina Grande*, para muitos, era a maior autoridade para falar da história da cidade.

O monumento aos tropeiros foi insinuado como elemento que faz a ligação do nosso centro com outros centros, da fundação da vila até quase aos nossos tempos, concorrendo para a prosperidade do lugar. Refletindo sobre o assunto, com o pensamento no passado, verifica-se que a homenagem não tem razão de ser. Os tropeiros foram os realizadores do tráfego terrestre, durante mais de dois séculos, não exclusivamente em nossa província ou em nossa região, mas em todo o Brasil.

Para o escritor, apesar do papel desempenhado pelos tropeiros na prosperidade do lugar, esta homenagem a eles no monumento vá destoar da proposta empreendida para o centenário, pois, estes homens que trilhavam longas jornadas, tangendo dezenas e/ou centenas de burros, não são característicos da *Rainha da Borborema*, mas elementos da nação. A atuação dos tropeiros é sentida na história de diversas povoações do Brasil, não sendo um elemento “genuinamente” campinense.

Na tentativa de descredenciar esta proposta, o autor de *História de Campina Grande* afirma que: “enquanto dependeu ela (Campina Grande) dos tropeiros, o seu

¹³³ Elpídio de Almeida possuía certa influência nas decisões para o centenário: havia sido prefeito de Campina Grande (1947 – 1951 e 1955-1959); era membro da Comissão Cultural do Centenário e autor da obra *História de Campina Grande*, em 1962. Em seu prefácio, enfatiza o autor: “(...) impunha-se a elaboração deste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades de 1º centenário da cidade, a comemora-se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufânias sem um caderno descritivo do seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de quase três séculos? Aparece essa publicação para evitar a falha”.

desenvolvimento foi irritantemente demorado” (*Diário da Borborema*, 16 jun. 1963, p. 02). Desta forma, nem mesmo o argumento do “progresso” trazido nos lombos dos burros é válido, por isso, não há motivos para ereção de um monumento em homenagem aos tropeiros. Para Elpídio de Almeida, a época dos tropeiros seria uma espécie da “pré-história” do desenvolvimento da cidade, que ocorreu lentamente.

Outra proposta, segundo Souza (2010, p.113), a ideia mais “insólita, sem dúvida, foi a que propunha a elevação de uma estátua ao jumento (jumento) na entrada da cidade”. A explicação, ainda segundo o autor, estaria baseada na frase de Monteiro Lobato: “depois do negro, foi o burro o elemento que mais contribuiu para o nascimento da civilização brasileira”. Provavelmente, para a cidade que se orgulha e exibe suas indústrias e demais signos da modernidade, não seria conveniente exibir um jumento como símbolo deste progresso e de seu povo.

Quanto ao vaqueiro, última proposta, Elpídio de Almeida adverte para ínfima participação na cidade. Para o escritor, “a zona criatória do município, em relação às do sertão e sertões do Nordeste, não teve significação” (*Diário da Borborema*, 16 jun. 1963, p. 02). Descartadas todas as opções anteriores, o escritor sugere, como acontece em outros lugares que passam pelo mesmo processo comemorativo, que “glorifique-se o fundador do lugar com a ereção de obra imperecível” (*Ibidem*). Neste caso, dever-se-ia construir um monumento a Teodósio de Oliveira Lêdo. Tomando como referência o Rio de Janeiro, que em 10 de março de 1965, nas comemorações do IV centenário iria construir um monumento em homenagem a Anchieta, auxiliar do governador Estácio de Sá na defesa da cidade, devia-se monumentalizar o momento fundante da cidade.

A proposta é valorizar a “gênese da cidade”, ou seja, o momento mítico da fundação. Segundo Chauí (2000) a utilização deste conceito ultrapassa os limites etimológicos, de narração de acontecimentos lendários, mas também, abarca o sentido antropológico de solução imaginária para tensões; fundador por trazer um vínculo com um passado de origem do qual não há nunca desvinculação. Neste sentido, de acordo com Chauí (2000, p. 05)

Se também dizemos mito fundador é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal [...] Um mito fundador é aquele que não cessa de

encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

Este processo de construção e valorização do mito fundacional de uma cidade e/ou nação ganha um espaço privilegiado no ato comemorativo, pois em coletividade, celebra-se a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade a partir da leitura deste marco inicial.

Buscava-se homenagear os “verdadeiros” construtores de Campina Grande. O personagem, grupo ou entidade que tenha contribuído para o crescimento da *Rainha da Borborema*. Neste contexto, na visão de Elpídio de Almeida, devia-se evocar o mito fundacional através de uma estátua a Teodósio de Oliveira Lêdo.

A força do mito fundador está na repetição, desta forma, se torna perene, por sua evocação no presente. Neste trabalho, vimos em momentos diferentes da comemoração como o mito fundacional foi sendo evocado: no desfile cívico, no álbum de figurinhas e, agora, como tema para um monumento. Este ato contínuo de celebração do mito fundador expressa a tentativa de instituição de uma memória oficial.

A expressão do mito fundante pode variar em forma e linguagem, até mesmo em valores, dependendo do contexto, mas privilegia-se o fausto como manifestação. Algo mais que “um beco curto e torto”, como defendia Elpídio de Almeida (*Diário da Borborema*, 16 jun. 1963, p. 02), que leva o nome de Teodósio de Oliveira Lêdo, para o escritor, poder-se-ia esculpir a figura do sertanista em bronze, assim como foi feito com os bandeirantes paulistas Fernão Dias Pais Leme e Antônio Rapôso Tavares e, “em uma das faces do pedestal estampará em alto relevo um grupo de gentios” (Ibidem). O grupo indígena, presente na cena pretendida por Elpídio de Almeida, comporia a cena como figurantes na obra colonizadora e “civilizadora” de Teodósio de Oliveira Lêdo.

Neste período a COMCENT firmaria um acordo com o escultor pernambucano Corbiniano Lins¹³⁴, no valor de 1.150. 000, 00 cruzeiros, para a construção do

¹³⁴ José Corbiniano Lins é um escultor pernambucano nascido em Olinda em 1924. Fez parte do movimento de Arte Moderna do Recife na década de 1950, tem seus trabalhos expostos no supermercado Bompreço do bairro de Casa Amarela, Shopping Center Recife, sede do Ministério Público de Pernambuco, nas agências Centro e Santo Antônio do Banco do Brasil (Recife), bem como em monumentos localizados em Campina Grande (monumento do centenário), Maceió (sereia do Mirante) e Fortaleza (monumentos do vaqueiro e de Iracema). Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Corbiniano_Lins.

Monumento ao Centenário de Campina Grande. Sendo formado “por três figuras em concreto metalizado, cada uma com 3/5 metros de altura, que representarão o NATIVO, o COLONIZADOR e uma mulher representando Campina Grande” (*Diário da Borborema*, 12 jun. 1963, p. 03). O monumento iria ser construído na Avenida Brasília, na entrada da cidade.

A base do monumento, que seria a segunda parte do projeto, ficaria a cargo do arquiteto Tertuliano Dionísio da Silva¹³⁵. Um ano para construção e colocação das estátuas no prazo aproximado a data festiva, 11 de Outubro. Mas, o prazo acordado com o escultor era de 150 dias, cinco meses.

Neste tempo, o projeto foi modificado, com debates sobre as representações: os nativos, os tropeiros, o colonizador, os religiosos que aqui estiveram e uma mulher representando a cidade. Novas sugestões eram agregadas como a representação dos tempos áureos do algodão. Mas, neste processo, os dias iam se passando e a data da cena festiva e da entrega do monumento se aproximando.

No fim de 1963, foi encomendado ao escultor Corbiniano Lins um monumento que registrasse as raças ou povos *formadores da índole e do caráter campinense*. Mas, ao contrário do que podemos imaginar, a comissão havia decidido quais os personagens que constariam no monumento, ao escultor, coube transformar ideia em arte. Com a marca do escultor foi construído o monumento ao centenário de Campina Grande: a esquerda, o indígena, ao centro, a cidade (mulher) e a direita o colonizador. Portanto, o projeto de Elpídio de Almeida seria atendido em parte, estaria representado pelo *colonizador*.

Trazidas do Rio de Janeiro em um caminhão Chevrolet 1963, do senhor José Firmino dos Santos, as estátuas pesavam juntas 1.500 kg. Segundo o caminhoneiro, em entrevista ao jornalista Márcio Rangel do jornal *Diário da Borborema* (26 maio, 2011)¹³⁶:

¹³⁵ Tertuliano Dionísio foi arquiteto formado em Recife e autor de diversos projetos em Campina Grande, como o Monumento dos Pioneiros, o antigo Fórum Afonso Campos, a Escola Normal e o antigo Campus II da UFPB (hoje UFCG). É conhecido como o “Arquiteto do centenário”. Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/memoria-tertuliano-dionisio-da-silva.html#.UwT8rflDXnM>.

¹³⁶ Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/09/monumento-aos-pioneiros-o-translado-das.html>

Eu estava no Rio de Janeiro, aguardando a chegada de algum serviço para retornar à Paraíba. Me lembro quando o meu patrão me informou que a minha missão seria transportar três estátuas de pedra que foram adquiridas pela prefeitura para serem instaladas no Açude Velho. A recomendação e o cuidado com a carga era imensa. Para vocês terem ideia, apenas para colocar as três peças em cima do caminhão foi necessário um dia inteiro de atividades com o auxílio de um guincho

O cuidado era entendível pela importância das peças diante da longa viagem pela frente, ou ainda, pela pressa dos que aguardavam em Campina Grande para terem em seu solo o símbolo maior do centenário. Após uma viagem demorada de dez dias, até mesmo para os padrões da época, as estátuas chegaram na cidade. Mas, não puderam ficar no Açude Velho porque o pedestal não estava pronto, por isso, foram levadas ao 2º Batalhão de Polícia.

Às vésperas do centenário, no mês de setembro de 1964, as estátuas não figuravam no açude. O atraso, de acordo com o *Diário da Borborema* (22 set. 1964, p. 02), devia-se as obras inconclusas de saneamento e limpeza do Açude Velho, bem como, a paralisação da construção da estrutura que deveria receber as estátuas. Segundo a fonte, tinha-se que acelerar a obra, pois o maior símbolo das comemorações centenárias era essencial para o brilhantismo do evento.

Um símbolo indispensável, que “de forma alguma, poderá estar ausente no mês do centenário” (Ibidem). Indispensável para o povo? Para as celebrações e/ou para o projeto empreendido em torno deste símbolo? O tom do jornal busca universalizar a importância das estátuas como símbolo da cidade, do seu povo durante os cem anos de existência da urbe. Simbolizava a concretização de um projeto comemorativo encabeçado, em diferentes momentos, pelos governos estadual e municipal que guiaram e promoveram o centenário. Enfim, a falta do símbolo nas margens do Açude Velho, poderia simbolizar o fracasso destes órgãos, dos gestores da COMCENT e do Grupo de Trabalho do município neste projeto.

As estátuas faltaram ao encontro do dia 11 de Outubro. A empresa *Sotenge* não entregou as obras do Açude velho, por isso, a inauguração das estátuas foi adiada para o dia 15 de Novembro, dia comemorativo em alusão a Proclamação da República. Mas as duas datas passaram e as estátuas ficaram jogadas no pátio do quartel do 2º Batalhão de Polícia, até o ano de 1965, quando foram finalmente instaladas junto ao Açude Velho.

IMAGEM XXX
MONUMENTO AO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE



Fonte: <http://paraibanos.tumblr.com/post/24926337157/monumento-aos-pioneiros-campina-grande-paraiba>.

A opção em colocá-lo às margens do Açude Velho justifica-se como uma referência a importância que o açude deu a sobrevivência da cidade. O monumento foi estrategicamente colocado com a sua frente em direção ao nascer do sol, apontando, talvez, para o “progresso” e para a esperança de um futuro promissor.

De acordo com as fontes consultados, como apontamos anteriormente, as três estátuas representam o indígena, uma mulher representando a cidade de Campina Grande e o colonizador. Mas diversas leituras, talvez, apregoadas pela aparência física e pelos detalhes que caracterizam as estátuas, deram um novo significado as duas últimas: a catadora de algodão e o tropeiro.

A representação¹³⁷ do indígena estaria fazendo referência aos grupos Ariús trazidos pelo sertanista Teodósio de Oliveira Lêdo. Salientando que a historiografia

¹³⁷ De acordo com Roger Chartier (1990, P.17), as “representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. Tal abordagem acentua a manipulação, produção e reprodução de uma

produzida até este período, enfoca a origem do lugarejo a partir da ocupação expansionista do colonizador. A representação do indígena se liga a concepção de que o início da cidade era resultante do projeto inicial de “civilização” construído a partir do aldeamento dos indígenas.

O colonizador ou tropeiro? O jornal *Diário da Borborema* afirma em suas páginas que a estátua representa o colonizador.

As roupas simples, com chapéu e uma bota, marcada sensivelmente nos pés da estátua, com um saco segurado na mão esquerda, preso ao corpo. Esta descrição é diferente das representações dos colonizadores e sertanistas feitas em outras regiões do país. A exemplo da obra *Domingos Jorge Velho e o loco-tenente Antônio Fernandes de Abreu*, pintada por Benedito Calixto, que utilizou a posição formal do protagonista uma pose característica dos reis franceses da dinastia Bourbon. Nestas representações os sertanistas estão acompanhados de armas (espingarda ou mosquetão e uma faca ou espada), sempre em uma pose nobre, bem diferente da imagem em tela. Fato que influência para as leituras que afirmam ver um tropeiro na estátua e não um colonizador.

Esta solução pictórica adotada por Benedito Calixto ligava-se à necessidade de conferir ao retratado a maior dignidade possível, de maneira a evidenciar seu caráter altivo, atributo daquele que passava ser compreendido como um dos heróis da saga histórica simultaneamente paulista e brasileira. O colonizador representa a coragem e o desejo de conquista (de novas terras, de ouro e de indígenas). Sentimentos contemplados como nobres e que eram alicerçados pelo discurso oficial.

Acentuamos que analisar os símbolos é como caminhar por uma estrada com várias trilhas que apontam para direções distintas, dispares. Por isso, pretendemos seguir os indícios, os rastros, numa operação detetivesca na qual é preciso juntar as pistas e organizar o conhecimento histórico conjectural, indireto, indiciário, (Ginzburg, 1989) trabalhar operando entre provas e possibilidades, buscando entender os símbolos e seus significados a partir da leitura que o contexto histórico possibilita que o presente faça do passado.

determinada realidade, a partir das subjetividades, as quais compõem o universo simbólico, na qual as percepções do social devem estar pautadas no jogo de interesses de um determinado grupo, seja na legitimação e/ou manutenção da ordem vigente.

Uma mulher como representação da cidade. Em outros contextos históricos e espaciais, a mulher simboliza a nação, como a efígie ou imagem da República que é a personificação da República e do próprio Estado no qual esse regime vigora. Geralmente a imagem da República é representada, iconograficamente, por uma mulher, ostentando um barrete frígio, tendo como inspiração a imagem da Liberdade na obra *A Liberdade guiando o Povo*, pintada em 1830 por Eugène Delacroix. A imagem é de *Marianne*, uma figura alegórica (uma mulher) que representa a República Francesa, sendo, portanto uma personificação nacional.

No Brasil, a obra *Alegoria da República*, pintada por Manoel Lopes Rodrigues em 1896, foi representada sentada num trono, a roupa branca significando a paz da qual ela é portadora; mas o braço direito está apoiado numa espada, sinal evidente de que pode usar a força caso necessário, ao mesmo tempo em que evoca as lutas à sua implantação. O barrete frígio laureado com ramos de café representam seu vínculo com a matriz francesa e a nacionalidade. Aos seus pés as palmas, símbolo da vitória e da consagração e como fundo, uma parede estampada com as insígnias da República e a data da Proclamação.

No caso campinense, ornamenta-se a mulher, que simbolizaria a cidade, como uma catadora de algodão. A catadora traça um vestido longo, acompanhado por um *bisaco* que serve para colocar os flocos de algodão que estão em suas mãos. Simbolicamente, a catadora de algodão representa o apogeu do “ouro branco” e o desenvolvimento industrial gerado pelo ciclo algodoeiro.

Além de se expressarem por diversos mecanismos: jornais, revistas, monumentos etc, os símbolos que fascinam os olhos, produzem ângulos privilegiados e/ou obrigatórios de observação. No caso do monumento ao centenário, o espectador que se posiciona em frente as estátuas tem a sensação de que elas estão unidas: as estátuas que se encontram ao lado esquerdo e direito, esticam o braço e tocam no ombro da mulher que representa a cidade, numa cena de conagração, de harmonia de todos os membros na construção da urbe.

O projeto comemoracionista de valorização de um certo passado de Campina Grande, assim como, do “progresso” externado nos discursos, respaldaria a composição de dois tipos de memória, como assinala Le Goff (1992): a comemoração, na qual esta assume a forma de inscrição e o documento escrito. As inscrições comemorativas

fizeram parte do cotidiano dos povos da antiguidade: na Mesopotâmia, com as estelas e os obeliscos; no Egito, com as estelas funerárias, reais, jurídicas e sacerdotais.

Entretanto, foram os gregos e romanos que mais se destacaram na construção de inscrições comemorativas. Ainda conforme Le Goff (1992, p.432):

Nos templos, cemitérios, praças e avenidas das cidades, ao longo das estradas até “o mais profundo da montanha, na grande solidão”, as inscrições acumulavam-se e obrigavam o mundo greco-romano a um esforço extraordinário de comemoração e de perpetuação da lembrança. A pedra e o mármore serviam, na maioria das vezes, de suporte a uma sobrecarga de memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.

Enquanto parte constituinte da memória-comemoração, o monumento dirige-se à visão e busca, através do estímulo visual, fazer com que algo ou alguém seja lembrado. Através do *Monumento ao Centenário de Campina Grande* pretende-se perpetuar a lembrança dos personagens representados, bem como, a suas representações sociais. O que se perpetua são os símbolos, apropriados pelo presente, neste contexto, para glorificar o “progresso”, o “crescimento” e os cem anos da cidade. Como documento, os monumentos servem aos historiadores como fontes para demolir versões cristalizadas, petrificadas e naturalizadas do passado.

As estátuas e seus significados, são *lugares de memória*, pois “nasceram e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” (Pierre Nora, 1984, p. 13). Os *lugares de memórias*, longe de serem meras solenidades imparciais, são em verdade, signos marcados numa linha de tempo heroica a desembocar na reelaboração do passado, no presente e na projeção do futuro.

Outra característica dos projetos memorialísticos, liderados pelas elites, seria a tentativa de enfatizar os momentos felizes e/ou revolucionários, que enfocam a celebração de um projeto bem-sucedido, como os cem anos da cidade de Campina Grande ou, no caso da revolução francesa, erguem-se monumentos para celebrar e legitimar o projeto político recém-instalado.

O *Monumento ao Centenário de Campina Grande* tornou-se o símbolo maior das comemorações e da cidade¹³⁸. As estátuas e sua simbologia foram adotados pela Câmara Municipal de Vereadores como frontispício da bandeira municipal, bem como, na confecção de medalhas de honra ao mérito, entregues as figuras de destaque na cidade, por escolha dos próprios vereadores.

Partindo dessas considerações, saímos a busca da referida bandeira. Nos porões da Câmara Municipal, guardada em uma caixa, escondida entre as pilhas de documentos, estava a bandeira municipal¹³⁹. Neste contexto, buscaremos entender o processo de elaboração de uma bandeira para representar Campina Grande, bem como os embates políticos, a polissemia das imagens e o poder simbólico exercido naquele contexto histórico.

Os símbolos nacionais, estaduais e municipais exercem um poder simbólico¹⁴⁰ diante da sociedade. De uso obrigatório, são encontrados, cotidianamente, em cerimônias diversas, na frente e no interior das repartições públicas, nos veículos oficiais, nas fardas de estudantes e policiais etc. sempre cultuados numa relação quase sagrada.

O projeto de construção da bandeira é um mecanismo de poder. A bandeira foi tinturada e grafada nos lugares do aparelho de Estado. Em 1964, o Grupo de Trabalho da prefeitura “convidou” a Câmara Municipal para elaborar um projeto de construção da bandeira municipal a ser usada nas comemorações do centenário. Desse modo, em menos de quinze dias a Câmara Municipal aprovou o projeto 260/64 do vereador João Nogueira de Arruda, que cria a bandeira municipal de Campina Grande.

¹³⁸ Conforme Projeto de Lei nº 087/06, de autoria do presidente do Legislativo campinense, vereador Romero Rodrigues, o monumento foi considerado cartão-postal de Campina Grande. O Projeto Cartões Postais objetivou escolher o ícone, o símbolo, que representa Campina Grande e todo seu potencial, a sua história, a cultura, as tradições, e as características únicas de desenvolvimento ao longo dos mais de dois séculos de fundação. O monumento “Os Pioneiros” foi o mais votado pelos internautas, atingindo 39% dos votos entre os demais participantes. Além do “Os Pioneiros” participaram da pesquisa: Teatro Municipal, 0,39%; Museu Histórico, 29,95%; Marco Zero, 1,43%; Prédio da Antiga Câmara Municipal 1,17%; Catedral, 6,77; Parque do Povo, 4,82; Feira Central, 1,69%; e Açude Velho, 12,11%.

¹³⁹ A Bandeira da cidade de Campina Grande que se encontra na Câmara Municipal de Vereadores foi uma doação da Sra. Maria Terezinha Leite, do Instituto Domingos Sávio.

¹⁴⁰ Pierre Bourdieu (1989, p. 07-08) conceitua o poder simbólico como O poder simbólico consiste, então, “...[n]esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” Percebe-se, nesse ponto, a presença na necessidade de legitimação do poder pelo outro para que seu exercício surta efeito.

Nas linhas que justificava o projeto, o vereador João Nogueira de Arruda afirmava que Campina Grande não tinha uma bandeira e, indagava, por que isto ocorre em uma “comunidade que tem tanto do que se ufanar do que a comunidade campinense, colocada por Deus no cimo da serra para estar mais perto do céu, como diria o poeta?” (Projeto de Lei, 260/64) Assim como outras propostas para o centenário, o ufanismo e o desejo de representar as *grandezas da cidade* são o combustível para a elaboração da bandeira municipal. Outros sentimentos permeavam a construção da bandeira: o civismo da juventude, o poder de representação de um povo através da “imagem sagrada, que reflete nas suas cores o esplendor e os feitos gloriosos de nossos antepassados” (Projeto de Lei, 260/64).

Os sentimentos, fenômenos obscuros do campo histórico, são manipulados de forma intensa, através de recursos simbólicos e discursivos. Mas, como salienta Capelato (2009, p. 75), os *móveis da paixão*¹⁴¹ variam conforme o momento histórico: honra, riqueza, igualdade, liberdade, pátria, nação etc. no caso de experiências totalitárias alguns móveis são comuns, como o amor ao chefe, a pátria/nação, e outros são específicos, como o antissemitismo. No contexto campinense, o culto ufanista pelas glórias do passado, *dever de memória*, pelo “progresso” do presente e pela projeção desenvolvimentista do futuro.

Para João Nogueira de Arruda a bandeira teria o seguinte formato:

Art. 1º - Fica criada a Bandeira de Campina Grande.

Parágrafo único: O pavilhão obedecerá as seguintes normas: cores branca e verde em triângulos superpostos, sendo o corte longitudinal de cima para baixo; ao centro, em traço preto, será reproduzido o contorno do monumento do centenário

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Campina Grande, 12 de setembro de 1964.

Do projeto de lei apresentado por João Nogueira ao aprovado pela Câmara Municipal notamos apenas uma modificação, o símbolo ao centro, no caso, a figura do *Monumento ao Centenário*. Isto implica em consenso? Talvez, pois o prazo para a apreciação de outros projetos e sugestões era curto, tendo em vista que o projeto foi

¹⁴¹ Segundo Capelato (2009) este conceito está imbricado as construções socioafetivas imprimidas em determinado contexto histórico. Decorre da exploração das emoções, do aquecimento das sensibilidades de um povo através de temas e sentimentos.

aprovado em setembro e a data magna de celebração era início do mês de outubro. A bandeira, feita nos salões do legislativo municipal, visava representar o “povo campinense”, suas lutas e esperanças.

IMAGEM XXXI

BANDEIRA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (1964)



Fonte: Câmara Municipal de Vereadores Casa de Félix Araújo.

A bandeira retratada, possivelmente, foi produzida manualmente pois, no verso existem resquícios de linha utilizada na costura, bem como no símbolo ao centro, costurado sobre o pano, todo em seda. Ao lado, tem-se uma emenda na cor verde, que serviria para o encaixe em algum mastro e/ou cordão, geralmente utilizados em cerimônias cívicas.

A bandeira possui aproximadamente um metro de comprimento, com setenta centímetros de largura. Segundo o projeto de lei 260/64 “nas suas cores teremos refletidas as grandezas da cidade. O vêrde da sua esperança refletida nos campos que a circundam. O branco, representando o algodão, produto de sua pujança econômica”.

O verde faz referência as matas e campos que circundam a cidade, numa analogia ao verde presente na bandeira nacional, representando as florestas nacionais. Mas, representam simbolicamente a esperança do povo. O branco, diferentemente da representação da paz no pavilhão nacional, faz alusão ao algodão, responsável pelo desenvolvimento da cidade no final do século XIX e início do século XX. Ao centro, temos a marca temporal de sua produção, o símbolo do centenário de Campina Grande, no qual estão representados: o nativo, a mulher que representa a cidade (catadora de algodão) e o colonizador.

As cores representam as riquezas naturais e econômicas da cidade. Na bandeira reflete-se o acentuado crescimento durante o apogeu do *ouro branco*, representação, que esta umbilicalmente ligada a elite econômica da cidade, aos industriais e comerciantes que construíram suas fortunas com o comércio do algodão e com a exploração do trabalhador. Estava-se forjando uma *memória manipulada*.

Quando tratamos da *memória manipulada*, está-se no campo das relações de poder. Poder, na medida em que, por meio das relações de força, versões da memória e esquecimento são construídas e forjadas. De acordo com Paul Ricoeur, a especificidade dessa abordagem *situa-se no cruzamento entre a problemática da memória e da identidade tanto coletiva como pessoal* (Ricoeur, 2008: 94). O problema aqui reside na consideração de que a mobilização de memórias está a serviço da produção identitária.

As manipulações da memória servem-se da história formal, conduzindo uma seleção e exclusão de memórias, construídas por determinados grupos, que as universalizam, tornando-as *oficiais*. Ricoeur aponta para a importância da história, e que, ela seja, de fato, problematizadora, preocupando-se com a veiculação de narrativas mais amplas, atentando criticamente as dimensões manipulativas.

Outra indagação nos pareceu oportuna durante a pesquisa e análise das fontes: a bandeira foi realmente instituída? Pensamos nisto, pelo fato de várias idealizações aprovadas no legislativo municipal não chegaram a se concretizar: como a construção de estátuas e algumas premiações. Em busca de tal registro nos deparamos com uma gravação do documentário *que cidade é essa*¹⁴² encomendado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e produzido pelo cineasta paulista (especializado em cinejornais)

¹⁴² Disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=w_YI6WNs80s.

Primo Carbonari. Esta promoção fazia parte das comemorações do 110º aniversário de Campina Grande, na gestão do prefeito Evaldo Cruz.

Dentre as atrações programadas para o evento está a instauração de uma nova bandeira para a cidade, que seria hasteada na Praça da Bandeira. Aos cinco minutos do documentário, o prefeito Evaldo Cruz retira a antiga bandeira, justamente a produzida no centenário, transferindo-a para as mãos de José Lopes de Andrade, do Instituto Histórico e Geográfico e, hasteia o novo pavilhão municipal. A bandeira, em tamanho maior, está mudada, o símbolo ao centro ganhou um novo contorno, semelhante as estátuas presentes no Açude Velho, bem diferente da figura apresentada anteriormente.

A bandeira além de representar a elite política e econômica que a produziu, busca simbolizar o “progresso” da cidade devido ao ciclo do algodão e o sucesso de uma cidade que é descrita, cantada e representada das mais diversas formas durante o centenário. Desta maneira, o centenário foi um espaço para construção e celebração do sucesso de suas lideranças, celebrados como o sucesso da própria cidade, da *Rainha da Borborema*.

4.3 – “ECOS DA MARSELHESA”: O RITUAL DE PLANTIO DA ÁRVORE DA CONFRATERNIZAÇÃO NO CENTENÁRIO DA RAINHA.

A festa é um signo presente na sociedade, sendo um tempo celebrado ao longo da história. Um tempo de utopias, de fantasias e de liberdades, produzindo em seu território sentimentos variados, desde frustrações, revanches e reivindicações. Mas o tempo da festa, segundo Del Priore (2000), é fáustico e eclipsa o calendário da rotina e do trabalho dos homens: ora ela é suporte para a criatividade, ora afirma a tentativa de perenidade dos homens no poder.

A festa é um signo e faz parte de um ritual presente na sociedade. Festeja-se o ritual de passagem para a vida adulta, o tempo do *carne vale*, a colheita, as vitórias nas batalhas, as conquistas individuais e coletivas, enfim, produziram-se ao longo do tempo uma vasta tipologia festiva, assim como, ritualística. Festa e ritual são duas faces indissociáveis do espetáculo social e político.

Rito e símbolo permeiam o universo festivo e fazem parte dele. Embora elaborado pela razão, seu conteúdo é comunicado na medida em que ele consegue dizer algo segundo uma lógica simbólica que busca a eficiência. Os ritos são densos em símbolos, que são as vias privilegiadas da comunicação ritual. Eles comunicam por uma lógica diferenciada da lógica da razão discursiva.

A cena festiva campinense foi permeada de símbolos e ritos que, junto com o território lúdico, compõem o espetáculo teatral do centenário. No conjunto da peça, alguns atos se destacaram por seu caráter iminente ritualístico e simbólico, como é o caso do *Festa de Confraternização dos Prefeitos Paraibanos* (*Diário da Borborema*, 10 set. 1964, p. 02).

Os prefeitos paraibanos foram convidados a participar, em estado de comunhão, do plantio simbólico da *Árvore da Fraternidade*, na Praça Félix Araújo, em Campina Grande. Este evento inauguraria a programação festiva do centenário da cidade.

QUADRO XI

PROGRAMAÇÃO DA FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS PREFEITOS PARAIBANOS

HORÁRIO E LOCAL	ATIVIDADE
08:00hs – Salão de recepção da prefeitura	Acolhida aos prefeitos paraibanos
09:00hs – Praça Félix Araújo	Plantio da <i>Árvore da Fraternidade</i>
12:00 hs – Clube dos Caçadores	Coquetel e almoço, seguido de um desfile de maiôs
15: hs30min – Clube do Trabalhador	Visita as obras do Clube do Trabalhador

Fonte: *Diário da Borborema*, 08 out. 1964, p. 02.

A programação foi anunciada por diversos veículos de comunicação, que convocavam a população a participar do evento, em sua parte pública, ou seja, o plantio da árvore. A parte social, no clube dos caçadores, era restrita aos convidados do prefeito municipal.

No dia reservado ao evento, trinta e cinco prefeitos estavam presentes representando os seus respectivos municípios. Cada um deles deveria trazer um punhado de terra do seu município para ser depositado na Praça Félix Araújo, na ocasião do plantio da Árvore da Fraternidade.

Ritual totalmente baseado na Revolução Francesa em que se habituou a plantar árvores da liberdade sempre que festejava algum acontecimento marcante. Na tradição da Grande Revolução: as árvores são plantadas no início da primavera. Símbolo da liberdade francesa, elas são plantadas após um rigoroso inverno para representar a renovação da vida e a esperança de dias melhores. O poder de simbolizar um povo ou até mesmo uma nação é explícita na cultura astoriana e basca, nas quais o carvalho é considerado a árvore símbolo.

Os *Ecos da Marselhesa* são ouvidos e reinventados no solo campinense. No lugar do carvalho, uma pequena muda de *Oitizeiro* foi plantada pelas mãos do prefeito de São José dos Cordeiros, Sr. Nestor de Andrade Lima, havendo cada alcaide paraibano depositado na cova um punhado de terra trazido de suas cidades. “Um pouco de terra de toda a Paraíba para dar vida a uma árvore plantada por inúmeras mãos que se davam amigavelmente” (*Diário da Borborema*, 10 out. 1964, p. 05).

IMAGEM XXXII

PLANTIO DA ÁRVORE DA CONFRATERNIZAÇÃO



Fonte: *Diário da Borborema*, 10 out. 1964, p. 05.

Compreendemos este rito como um ato carregado de sentido que se elabora por uma lógica própria, a lógica ritual. Ele é portador de proposituras suficientemente convincentes na elaboração e manutenção de determinada realidade social num dado ambiente cultural.

O ato de plantar uma árvore está ligado ao ciclo natural da vida: nascer, viver e morrer. Neste caso, pode-se conjecturar que estava iniciando um novo ciclo da história de Campina Grande e, as celebrações do centenário representariam o fim de um ciclo de sucesso e desenvolvimento. Um novo ciclo de sucesso, sob a direção destes atores políticos em cena, no caso campinense, o prefeito Williams Arruda.

Apesar da precariedade da fonte imagética, vemos os sacos de terra nas mãos dos prefeitos sendo depositados no local onde foi plantada a muda de oitizeiro. O Prefeito Williams Arruda, que havia assumido a Prefeitura apenas uma semana antes, depois de uma série de reviravoltas políticas causadas pelo golpe militar de 1964, como vimos no segundo capítulo, jogou sua pá de terra sobre aquele que seria mais um símbolo de Campina Grande por mais cem ou duzentos anos¹⁴³, e selou assim a sua entrada para a História da cidade como o *Prefeito do Centenário*.

Após o plantio da árvore, talvez para se resguardar do populacho, o Prefeito levou seus convidados para almoçar no Clube dos Caçadores. Ao som dos toques do vidro, que embalavam os brindes ao presidente da república, os prefeitos aproveitavam o coquetel, bem como, o desfile de maiôs, ou melhor, as cocotes que exibiam os maiôs e os seus corpos.

A ideia de fraternidade presente no ato simbólico do plantio da árvore junto com os ideais de Liberdade e Igualdade formam o tripé que caracterizou grande parte do pensamento revolucionário francês. Apropriado para o contexto campinense, o lema revela o desejo de união e harmonia nos tempos vindouros, instalados com o golpe militar.

Outra conjectura a ser analisada é a vinda dos prefeitos à cidade. Um sinal de reverência destes prefeitos e de suas respectivas cidades a grandeza e ao progresso de Campina Grande. Pode-se ler que os prefeitos ao depositarem um punhado de terra no

¹⁴³ A árvore se encontra atualmente na Praça Félix Araújo, no Bairro do Monte Santo.

plantio do oitizeiro estariam contribuindo, em comunhão, para o crescimento da planta, que pode chegar a quinze metros de alturas, e simbolicamente para o da própria urbe.

O rito é, sobretudo relação, uma vez que trata-se de um ato exclusivamente humano. Relação dos sujeitos com uma realidade social que se constrói ou que se busca garantir a sua manutenção. Não é possível pensá-lo sem as mediações do societário e do cultural. Nele produzimos sentidos para a história. Ele situa os sujeitos numa realidade que os ultrapassa, ao mesmo tempo em que os situa num universo de referência maior. Rito é essencialmente valor e emoção. Produção de valor e emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que estamos concluindo dedica-se a discussão sobre as tramas políticas desdobradas em Campina Grande, no contexto dos anos 60, sobretudo na primeira metade. Nesse recorte temporal, desenrolaram-se os preparativos e as comemorações para o centenário de Campina Grande. Um cenário propício, no qual se afirmou uma gramática verbal e simbólica, memórias e esquecimentos, em que o passado e o futuro se coadunaram na mesma cena: o espetáculo à *Rainha da Borborema*.

A festa do centenário foi permeada por discursos ufanistas e hiperbólicos sobre a cidade: “Rainha da Borborema”, “Capital Regional do Nordeste”, “Capital Econômica da Paraíba”, “Capital do Trabalho”, “Capital do Interior do Nordeste”, “Cidade da Integração”.

As tramas políticas interferiram no projeto comemoracionista, pois foi formulado pelos atores que estavam no poder. Neste sentido, os grupos políticos da cidade, marcadamente a ala Argemirista, liderada por Newton Rique, Elpídio de Almeida, Noaldo Dantas, João Jerônimo e a ala Gondinista, encabeçada por Vital do Rêgo e Severino Cabral, se digladiaram na arena política, buscando obter o capital simbólico produzido pela festa do centenário.

Neste processo, em diversos momentos, o grupo responsável pela elaboração da festa sofria com as críticas e acusações dos opositoristas, utilizando o discurso ufanista sobre a cidade para apontar as falhas e lacunas que resultaria no fracasso das comemorações.

O jornal *Diário da Borborema*, por ser um periódico que tem sua origem e circulação na cidade, era o principal veículo utilizado para deflagrar as insinuações, críticas e acusações, neste caso, os intelectuais que escreviam para o jornal, ganharam importância política na construção e/ou desconstrução dos projetos de um dos grupos políticos.

A briga entre os grupos políticos era pelo controle deste recurso discursivo, mas também simbólico, para impor uma narrativa cruzada com as comemorações do centenário. Neste sentido, o grupo que estivesse com o controle das celebrações do centenário, estaria simbolicamente, no controle da própria cidade.

O drama, caracterizado por acontecimentos complicados, difíceis ou tumultuosos, assim como por acontecimentos que causam danos e sofrimentos, foi desenrolado nas coxias do espetáculo, ou melhor, no interior dos quartéis do exército brasileiro. A cassação do prefeito eleito, Newton Rique, seis meses após tomar posse e a pouco mais de seis meses da festa do centenário, garantindo um enredo tenso, com a entrada e saída de cena de diversos atores, que em diferentes momentos assumiram o papel de protagonistas desta cena.

A festa foi um projeto de celebração dos cem anos de Campina Grande, projeto esse que procurava representar os cem anos de “progresso”, “desenvolvimento” e “crescimento” *da aldeia que se fez metrópole* (Diário da Borborema, 11 Out. 1964, p. 01).

Faz-se ainda interessante sublinhar como no presente, os atores políticos procuravam demonstrar que a cidade caminhava rumo ao “progresso”, fez um recuo ao passado para explicar suas glórias, bem como, para promover um dever de memória aos personagens heroicos e fatos marcantes da *Rainha* que completa 100 anos.

Dentre as figuras míticas do “passado glorioso” de Campina Grande, reserva-se um lugar privilegiado para Teodósio de Oliveira Lêdo, o sertanista responsável por aldear os índios Ariús nas paragens que hoje é Campina Grande, que “nos primórdios, (Campina) era uma criança que choramingava ao relento das florestas, até que apareceu o Teodósio de Oliveira Lêdo para mimá-la e abraça-la nos braços bravos e conquistadores” (*Diário da Borborema*, 13 out. 1964, p.07).

Esta elaboração histórica e comemorativa faz parte do mito fundacional da cidade. Este momento é apresentado em diversas promoções para o centenário, como no *Álbum das Figurinhas de Campina Grande*, no desfile cívico, nas músicas, enfim, um fato que é comemorado como a gênese da cidade de Campina Grande e o marco inicial do crescimento.

Na *comemoração* promovida no centenário, vários outros eventos são apontados como símbolos do “progresso” e do crescimento da cidade: a elevação da povoação à condição de vila e, posteriormente, de vila à cidade; a chegada do trem, os signos da modernidade que são inseridos na urbe, enfim, propõe-se uma apropriação de um passado heroicizado como o do mito fundacional de Campina Grande.

Os portadores destes discursos pretendiam se apresentar como herdeiros deste passado mítico, destes fatos e heróis do passado, para promover o discurso do “progresso”, do “crescimento”, que nos anos 60, se apresentava a partir dos investimentos na industrialização.

Imaginava-se que a solidificação de Campina Grande como maior centro econômico do interior nordestino, deveria estar vinculada à questão da industrialização, apresentada como a grande mola propulsora do desenvolvimento, e na ótica dos setores progressistas, a cidade crescendo galgada na expansão industrial, todos os demais setores econômicos seriam contagiados.

Diferentes momentos da história de Campina Grande, bem como, certos personagens, são lembrados e/ou esquecidos nas produções comemorativas do centenário. Abusos de memória que inundam as comemorações forjando lembranças e esquecimentos, que pretendendo torna-se uma memória ensinada, aprendida e celebrada.

Embora aponte para um passado e para uma realidade que seria seu referente, a comemoração, neste caso, o centenário de Campina Grande, cria no presente esse passado, assim como, projeta um futuro idealizado, que também pode ser vivido na festa. Em Campina Grande projetava-se um “passado glorioso”, que é vivido no presente e almejava-se construir um futuro esplendoroso.

Assim, em um primeiro momento, trata-se de explicar o sucesso da cidade, pela natureza do campinense: forte, corajoso, empreendedor, desbravador dos interiores, e posteriormente, projeta-se uma construção identitária, através de um sobrevoo ao passado e, seleciona no presente os símbolos para cantar, descrever e apresentar o “verdadeiro caráter do campinense”.

Na festa do centenário foram produzidos vários símbolos que comemoravam um passado homogêneo e harmonioso: o *Monumento ao Centenário* e a Bandeira Municipal, seriam símbolos de toda a população campinense. Estes símbolos estariam marcados pela ideia de “progresso” e “desenvolvimento” da urbe que caminha para liderar os rumos econômicos e políticos da Paraíba e, num projeto mais ambicioso, do Nordeste.

Estes símbolos e discursos seriam formadores de uma identidade, neste caso, uma identidade municipal. O “campinismo” conceito pelo qual procuramos caracterizar a ideologia afirmadora da superioridade cultural, econômica e política dos naturais do município de Campina Grande. Entendemos que a primazia desta identidade surgiria nas comemorações do centenário.

Esta concepção foi adotada por Marques (2012) em sua dissertação de mestrado, sendo que a proposta inicial foi do jornalista Stenio Lopes (1989, p.74-75). Segundo Lopes, o “campinismo”

é esse estado de espírito que coloca Campina Grande acima de tudo na querência e na predileção, em se tratando de realizar obras ou prestar serviços à cidade e à sua população, em se tratando de não deixar que esta cidade seja prejudicada, de qualquer que seja a forma, em sua penosa escalada para o progresso.

A ideologia do “campinismo”, presente neste trabalho, tem a seguinte vertente: extrema valorização das pessoas que são filhos de Campina Grande, ou dos filhos adeptos, desde que os mesmos demonstrem seu amor à cidade através de grandes atos e gestos.

Um elevado apego dos campinenses por sua terra. Que em certos momentos tende a exacerbar-se: nas disputas estaduais, nas eleições e nas comemorações cívicas. Neste trabalho, apontamos que o grau de envolvimento e de produções discursivas, simbólicas e materiais durante o centenário de Campina Grande, proporcionou o surgimento deste sentimento e desta identidade.

Como artífice da casa de Clio, procuramos trazer algumas contribuições para o debate que ronda a nova história política, bem como, lançar novos olhares e leituras sobre a festa do centenário de Campina Grande. Que outro discípulo de Clio lance novas leituras e possibilidades de análise sobre os cem anos da *Rainha da Borborema*.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Joabe Barbosa de. “**Entre o Elenco e a Cena: O Teatro do Poder no Governo Argemiro de Figueiredo na Paraíba entre 1937 e 1940**”, Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. Vol. 1. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando tradições, construindo memórias: a “Revolução de 1930” na Paraíba**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

_____. **Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935 -1945)**. Tese de Doutorado, apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

_____. Com as fotografias em cima da mesa: o que fazer historiador? (IN): **Epistemologia, historiografia e linguagens**. (Orgs). ARANHA, Gervácio e SILVA FARIAS, Elton John, Campina Grande: Edufcg, 2013.

AGRA DO Ó. Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959)**. Campina Grande, EDUFCEG, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A necessária presença do outro – Mas, qual outro? Reflexões acerca das relações entre história, memória e comemoração. In: **História, memória e comemorações**. (Orgs). CEBALLOS, Rodrigo, BEZERRA, Josineide da Silva. Campina Grande: Edufcg, 2012.

ARANHA, Gervácio Batista. **A História Renovada: a emergência dos novos paradigmas**. Revista Saeculum, UFPB, 1998/99, p. 41-73.

_____. **Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

_____. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: AGRA DO Ó et all (Orgs.) **A Paraíba no Império e na República**: estudos de história social e cultural. – 2. Ed. João Pessoa: Ideia, 2005,

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. "**A Ciranda da Política Campinense**". In: GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**: Ed. PMCG, 2000.

ARAÚJO, Fátima. **História e ideologia da imprensa na Paraíba**. Edição ilustrada, João Pessoa, 1983.

ARAÚJO, Railane Martins de. **O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba**: Imprensa, imaginário e representações (1958-65). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: fevereiro de 2009.

_____. **Manifestações da cultura política paraibana**: a campanha estadual de 1960. *Antíteses*, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 463-485. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>

BALANDIER, George. **O Poder em cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BARROS, José D`Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: A Revolução Francesa da Historiografia. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994

_____. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter e BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. Título: **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada**: Campina Grande, imagens e histórias. Campina Grande: UFCG, 2009.

CÂMARA. Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**: esboço histórico-social do povoado e da vila (1697 a 1864). Campina Grande: ed. Cavela, 2006.

_____. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Editora Caravela, 1988,

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAVALCANTI, Silêide L. Oliveira. Campina Grande de (fl) vorada por forasteiros: Passagem de Campina Grande patriarcal a Campina burguesa. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**: Ed. PMCG, 2000.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **O PCB Paraibano no Imaginário Social**: O Caso Félix Araújo na Fase da “Redemocratização” (1945-1953). Dissertação Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006.

CITTADINO, Monique. **Poder Local e ditadura militar**: o governo de João Agripino – Paraíba (1965-1971). Bauru: Edusc, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHAUI, M. S. **Brasil** - mito fundador e sociedade autoritária. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** - Comentários sobre a sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DE LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005

Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/resumo-critico-acerca-do-artigo-historia-dos-nos-e-por-meio-dos-periodicos-de-tania-regina-de-luca/72983/#ixzz2uc9WauZW>

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Jorge. O Governo João Goulart e o Golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. (Orgs.) Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias de. **Fotografia e desenvolvimento social: um recorte da realidade**. Campina Grande: EDUEPB, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Ed^a 25. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1979.

FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. In: **Saeculum- Revista de História**, ano 13, n. 16 (2007) João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun.2007.

FREIRE, Libny S; BARBOSA, Antônio Carlos Amaral. MARINÊS E SOLANGE ALMEIDA: A indústria fonográfica no xaxado e na pisadinha. IN: **III Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música Popular**, 2011.

GEERTZ, Clifford. Centros, Reis e Carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: **O saber Local: novos ensaio em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne, Petrópoles: Vozes, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário**. In: _____Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

_____. **Os fios e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **História noturna** – decifrando o sabá. Tradução de Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOUVEIA, M^a de Fátima. **A história Política no campo da história cultural.** Revista de História Regional 3(1): 25-36, Verão, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha, SOIHET, Raquel, GONTIJO, Rebeca (Orgs). **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GORBERG, Samuel. **Figurinhas:** Sucesso de Marketing. Disponível em <http://www.brasilcult.pro.br/ensaios/figurinhas/figurinhas.htm>. 25.03.2013.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.) **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JULLIARD, Jacques. **A Política.** IN: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs). História: Novas Abordagens. Rio de Janeiro, F.Alves, 1988, p. 181-195.

KELNNER, Douglas. **A cultura da mídia. Estudos Culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: EDUSC, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs). **História:** Novas Abordagens. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

_____. **O Imaginário Medieval.** Trad. De Manuel Ruas. Portugal: Editorial Presença, 1994.

_____. **História e Memória.** 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões socioeconômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984),** Tese de Doutorado em História Econômica. Universidade de São Paulo, 2004.

LIMA, E. C. A. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª. ed. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

MELLO, José Octávio de Arruda; GUEDES, Nonato; BARBOSA, Sebastião; OLIVEIRA, Carla Mary S. NÓBREGA, Evandro. **O jogo da Verdade**: revolução de 64 - 30 anos depois. Editora: A União, 1994.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virginia Maria. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MORAES, J. G. V. **História e Música**: a canção popular e o conhecimento histórico. Revista Brasileira de História, sp, v. 20, n.39, p. 203-221, 2000.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: o centenário da independência no Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, M. **História e Música** - História Cultural da Música Popular. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). **Fontes Históricas**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005, v. 1.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A Problemática dos Lugares. In: Projeto História. nº 10, 1984.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As Festas que a República Manda Guardar**. Revista de Estudos Históricos. v.2, n. 4, 1989. Disponível em www.cpdoc.fgv.br, 2006.

OZOUF, Mona. A Festa: Sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.) **História**: Novos Objetos. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989, p. 216-232.

PANOFSKY, Erwin. **Significado Nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v.2, n.3, 1989. Disponível em www.cpdoc.fgv.br, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RÉMOND, René. (Org) **Por uma História política**. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.

_____. **Por que a História Política?** Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.

SANTOS, Fabrício Pereira. **A cultura política do moderno em Campina Grande: o caso da campanha eleitoral municipal de 1959**. Trabalho Acadêmico Orientado, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida. Raízes históricas de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**: Ed. PMCG, 2000.

SILVA, U. M. **Representações geográficas nas composições de Rosil Cavalcanti**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **“Rememoração” /comemoração: as utilizações sociais da memória**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, nº 44, p. 425-438, 2002.

SOARES, Anderson Leandro Fontes. **Um império de comunicação na Paraíba: reportagem sobre a história do Sistema Correio de Comunicação**. 2009. Monografia (Bacharelato em Comunicação Social) - Universidade Federal da Paraíba.

SOUZA, A. Clarindo B. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos**. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

_____. O dia em que a cidade (quase) pertenceu a todos: o centenário de Campina Grande (1964). (IN) SOUZA, A. Clarindo B. DAMASCENO, Francisco José Gomes (Orgs) **Cidades (re) inventadas: sujeitos, fontes e histórias em cidades da Paraíba e do Ceará**. 1ª. Ed. Fortaleza: Eduece/Edufcg, 2010.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo & Coronelismo**: fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954-1964) Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas à Castelo Branco (1930-1964). 9ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOLEDO, Caio Navarro de. A democracia populista golpeada. In: _____ (org.). **1964 – Visões críticas do golpe**: Democracia e reformas no populismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FONTES

ARQUIVO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

- *Jornal O Diário da Borborema* (1961 – 1965)

FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO

- *Jornal Correio da Paraíba* (1964)

ARQUIVO DA CÂMARA DOS VEREADORES DE CAMPINA GRANDE– CASA FELIX ARAÚJO

- Ata da Câmara Felix Araújo (1961 – 1964)
- Livro de Vetos (1961 – 1964)
- Livro de Projetos de Lei e Pareceres (1961 – 1964)
- Telegramas expedidos e recebidos (1961 – 1964)
- Livro de Requerimentos (1961 – 1964)

ARQUIVO DO MEUSEU DO TELEGRÁFO – CAMPINA GRANDE

- *Jornal Diário da Borborema* (1961 – 1964)
- *Semanário Oficial de Campina Grande* (1961 – 1964)

ARQUIVO PESSOAL DE SÉRGIO RICARDO

- Álbum das Figurinhas de Campina Grande
- CD do Centenário de Campina Grande
- Discurso de despedida de Newton Rique a Rádio Borborema
- LP do Centenário de Campina Grande

ARQUIVO PESSOAL DE JOÃO JERÔNIMO DA COSTA

- Álbum pessoal de João Jerônimo da Costa
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza. **Campina Grande e sua função como capital regional**. Rio de Janeiro: SESI, 1964. p.29.

RELATOS ORAIS

- João Jerônimo da Costa - entrevista concedida ao autor em 26 de jun. de 2013.

LITERATURA DE CORDEL

- MONTEIRO, MANOEL. **Campina dos meus amores**: ode a Rainha da Borborema. 4ª Edição. Campina Grande: 06/2011.

SITES CONSULTADOS

<http://langsteinblog.wordpress.com>

<http://www.tre-pb.jus.br>

<http://cgretalhos.blogspot.com.br>

<http://cpdoc.fgv.br/>

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://www.onordeste.com>

<http://www.youtube.com>

<https://www.facebook.com>

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>

<http://accg.com.br>

<http://almanaquecampinagrande.blogspot.com.br>

<http://paraibanos.tumblr.com>